

UC-NRLF



B 3 790 008



BERKELEY  
LIBRARY  
UNIVERSITY OF  
CALIFORNIA





8/2

45.57



**BIBLIOTHECA UNIVERSAL**

---

**OS GUERRILHEIROS DA MORTE**





BIBLIOTHECA UNIVERSAL

DEDICADA AO VISCONDE DE CASTILHO

---

OS  
GUERRILHEIROS  
DA MORTE

ROMANCE HISTORICO

ORIGINAL DE

M. PINHEIRO CHAGAS



LISBOA  
ESCRITORIO DA EMPRESA

Rua dos Calafates, 93

—  
1872

A empresa reserva-se o direito de reproducção e traducção

69929233

---

**Typ. Universal de Thomaz Quintino Antunes, impressor da Casa Real**  
**Rua dos Calafates, 110**



AO. ILL. <sup>mo</sup> EX. <sup>mo</sup> SR.

~~1612A~~  
PQ9261  
P54G8  
1872  
MAIN

## VISCONDE DE CASTILHO

---

Ill. <sup>mo</sup> Ex. <sup>mo</sup> Sr.

A empresa da BIBLIOTHECA UNIVERSAL, dedicando esta publicação a V. Ex.<sup>a</sup>, quer, não só prestar uma sincera homenagem ao primeiro poeta portuguez, e a um dos mais eminentes vultos da litteratura européa contemporanea, mas tambem mostrar que aprecia devidamente os serviços por V. Ex.<sup>a</sup> prestados á instrucção do povo, e o zelo ardente com que V. Ex.<sup>a</sup> se tem empenhado em evangelisar, em servir, em defender a santa causa da illustração popular, que é o elemento mais serio do progresso justo e democratico.

V. Ex.<sup>a</sup> com o seu immenso talento, com o prestigio da sua sublime poesia, com a rara intuição do seu genio procurou facilitar ás creanças e ao povo a entrada nas regiões do saber, e, não contente de arrojar ao mundo essa

idéa fecunda, não cessou de apostolar, nos seus maravilhosos canticos, o pensamento da instrucção generalizada, não cessou de pedir aos magnates do poder e aos grandes de intelligencia, que esmolassem ao povo, esse pallido mendigo, que ás vezes se ergue terrivel na hora das revoluções, o alimento do espirito, não menos necessario, não menos indispensavel do que o alimento do corpo. Foi V. Ex.<sup>a</sup> que escreveu estes admiraveis versos :

Tenha embora o saber pobres, ricos, morgados,  
como a riqueza os tem, como os tem o poder.  
A harmonia geral pede tons variados ;  
no saber soffre graus, não parias no saber.

E o povo quasi todo é paria em toda a parte,  
é Lazaro esfaimado aos pés do grão festim ;  
o engenho creador em vão seus dons disparte,  
chove-os a imprensa em vão, dia e noite e sem fim.

Ao povo nada chega entre tanta abundancia ;  
em tanta luz immerso, o povo nada vê ;  
julga-se livre, e é servo, adulto e jaz na infancia,  
é que o saber é tudo, e a multidão não lê.

Estas sublimes estrophes resumem o evangelho do porvir. V. Ex.<sup>a</sup> não foi o lyrico brilhante, que se embala n'um esteril subjectivismo, foi o poeta do combate, foi o trova-



dor da cruzada sublime contra a ignorancia, foi o apostolo de uma religião de luz e de amor.

A esta verdade, que hoje todos reconhecem, quizemos nós prestar uma respeitosa homenagem ; nós que procuramos fazer com que o povo leia e aprenda, não podíamos deixar de collocar a nossa humilde tentativa, não só debaixo da protecção de um dos mestres da lingua, de um dos principes da litteratura, mas tambem debaixo da egide do iniciador, do apostolo, quasi que diríamos do martyr da instrucção popular.

Acceite V. Ex.<sup>a</sup> benevolmente este humilde testemunho de consideração de quem tem a honra de assignar-se

Lisboa, junho de 1872.

De V. Ex.<sup>a</sup>

Admiradores e criados obrigadissimos

*Lucas & Filho*

Empresarios da BIBLIOTHECA UNIVERSAL.



## RESPOSTA A UMA CARTA

Em que o sr. Eduardo Coelho, da parte dos empresarios da « Bibliotheca Universal » convidára ao sr. visconde de Castilho a acceitar a dedicatoria d'esta obra

---

Meu caro sr. Eduardo Coelho.

Como havia eu de furtar-me á honra que tão graciosa-mente se me offerece n'esta sua carta? Aceito-a para meus filhos, e por elles e por mim a agradeço.

Quer pois o seu, e já agora meu amigo tambem, o sr. Rocha pôr o meu nome na frente do monumentinho litterario, que projecta consagrar, como honrado portuguez, ao credito e melhoramento da nossa terra. Dá-me com isso o gosto de reconhecer, por uma demonstração solemne, que não trabalhei totalmente em vão quando puz peito a servir a mais que desamparada causa da instrucção publica. Houve ainda, e ha, como se vê, Deus louvado, homens de bem que me secundaram e continuam a ajudar-me no empenho santo de se ir enfim accendendo alguma luz ao povo, que o encaminhe enquanto não faz

dia claro. Bem hajam elles ! assim os seus votos se não mallogrem como em grande parte acontece aos meus.

Para grangear em auspícios prosperos á sua empresa, bem podiam os editores da BIBLIOTHECA UNIVERSAL ter encontrado para a sua dedicatória muito melhor nome do que o meu, que nada mais symbolisa que bons desejos ; mas foram tão generosos, que nenhuma outra coisa quizeram senão galardoar-m'os ; a boa fortuna que lh'o pague por mim, que nada mais sei nem posso do que agradecer-lh'o.

Bem ou mal augurada, a empresa que forceje por se desempenhar do seu agio e louvavel commettimento de ajudar, quanto em si caiba, a nossa morosa ascensão para regiões menos escuras, frias e tempestuosas, do que esta em que miseravelmente nos revolvemos e definhamos.

O plano do nosso carissimo empresario, quanto pelos seus contornos geraes se póde julgar, parece-me do maior acerto. Para os curiosos politicos tinhamos leitura de sobra ; para os gulosos de noticias ainda mais ; tinha-mol-a excessiva para os que se apascentam nos escandalos, odios e improprios, e mais excessiva ainda para os devoradores de novellaria sem substancia nem prestimo, antes enervadora e venenosa. O de que se carecia para contrapezo a tudo isto é o que o nosso amigo, e amicissimo dos nossos filhos e netos, tem a generosa temeridade de emprehender, e que todos devemos e por todas as maneiras auxiliar : compilar-nos e vulgarisar o mais possivel

uma bibliotheca accessivel a todos os gostos, a todos os entendimentos, e a todas as bolsas, na qual se alternem e entremeiem com os romances, historias e poemas, as obras de instrucção popular mais pratica em todos os generos e ramos de conhecimentos de prestimo. Não me parece que haja hoje em dia outro modo de fazer algum serviço verdadeiro á civilisação, senão este de acamar os fructos mais selectos nas flôres mais apraziveis ; o nutritivo e sobretudo o medicinal já se não toma senão disfarçado no deleite.

A leitura, meu bom Eduardo Coelho (e aqui falo eu a quem me entende perfeitamente), póde ser a melhor ou a peor coisa do mundo ; póde produzir civilisação e felicidade, ou barbárie e cahos. Fundar uma escola primaria é sempre um acto de caridade, quanto ás intenções, mas em realidade problematico e temerario. Se a escola não tiver tambem a peito semear e radicar moral e bom senso, fracas benções lhe póde lançar uma philosophia sisuda. E ainda assim não basta que o mestre seja ao mesmo tempo educador exemplar, amante e persuasivo ; é indispensavel que os alumnos da sua escola encontrem depois livros accessiveis aos fracos haveres do povo, claros e convidativos, e sobretudo liberalisadores de noções verdadeiras e proveitosas. Em terra nenhuma ha maior carencia de tudo isto do que em Portugal. As escolas são poucas ; os methodos de ensino absurdos e peiores que se fossem só estereis ;



a educação moral nulla, e peor que se fosse unicamente nulla; o aperfeiçoamento corporal peor que desservido, contrariado. D'estes antros malditos, chamados por escarneo aulas, que até ao fim da vida ficam lembrando com horror, e d'onde nada bom se trouxe, tendo-se deixado lá os annos melhores da vida, sahe-se com uma repugnancia invencivel e incuravel á lettra redonda, occasionadora innocente de tantas sevicias covardemente infligidas, e no meio das quaes só ruins qualidades se contrahiram. Para corôa lastimosa de miserias, esse pouco ler, ou antes esse laborioso soletrar que a tanto custo se aprendeu, quasi que não encontra para seu emprego senão papeis e livros que mais repulsam do que attrahem, menos encaminham que desorientam, controvertem e abalam todos os principios mais fundamentaes da sociabilidade humana.

Em desconsolado prazo, meu amigo, viemos nós ao mundo. Querem chamar a isto periodo de transição; mas para onde, para que, e para quando, é que ainda nos não disseram. Se alguém nos prophetisasse que a geração subsequente, indo as coisas por este andar, havia de colher para si bons fructos do solo em que nós outros estamos apodrecendo para adubio, ainda com essas miragens longinquas nos poderamos consolar como quer que fosse; mas o peor é que os nossos descendentes, segundo a criação, doutrinas e exemplos que hoje se lhes estão preparando, hão de sair naturalmente ainda peiores, e deshonnar

ainda mais aos seus avós, do que muita d'esta gente de hoje deshonra, até por systema, toda quanta humanidade a precedeu, e lhe testou debalde monumentos, gloria, lições e exemplos de todo o genero. A moda geral dos que actualmente desabrocham á luz é não trabalhar senão para a demolição completa do passado, no presupposto de que a especie humana, toda sempre e em toda a parte, foi irracional, e andou perdida emquanto não chegou esta camada de sciencia infusa, estes Messias de nova especie que hão de salvar o proximo crucificando-o.

O peor e o pessimo é que esta abjuração insensatissima, e ainda crescente, de todo o passado, desafia e promove e robustece cada vez mais, a reacção com que esse mesmo passado se vinga do presente, procurando resuscitar contra as conquistas do tempo e da razão o fanatismo, a tyrannia com todo o seu sequito de horrores e miserias. Aos amoucos do passado contra o presente ninguem podia dar mais fortes armas do que lhes estão dando estes imprevidentes amoucos de um futuro phantasmagorico e arriscadissimo; tanto assim que já sentimos os retrogradados e obscurantes favorecerem com todos os seus votos e diligencias a estes seus implacaveis adversarios; e com razão os favorecem, porque anteveem que as victorias mesmas é que os hão de precipitar, e, chegadas as coisas a segundo cahos, poderão empolgar de novo o mundo que para sempre lhes fugia.

Esperemos que a uns e outros fanaticos os ha de por

derradeiro confundir a Providencia; e o mundo, cansado de duas insensatezes e das duas tyrannias oppostas, retomará serenamente o caminho do meio, o unico verdadeiro caminho do progresso; porque tão abomináveis, em ultima analyse, são as fogueiras dos inquisidores, como os incendios dos petroleiros; tão ridiculo o *crê ou morre*, como o *descre* ou *anniquilo-te*. Ponha-se embora ou conserve-se, porque sempre o houve, um cordão sanitario entre o preterito e o presente; no impedir passagem aos males não se prohiba aos bens que venham seguindo o caminho que Deus lhes determinou ao longo dos tempos; mas paralelo a este cordão sanitario desejemos outro com igual encargo e responsabilidade, que prohiba ao presente perverter e desgraçar o futuro que lhe não pertence.

Eu peço-lhe desculpa, meu caro Eduardo Coelho, de ter dado aqui tão larga redea a melancolias que talvez sejam exaggeradas e oxalá! Recolho-me ao nosso proprio assumpto.

O intuito da BIBLIOTHECA UNIVERSAL, como eu o comprehendo, parece-me credor dos agradecimentos de todos os homens de bem; e tanto mais, quanto mais arduas e espinhosas são, muitas vezes, as emprezas realmente louváveis do que outras quaesquer.

Se eu soubesse dar benções que valessem, ou conhecesse fadas de varinha de ouro dispostas a bem fadar no berço os desejos uteis, fadas e benções havia de as applicar agora

em confirmar nos nossos empresarios a sua heroica resolução de resistirem sempre, por sua parte, á cheia que ainda vem crescendo do pessimo gosto no escrever.

Jámais por desculpa ou negligencia d'elles, se augmente o rol dos livros sibillinos feitos de nada e para nada bom, deshonras posthumas de Guttemberg e de que até a esphinge dos enigmas parvos se correria. A sciencia verdadeira é sempre clara, como tambem é sempre amante e harmonica.

N'este voto me acompanham de certo, quantos espiritos sisudos andam já indignados da tonteria que tanto lavra, de se imaginar que o senso commum, que as opiniões respeitaveis, que as reputações consagradas, que os instinctos do bom, do verdadeiro e do justo, se hão de esbombardear com bolhas de sabão. Que diria d'estes livros e de quem os faz, de quem os pregôa e de quem os soffre, o maior homem da antiguidade, o nosso Ciceró, se caísse em resuscitar hoje ! elle que assim escrevia ao seu digno amigo Attico : « *Serapionis ad me librum misisti, ex quo quidem ego, quod inter nos liceat dicere, millesimam partem vix intelligo.* » <sup>1</sup>

« Mandaste-me o livro de Serapião, diz Cicero. Seja-me licito dizer isto aqui entre nós : mal entendi de todo elle a millesima parte. »

<sup>1</sup> E a carta xxx da edição Panckoucke. Tom. 1, pag. 190.

Nada de livros de Serapiões na BIBLIOTHECA UNIVERSAL, meus bons amigos; nada de estylo Serapião. Ciceros e Atticos entendem-se, amam-se, e instruem-nos ainda depois de morta a lingua em que escreveram, e ao cabo de quasi dois mil annos. Serapiões morrem á nascença; o seu epitaphio é um zero, o seu elogio funebre, o riso. Porta trancada aos Serapiões.

Lisboa, 21 de junho de 1872.

*Castilho.*



## INTRODUÇÃO

Instancias para nós obsequiosas dos benemeritos editores e proprietarios da BIBLIOTHECA UNIVERSAL, como que nos forçaram a prometter-lhes tal qual introdução de character atcommodado, que por analogia ao assumpto lhes servisse para collocar á frente da sua util e já auspiciosa empresa. Destina-se esta, como é sabido, á publicação de bons e originaes romances portuguezes, e á esmerada reproducção de outros escolhidos com discernimento entre os escriptores estrangeiros contemporaneos de mais justificado credito.

Havendo, pois, de desempenhar-nos do compromettimento contrahido, temos que mais aprazerá aos leitores da BIBLIOTHECA, a quem porventura possam aproveitar taes lucubrações, em vez de offerecer-lhes trabalho de lavra propria, para que de presente nos fallecem as forças e repouso necessarios, cerzir apenas com linhas caseiras em brevissimo esboço o que de melhor achamos escripto por

pennas autorisadas, e a cujas opiniões damos pleno assenso, ácerca da historia e progresso do romance, e da indole d'este genero, que tão vastas proporções tem assumido nos dominios da moderna litteratura.

---

## I

Um laborioso e abalisado escriptor do seculo xvii, o bispo de Avranches, Huet, compoz e imprimiu em 1670, a proposito da *Zayda* de M.<sup>me</sup> de la Fayette, então saída a lume pela primeira vez sob o nome de Segrais, um douto e noticioso tratado — *Sobre a origem dos romances*. Esta obra, que ha tido diversas reimpressões, é ainda agora consultada e lida com gosto, ao menos d'aquelles que não chegam ao excesso de considerar atrazado e desprezível por inepto tudo o que teve a infelicidade, ou o senão imperdoavel de vir á luz antes que os taes sapientes deixassem nas mãos das amas as faixas infantis.

No seu livro o erudito prelado qualifica os romances de « amena diversão de honestos preguiçosos », e os define « ficções de aventuras amorosas, escriptas em prosa com arte, para recreio e instrucção do leitor ». Esta definição,

por elle ampla e longamente desenvolvida e exemplificada, contentaria talvez os leitores do seu tempo, que se compraziam, como M.<sup>me</sup> de Sevigné, em « misturar á frivolidade algum tanto de solidez » ; mas parecerá de certo mesquinha aos do nosso seculo, cujos paladares se acham estragados pela prodigiosa variedade do romance moderno. E comtudo, não é ella tão antiquada quanto poderia crer-se : é, se tanto, apenas incompleta.

Nascido da necessidade de distracção, e do gosto que todos os povos teem pelas fabulas, o romance é uma narração como a epopéa, com as differenças que estremam a prosa da poesia, a narrativa familiar e correntia da composição regrada e séria, e o modo de ser da vida burgueza do ideal e dos sentimentos heroicos. Na litteratura da Europa meridional o romance e a epopéa confundem-se até na origem, e não tinham mais que um mesmo nome, tirado conforme a opinião de Huet, da linguagem appellidada romana ; isto é, do latim transformado que falavam os narradores de Provença. É uma etymologia, que vale tanto como qualquer outra.

A arte de contar em prosa veio a formar-se mais tarde, trazida pela precisão de produzir novidades, e de compôr com maior facilidade e presteza. Os autores chegaram a pintar os costumes, sentimentos e paixões da sua epoca ; e quando se reconheceram possuidores de um talento superior, elevaram-se ao estudo dos caracteres, e á expressão da verdade geral e universal.

Sabe-se até onde elles teem levado a sua ambição. Já em 1823, um distincto romancista e homem d'estado, Mr. de Salvandy, preambulando o seu *Alonzo*, deixava

cair da penna estas significativas phrases : « Tudo pode ser comprehendido em um genero que, abraçando de uma vez o *Emilio* e a *Cyropedia*, *Gulliver* e *Tom Jones*, *Corinna* e o *Romance comico*... as creações de Rabelais e a obra prima de Cervantes, pertence simultaneamente á pastoral por *Paulo e Virginia*, á politica por *Belizario* e *Lascaris*, á historia por *Ivanhoé* e os *Puritanos d'Escocia*, á epopéa pelo *Telemaco* e os *Martyres*.—Vasto como a imaginação, e transmutando-se como a sociedade, o romance escapa a toda a definição, solta-se de todas as peias. Ora penetra com Fontenelle no sanctuário das sciencias, ora interroga a antiguidade sob os passos de Barthelemy. Não conhece outros limites mais que os do sentimento, e do pensamento. Seu dominio é o universo. Medindo o seu cursar sobre os progressos da civilização, enriquece e prospera com tudo o que a desenvolve, definha e esmorece com tudo que a attenua. Assim reflecte vivamente a imagem d'esta rainha do mundo. Eis o seu verdadeiro brazão, e a sua gloria ».

Depois d'este brilhante panegyrico, o romance moderno avançou ainda a largos passos em seu caminhar incessante. Apoz a revolução de 1830 vimol-o agitar e resolver ao arbitrio da paixão e do sophisma as questões mais intrincadas, e os problemas mais terriveis da humanidade. Trabalha, é certo, na *instrucção dos leitores*, mas por maneira mui diversa da que entendia o bispo Huet, e sem se preoccupar como elle da arte e do estylo. O publico não é comtudo exigente em demasia; e pode bem presumir-se sem receio de errar, que tanto o prazer como o bom senso e o gosto se contentariam facilmente de menos audacia e

mais simplicidade. Seja porém como for ; moral, philosophico ou historico, o romance reduz-se em todo o caso á pintura de costumes ; e, como diz um critico de reconhecida e indisputavel competencia : « O que o erudito bispo d'Avranches designava como origem ou fonte unica dos romances, é, senão exclusiva, pelo menos a mais fecunda e abundante. Não se pode inventar cousa melhor e mais perfeita que o amor ; e em nossos dias o admiravel Walter Scott nas suas creações tão brilhantes e tão numerosas, n'esta vida nova que soube insuflar no mundo romanesco, tornando-o por vezes mais verdadeiro que a historia, vae ainda pedir as suas mais tocantes inspirações á pintura d'esta paixão, que de tão longo tempo dá que fazer aos lapís de romancistas e de poetas ». (Villemain, *Essai sur les romans grecs*).

Em tamanha variedade de materia e de fórmãs, as regras particulares do genero não podem ser outras que os preceitos universaes do gosto : isto é, verdade nos caracteres, observação justa e delicada, verosimilhança nos factos, medida e sobriedade nas analyses, nas descripções e nas pinturas ; finalmente, movimento e rapidez da narrativa, condição mais que tudo indispensavel para leitores francezes, e para os que com elles se habituaram a pensar e sentir. Será ainda necessario ajuntar a estes requisitos a decencia e a dignidade ? Desgraçadamente os livros teem mais liberdade que o theatro, onde todavia ha já bastante e sobeja ; e aquellas que os romancistas tomam frequentemente com os costumes, vão de dia em dia tornando mais difficil a escolha dos bons romances. Cumpre proscrever com egual severidade os paradoxos, e os erros que falsifi-



cam e destroem os principios eternos da moral, verdadeiros sustentaculos da sociedade. « Ha (diz outro critico contemporaneo, que tem no assumpto a autoridade conferida duplamente por uma erudição pouco commum, e por um juizo tão agudo quanto solido) ha romances escriptos sob a pretensão perniciosa de pôr o ideal fóra do bem. Esta pretensão é ordinariamente a dos seculos decadentes, em que a corrupção passou do coração para o espirito, e em que as paixões cessam de ser transportes ou arrebatamentos dos sentidos para se transformarem em doutrinas. O sophista dá o braço ao libertino; já lhes não basta o prazer, é necessario o escandalo, e o escandalo chega a ser tido como uma especie de victoria ganhada sobre a moral; graças ao instituto dos papalvos, que tomam á conta de nobreza e elevação do animo o que em verdade não passa de insolencia e desaforo ! » (St. Marc-Girardin, *Cours de litter. dramatique*, chap. 39.)

Os seculos xviii e xix se teem tornado estranhamente culpaveis d'essa intrepidez de imaginação, que não recua diante de licença alguma, e d'essas corrupções audaciosas, que para excitar o gosto do publico lhe ministram em largas e medonhas proporções os elementos mais perigosos. Outra invenção, porém, estava ainda reservada para os nossos dias. Começou em França ao que parece, e não sabemos se já se estendeu a moda a mais alguma parte. Foi a de fazer do romance uma especie de mercadoria litteraria, de o metter, como agora se diz, em *commandita*, ou melhor em officina de trabalhos braçaes, distribuindo a execução e os pormenores a collaboradores, e guardando para si o chefe da empresa a direcção suprema, a honra do

nome de autor, e a principal retribuição pecuniaria. « É assim (diz o escriptor a quem nos acostamos) que temos visto principiar e concluir em proveito dos jornaes politicos e dos romancistas de fama essas longas enfiadas de bosquejos ditos de folhetim, onde mão quasi sempre inhabil e distrahida traça os contornos irregulares e confusos, mistura as cores, e pouco se lhe dá da similhaça ou disparidade dos retratos. É assim que se ajustam esses effeitos dramaticos, conseguidos á força de inverosimilhaças, e de concessões arrancadas ao bom senso ; essas armadilhas de intrigas esboçadas, que se quebram diariamente no fim da pagina para se reatarem, Deus sabe como, no dia seguinte, sem curar dos descuidos, das incoherencias, e das repetições ; essas narrações interminaveis renovadas de *Alarico* e de *Clelia*, que nos levam a suspirar pelo tempo em que os romances tinham um fim e um remate ». Ainda *Cyro* e *Clelia* falavam ao menos francez, ao passo que os seus successores teem substituido o seu estylo precioso e as suas dissertações alambicadas por um idioma ensosso, rasteiro e incorrecto, quando não é aliás pretencioso e empolado. Isto pelo que diz respeito ao gosto e á linguagem. Quanto ao mais, e é de certo o peor, a honestidade e a moral continuamente espesinhadas, revoltam-se contra o systema odioso d'essas imaginações desenfreadas, que porfiam em transformar a sociedade em espelunca de salteadores, e fazem da familia um covil de vicios dramaticos. É comtudo certo, e pede a verdade que se diga, que as *revistas* periodicas poupam o leitor n'esta parte muito mais que não o fazem os jornaes quotidianos ; que, a despeito de qualquer predilecção ephemera do publico, as obras im-

moraes e extravagantes depressa preenchem o seu giro ; e que os bons romances só e unicamente sobrenadam, como livros de merito, escapos ao naufragio geral.

---

## II

Não é do nosso intuito dar aqui a historia circumstanciada do romance, que por sua extensão forneceria materia para grossos volumes. Temos de limitar-nos, e ainda assim perfunctoriamente, á indicação dos pontos essenciaes.

Os contos e as fabulas são de longinquas eras communs a todos os povos. Tem os arabes as *Mil e uma noites*, e os indios conservam as suas antiquissimas e interminaveis epopéas. Entre os gregos o genero romanesco parece datar de Platão e Xenophonte. O bispo de Avranches com a maior seriedade, e o mais profundo respeito pretendia fazer-o remontar entre os hebreus ás parabolas dos livros santos, e ás allegorias do *Cantico dos canticos*. Mas sem ir tão longe, não podemos deixar de reconhecer na *Cyropedia* e na *Atlantida* os caracteres da ficção, que tanto impressionaram Cicero.

Cumprê comtudo observar que a vida publica e pratica dos gregos, nos tempos da sua prosperidade, por muito occupada prescindia facilmente d'estes recreios de « honestos preguiçosos » ; e que por outra parte uma civilisação que conservava as mulheres de estado decente encerradas nas sombras do gynecceu, não deixava margem para as pinturas d'amor, tal como o entendem os modernos.

Não restava pois para entretecer a tela dos contos e romances mais que logares communs, que com facilidade se exauriam, aventuras esquipaticas, historias de piratas e de creanças arrebatadas, e por fim os reconhecimentos, que eram o fundo monotono e obrigado do genero. Conhecemos as *fabulas milesias* apenas pela tradição ; mas pode-se bem adivinhar qual fosse o character d'estas produções da molle e voluptuosa Jonia, ao lermos que ellas escandalisaram os parthos, quando as encontraram em quantidade na bagagem dos logar-tenentes de Crasso ; pouco mais ou menos do modo porque os officiaes francezes ficaram estupefactos, quando em 1812 se lhes depararam nas ricas bibliothecas de Moscow os mais infimos e disparatados romances do seculo xviii. Não esqueçamos comtudo que a tão poetica historia de Psyché é dada por Apuleio como uma fabula milesia.

Na decadencia das letras gregas o genero fabuloso entrou em moda ; tanto que Luciano escreveu a sua *Historia verdadeira* com o intuito de escarnecer das viagens imaginarias, de que a Grecia andava inçada. O gosto obstinado de Racine, e a severidade dos solitarios de Port-Royal deram voga e popularidade aos *Amores de Theagenes e Claricléa*, primeiro typo dos romances de amor, e obra de

Helidoro, depois bispo de Tricca. Póde ler-se na carta de Huet a Segrays, ou melhor no *Ensaio* de Villemain sobre os romances gregos que chegaram até nós, o que é digno de saber-se ácerca d'estas composições, que, a falar verdade, parecem hoje pouco adequadas para inspirar interesse a leitores da actualidade.

Aos romanos chegou o gosto romanesco por imitação dos gregos: mas parece haverem-n'o cultivado mais nas declamações das escolas, que nas narrativas de imaginação. Póde-se no genero apontar apenas o livro odioso de Petronio; porém n'esse mesmo as unicas passagens legiveis são da critica, e não do romance. Quanto ao *Asno de oiro*, do africano Apuleio, apesar dos defeitos da mesma natureza, ao menos offerece invenções apraziveis, que provocam a rir a bandeiras despregadas.

Foi com a idade media, epocha de aventuras, de azares e de credulidade, que o romance attingiu por gradações successivas a sua verdadeira fórma, e alcançou popularidade universal. Ao tomar o seu nome moderno, elle assumiu de principio o character epico, e uma certa grandeza poetica e moral, devida incontestavelmente ás idéas e aos sentimentos christãos. A mulher obtivera então na sociedade o logar, que não mais deixou de occupar d'ahi em diante. A cavallaria povoara as imaginações de sentimentos acima do vulgar, e de aventuras maravilhosas. Da epopéa classica derivou-se o romance popular, mediante uma transição em que figuram as chamadas canções de *Gestas*, e os cyclos epicos de Rollando, do Sancto-Graal, de Alexandre Magno e de Robin-Hood. Estas legendas em verso divertiam a ociosidade, e serviam de entretenimento



nas horas de solidão, e nas longas vigílias. Passado porém um certo periodo acabaram por enfastiar-se de Rollando e dos seus pares. Veiu então o romance allegorico. No seculo xiv elle conserva ainda a fórma metrificada, mas ensaia-se na pintura e na satyra dos costumes, como se observa no *Romance da Rosa*, e ainda mais no de *Renart* e suas imitações. Já d'ahi não vae longa distancia á prosa de Rabelais. É sabido quanto de allegorico se encerra na *Vida muito horrifca de Gargantua e de Pantagruel*; falta porém ainda a essa veia de invenção prodigiosa, que não conhece limites nem obstaculos, um dos grandes elementos, ou antes a mola real do romance moderno, o Amor! E os novellistas francezes da escola de Rabelais, Boaventura Desperiers, e a propria rainha de Navarra, pouco avançaram n'esse ponto sobre o cura de Meudon. Convinha-lhes de preferencia a galanteria ligeira e brilhante de Bocacio, e o *Decameron* serviu por mais de uma vez de modelo aos bons contadores francezes; ao passo que outras lendas italianas forneciam a Shakspeare entre outros assumptos de dramas os amores já agora immortaes de Romeo, e os ciumes mortiferos de Othello.

Deve-se a Rabelais a introdução do romance philosophico, em que principiam a figurar a politica, o espirito de exame e o scepticismo, que tamanho incremento vieram a tomar depois. Isto no mesmo tempo em que o amor platonico, sublimando até á extravagancia o ideal da delicadeza, apontara aos espiritos outro rumo diverso. Fazia reviver a cavallaria nas imaginações populares, e como que resuscitava a heroica e numerosa familia de *Amadis*, que em suas variadas mutanças e transformações (cabendo ahi

a nós portuguezes uma parte, em cuja discussão não entramos por inoportuna) logrou o privilegio de enthusiasmar os leitores hespanhoes, a ponto de transtornar-lhes as cabeças. E isto durante um periodo, que mais se alongaria se não apparecesse no mundo a preconisada obra de Cervantes. Foi essa apparição mais fatal para os romances de cavallaria, que o braço mesmo da governante e dos bons amigos de D. Quixote. *O engenheiro fidalgo de la Mancha* não só deu cabo da especie, mas bastou ainda para servir de brazão litterario á sua nação. Póde affirmar-se que até hoje o unico livro hespanhol que seja popular e conhecido na Europa é esse romance, obra prima de invenção philosophica e divertida, na qual a comedia e o sentimento se ligam com tanta felicidade como a loucura e a razão em seu phantastico protagonista.

Outra invenção nascida em Italia, a das pastoraes, exemplificada na *Aminta* de Tasso, e no *Pastor fido* de Guarini, produziu entre os povos meridionaes nova modificação e novo gosto no character do romance. Os amantes transformaram-se em pastores, e trocaram a lança pelo cajado. Em Hespanha Cervantes com a *Galatea*, Jorge de Montemór e seus continuadores com a *Diana*, depressa foram seguidos e imitados em Portugal, e sobretudo em França, onde o novo genero como que se naturalizou, fazendo por alguns annos as delicias dos francezes. Com elle nada perderam os sentimentos delicados, e a devoção de amor, proprios de uma sociedade espirituosa e polida até o excesso. D'esses sentimentos e das idéas que os acompanham são fiel, com quanto longa expressão, os vinte volumes de *Cyro* e de *Clelia*; e a M.<sup>elle</sup> de Scuderi cabe não

só a gloria, se póde assim chamar-se, de haver consagrado a estas divertidas ficções a sua fecunda e laboriosa imaginação, mas a prioridade de dedicar-se a um ramo de litteratura, em que as mulheres são chamadas a distinguir-se por seus dotes peculiares. Conjuntamente appareceu outra novidade: a introdução da historia no romance, ainda que por um modo facticio, que nada tem que ver com o romance historico moderno. Eram gregos e romanos de phantasia, evocados de seus tumulos pelos novellistas, para se apresentarem em scena trajados á franceza. A pintura dos costumes ganhava entretanto maior simplicidade, e tornava-se mais humana e verdadeira, posto que sempre nobre e delicada, sob a penna de outra mulher celebre, em *Zayda* e na *Princeza de Cleves*. Passar de M.<sup>me</sup> de la Fayette a Scarron é (segundo a phrase de La Harpe) «deixar a boa companhia para ir á taberna». E comtudo o *Romance comico* justifica sobejamente o seu titulo, para que possa omittir-se na apreciação do genero como o modelo mais acabado e explicito d'essa jovialidade popular que tão bem se ajusta ao caracter francez. Encontram-se entre Scarron e as comedias facetas de Molière pontos de contacto em tudo semelhantes aos que nos offerece a comparação de M.<sup>me</sup> de la Fayette com os dramas heroicos de Corneille.

Creríamos fazer ao *Telemaco* uma injuria enumerando-o entre os romances. Se Fénélon escreveu em prosa, se o seu espirito algum tanto chimerico mereceu como tal increpações a Luiz xiv, elle pertence todavia á familia dos grandes poetas pela elevação e sublimidade das idéas, e pela riqueza da imaginação e colorido.

Mas a ficção começa a descer das eminentes alturas a que subira para seguir as tendencias do espirito e dos costumes do novo seculo. Le Sage, que pertence ainda ao xvii pelo gosto e pelo estylo, posto que floreceu já entrado o immediato, soube dar-nos em *Gil Braz* o typo verdadeiro da natureza humana, com todos os seus contrastes de miseria e de elevação, de bom senso e de fatuidade.

Voltaire, apoiado no seu genio, e coadjuvado por imitadores que o não tinham, deu o ser a uma escola nova, em que as feições do romance padeceram notavel reviramento. Tratou-se não mais de divertir e recrear, mas sim de destruir, á força de licença e de impiedade.

Ponhamos de lado a pedanteria philosophica de Marмонтel, enojoso no *Belizario* e nos *Incas*, agradável com esforço, ainda que frio, nos *Contos moraes*. Deixemos egualmente as semsaborias pastoraes de Florian. O grande romance da epoca foi a *Nova Heloisa* em que a magia do estylo fez admirar sentimentos muitas vezes declamatorios, e situações falsas, cujo prestigio está hoje desvanecido em grande parte. João Jacques Rousseau soube exercer sobre os espiritos pelo enthusiasmo a mesma acção poderosa que Voltaire exerceu pela ironia. Tinha devorado romances na infancia, e levou a vida a compol-os; não que todavia deixasse fascinar-se pelos exemplos perniciosos de Diderot e de Crebillon filho, procurando como elles conseguimentos faceis na satyra e no escandalo. Esse é tambem o merito do abbade Prévost, pintor decente, inda que frequentemente difuso da paixão, dos erros e da desgraça; e pertence sobretudo ao primeiro e mais illustre discipulo de Rousseau, Bernardim de Saint-Pierre, que purificou de

toda a mancha o romance no seu immortal idyllio de *Paulo e Virginia*.

Assim no correr do seculo xviii haviam-se desenvolvido as faculdades do romance, e a sua disposição ou plano ganharam em variedade. A fórma primitiva da narração historica tinha-se ajuntado a da correspondencia epistolar, das memorias, das confissões: effeitos de uma popularidade que crescia todos os dias. Não tinham os outros povos da Europa ficado atraz da França. Swift, preconisado por seus patricios com o nome de Rabelais britannico, empregou o maravilhoso na satyra mordaz das loucuras humanas, produzindo as *Viagens de Gulliver*, que ainda hoje logram tal qual estimação, com quanto estejam tão arredadas das circumstancias politicas, e dos homens que o auctor tivera em vista ao traçal-as. Daniel de Foe, seu contemporaneo, achou uma feliz inspiração do genio na *Historia de Robinson Crusoe*, para nos pintar o homem separado do mundo, e combatendo com seus proprios recursos as miserias e os damnos da solidão. Trinta annos mais tarde Inglaterra e França applaudiram em *Tom-Jones* a jovialidade natural e faceta, posto que livre em demasia, de Fielding; em *Grandisson* e em *Clara Harlowe* as diffusas e patheticas pinturas de Richardson. Póde ainda citar-se entre as boas composições do genero *O Vigario de Wakfield*, onde Goldsmith soube dar a expressão conscienciosa, edificante, e algum tanto prolixa da vida familiar, dos sentimentos honestos e da virtude. Não foram estas obras primas ignoradas em Portugal, como testificam as versões que de todas se fizeram, nos tempos em que o conhecimento do francez e do inglez era prenda de mui poucos.

A Alemanha permanecia ainda vinculada á cavallaria, e ao maravilhoso um tanto pueril dos seus phantasmas e das suas ondinas, quando Goëthe veio escalear as imaginações commovendo-as profundamente com os *Sofrimentos de Werther*, o melhor dos seus romances na opinião ajustada de bons criticos. Se é certo, como se tem dito, que o suicidio do seu heroe se tornára contagioso entre os estudantes alemães, essa fidelidade muito escrupulosa da imitação seria mais uma prova da perigosa influencia exercida pelos romances sobre cabeças levianas. Bem era assás que de Werther imitassem os vagos desejos, as repugnancias, o desgosto da vida, do modo que o praticou pela mesma epoca o italiano Hugo Foscolo no seu romance de *Jacopo Ortis*.

A paixão pelos romances manifestada no seculo xviii como que tomou o character de mania phrenetica e insaciavel n'este que atravessamos. Todo o mundo os compõe, e todo o mundo os lê. Este genero de litteratura facil e lucrativa nos tem inundado de produções ephemerass, sobretudo depois da introdução do romance-folhetim, escripto a tanto por linha nas columnas dos jornaes. N'esta torrente immensa, que ameaça submergir-nos, sobrenadam todavia muitos nomes illustres, e muitas obras notaveis, e escapas á subversão geral.

Avultam na primeira plana dois escriptores de genio, M.<sup>me</sup> de Stael e Chateaubriand, cujos livros comtudo teem desegualmente resistido á acção do tempo. O estudo dos characteres, o sentimento apaixonado das artes e até das scenas dramaticas, não pouparam *Delphina* e *Corinna* a uma velhice prematura. Esse quadro interessante pelo

subjeito e pelo estylo, *Atala*, cujo prodigioso successo inebriará seu auctor dos gozos do amor proprio, tem perdido algum tanto do brilho, e mostra offuscada a riqueza do seu colorido. *René* sómente, escripto com o vigor do talento ainda não estragado pela adulação, se conserva como a expressão mais original e mais energica d'esse *vagar indefinível das paixões*, enfermidade do seculo, que começa em Rousseau, e não terminou com Alfredo de Musset. Os *Martyres* hão sido menos felizes; aspirando á epopea, o auctor não pôde elevar-se acima do romance, sem ser por outra parte francamente romancista; por isso que elle possuia todas as qualidades de poeta, excepto o dom dos versos.

Depois de Chateaubriand parecerá quasi ridiculo citar Fievée e o *Dote de Suzette*, M.<sup>me</sup> Cottin e *Malvina*, e ainda mais occupar-nos das longas, sinistras e pueris locubrações de Ducray-Duminil, imitadas na maior parte da ingleza Anna Radcliffe, se estas obras, esquecidas hoje, ou talvez refeitas em parte, e apparecidas de novo sob outras condições, não servissem para testificar o gosto de uma geração. Pouco mais podem valer do que passatempos litterarios os esboços de caracteres e de situações traçados por Benjamin Constant no *Adolpho*, ou por M.<sup>me</sup> de Duras e M.<sup>me</sup> de Krudener em *Ourika* e *Valeria*. As mulheres teem por vezes sobresaído n'estas concisas pinturas, e occupariam á sua parte extensas e interessantes paginas na historia do romance.

Mas o gosto e aperfeiçoamento dos estudos historicos, que constituem uma das glorias de que justamente se ufana o seculo XIX, vieram abrir aos auctores de roman-

ces vasta e esplendida carreira. N'ella se distinguio com fama e applausos universaes o celebrado Walter Scott. Pode ser que a popularidade prodigiosa d'este eminente romancista haja de padecer com o tempo, como a de todos os seus semelhantes: não é comtudo presumivel que *Ivanhoé* ou os *Puritanos d'Escocia* cheguem a envelhecer durante longos annos: e se tal é o privilegio dos quadros historicos, restaurados pela perseverante paciencia do estudo, outro tanto se pode dizer de concepções originaes, tão esmeradas e tocantes como a *Prisão de Edimbourg*.

Tão extraordinario exito deu grande voga ao romance historico, concitando para elle todas as attenções. Abriam-se por toda a parte antigas e modernas chronicas, e reproduziram-se muitas das suas paginas em quadros, ás vezes de grande valor. Desde o *Cinq-Mars* rispido e austero de Alfredo de Vigny, até os heroes lhanos e galho-feiros de A. Dumas, a historia ha sido folheada e revolta, vestida e quando Deus quer falsificada de todas as maneiras, sob pretexto de se lhe dar o seu verdadeiro traje. N'esta alluvião immensa de livros, destinados ao divertimento, e cujo merito principal consiste a miudo na facilidade com que se prestam a uma leitura rapida, como a interminavel lenda dos *Tres Mosqueteiros*, sobresae e se distingue essa obra, que a escola romantica não hesitara em appellidar «o colosso do genio», *Nossa Senhora de Paris*. A critica ha feito sã e talvez severa justiça, notando n'ella as inverosimilhanças, as antitheses systematicas, as tendencias perigosas, os despropositos archeologicos; mas resta ainda apesar d'esses defeitos ao livro de Victor Hugo



o que é propriamente seu, isto é, o movimento, a vida e o vigor possante, que debalde se tentaria offuscar ou corromper. Poder-se-hão censurar as feições que elle dá aos seus actores : esquecel-os, nunca.

Os *Miseraveis*, escriptos trinta annos depois, teem sido objecto de verdadeira predilecção para os partidarios mais apaixonados de V. Hugo. Ha contudo muito que reduzir no estrepido causado por sua apparição. O auctor pretendeu agglomerar no ambito do seu vasto edificio tudo o que de presente interessa ou preoccupa os cuidados e discussões da humanidade : drama, pintura de costumes, historia contemporanea, theorias philosophicas, sociaes, economicas e administrativas ; porém de tudo isso elle usa e abusa segundo bem lhe apraz. Apoia-se com a mais estranhavel complacencia sobre idéas e imagens immundas e indecorosas ; fatiga o leitor por continuas digressões a perder de vista, pelo alardo de uma erudição ás vezes pretenciosa e incommoda ; por um estylo que requinta sobre todos os defeitos da escola, com a alliança de palavras exquisitas, e de forçados e indigestos neologismos. Apparecem até incorrecções grammaticaes, em que o poeta não tinha jámais caído. Não quer isto dizer que não haja nos *Miseraveis* concepções tocantes e idéas graciosas ; algumas pinturas energicas, ainda que sempre carregadas ; rasgos de estylo extremamente vigorosos ; porém a contextura geral do livro é perigosa, a composição difusa, incerta, e a miudo pueril, e abunda em inverosimilhanças e contradicções que a superioridade incontestavel do talento do auctor não basta para tornar acceitaveis.

Os modernos romancistas francezes vieram a tornar-se

moralistas e philosophos, da mesma sorte que haviam sido historiadores. Sem entrar em miudas particularidades, cumprirá só recordarmos aqui de que insolita maneira ha sido accommodada a moral nas laboriosas, posto que energicas combinações de Frederico Soulié, na immensa *Comedia humana* de Balzac, nas concepções tão sedutoras quanto damnosas de George Sand; e diga-se ainda, nos quadros de costumes contemporaneos de Eugenio Sue e dos dois Dumas. Será pois uma necessidade indeclinavel para as sociedades, que pretendem tocar a meta da civilização; a de comprazerem-se nas pinturas reaes e animadas de seus achaques e de suas chagas, levadas (quem sabe?) até á exaggeração pela audacia ou pela phantasia amplificadora do romancista? Ou bem ainda a de acolher sob os primores de uma imaginação opulenta, realçados pelas galas do estylo, os ataques mais perniciosos contra verdades, cujo unico defeito é o de serem tão velhas como o mundo? É isto o que temos visto realisado na pratica. A moda repartiu prazenteira os seus favores ás *Memorias do Diabo* de Soulié (refinada imitação do antigo *Diabo coxo* de Le-Sage), á *Lelia* de George Sand; ao *Pae Goriot* e aos *Parentes pobres* de Balzac; aos *Mysterios de Paris*, e á *Mathilde* de Eugenio Sue; ao *Monte-Christo* de Dumas pae, e a mil outros da mesma especie, sem se inquietar de que os espiritos fracos possam tomar ao pé da letra essas pinturas arrojadas, que retratam a sociedade no que ella tem de mais perverso e ascoroso, da mesma sorte que o heroe da Mancha tinha por artigos de fé as aventuras dos cavalleiros andantes.

Fôra talvez irrogar uma offensa á litteratura se tomas-

semos á conta de indemnisação d'estas leituras ruinosas a alacridade popular, ora chula, ora livre em demasia, espalhada a flux nos livros de Paulo de Kock e de outros romancistas congeneres. Podemos sim consolar-nos até certo ponto com a idéa de que não é tão geral a perversão do gosto, que não logrem acceitação as composições de indole diversa, quando escriptas por homens de talento, que sabem coadunar o interesse com a naturalidade. Seria facil citar bom numero d'estes, desde a *Colomba* de Merimée até á casa de *Penarvan* de J. Sandeau e ao *Romance de um rapaz pobre* de Octavio Feuillet.

Nem só em França, paiz da mobilidade por essencia ; em toda a parte nos modernos tempos o romance tem variado de formas, segundo as contingencias da epoca. No dia em que Walter Scott deu por exhausta a veia do romance historico, os inglezes volveram com Dickens ao romance de costumes e de observação familiar, tal pouco mais ou menos como no seculo xviii o haviam comprehendido Fielding e Richardson. O americano Cooper tinha introduzido em moda as scenas maritimas e da vida selvagem. Quando numerosos imitadores dos seus romances o *Piloto* e os *Mohicanos* tiveram fartos os leitores de mar e de selvagens, os romancistas americanos adoptaram o genero inglez. Uma vigorosa e pathetica pintura da escravidão, sob o titulo de *Cabana do tio Thomaz*, saida da penna de uma mulher, M.<sup>me</sup> Boucher Stowe, commovia e impressionava ambos os mundos, justamente nas vespervas em que ia travar-se a luta sanguinolenta entre as duas Americas. O gosto inglez predomina geralmente em todos os povos do norte. Quando a Suecia trata de exprimir no

romance as idéas e o viver d'aquellas frigidias regiões, seus romancistas adoptam o tom, as feições, o espirito de Inglaterra e da America.

N'esta voga universal do romance tudo, até a piedade, tem sido explorado para combater o mal por suas proprias armas. No intento de oppôr o romance christão ao romance philosophico e socialista, um grave e erudito prelado refaz na *Fabiola* o romance dos *Martyres*, e apoia assim, talvez involuntariamente, o que para justificação de seus amigos escrevera o bispo de Avranches.

Que nos cumpre concluir d'esta resenha, longa sim, mas incompleta, na qual de proposito omittimos tudo o que haveria para dizer ácerca de coisas portuguezas, attinentes á materia, receiando envolver-nos em particularidades, ou emittir opiniões que iriam talvez concitar-nos o desagrado de alguns novos antagonistas? A severidade proscree as leituras quando inuteis, e mais ainda quando prejudiciaes. Se tivéssemos só de attender ao bom emprego da nossa vida, tão curta e tão turbada por enfadonhas e molestas contrariedades, não haveria razão para applicar a todos os romances o que o cura de D. Quijote diz da *Historia do famoso Tirante el blanco*, que ali preconisa pelo « melhor livro do mundo por seu estylo e naturalidade »; e ainda assim « o auctor merecera passar o resto dos seus dias nas galés, por haver sem necessidade divulgado taes loucuras ».

Comtudo, os romances tem raramente encontrado juizes tão rispidos e inclementes; não sendo pouco para estranhar que tal condemnação partisse de quem empregou largos annos de vida nas composições romanescas. Apreciem-se os bons, e haja tolerancia e indulgencia para com os me-

•  
nos maus, dado que não contenham doutrinas subversivas da moral, e destruidoras dos verdadeiros principios sobre que assenta a sociedade. O ponto está na escolha. Servirão uns e outros de distracção e conforto para suavisar os males da vida e as eventualidades da fortuna n'este mundo que apezar de velho, ha mister ser ainda divertido e amado como creança.

*Innocencio F. da Silva.*





# Os guerrilheiros da morte

## I

### O EMBAIXADOR INGLEZ



ra uma noite fria e chuvosa de novembro de 1807. No largo da Ajuda, onde assobiava com furia o vendaval, reverberava-se nos charcos produzidos pela agua do ceo o clarão das luzes que allumiavam os salões, e que se coava pelas vidraças. De vez em quando um vulto inquieto approximava-se dos vidros, e procurava descobrir alguma coisa na profunda escuridão do terreiro. Via apenas as arvores estorcerem-se debaixo do açoite da tempestade, e, de vez em quando, o relampago cortar com a sua luz rapida e sinistra a escuridão nocturna. Voltava então para dentro, e, atravez das

vidraças podia-se divisar ainda a sombra agitada de varias pessoas, que passavam e tornavam a passar por diante das janellas.

Não seria difficil imaginar o motivo da agitação dos habitadores dos regios paços da Ajuda a quem tivesse conhecimento dos acontecimentos que então se passavam na Europa, e dos desastres que ameaçavam este pequeno reino occidental. Napoleão chegára ao fastigio do seu poder ; depois de ter destruido a Austria em tres campanhas successivas, a de Arcola, de Marengo e de Austerlitz, de ter humilhado a Russia em Eylau e em Friedland, de ter anniquilado a Prussia n'uma só batalha — em Iena, vira a seus pés a Europa, e dictára-lhe com orgulho a lei do vencedor. O tratado de Tilsitt consagra de um modo irreparavel a humilhação da Prussia de Frederico ; desmembrada, aviltada, exangue, a monarchia dos Hohenzollern parecia prestes a agonisar. Ao mesmo tempo Napoleão, estendendo a mão vencedora ao cavalheiresco Alexandre da Russia, fascinando-o com a sua eloquencia viva e original, repartia com elle verdadeiramente o mundo na jangada do Niemen. No horisonte brilhante de Buonaparte havia apenas um ponto negro ; era a Inglaterra. Esse paiz tenacissimo, senhor dos mares, abrigado por traz das suas esquadras invenciveis, zombava da raiva impotente de Buonaparte, e com o seu oiro forjava-lhe a cada instante novos



obstáculos no continente. O grande imperador concebeu então a agigantada idéa de a proscrever da communhão dos povos civilisados, de a isolar nas suas ilhas, e de a fazer morrer de *spleen* e de fome, junto das suas fabricas atulhadas de productos sem consumo.

Essa idéa foi a que elle realisou no celebre bloqueio continental. Mas, para que este bloqueio fosse efficaz, era necessario que nem um unico porto estivesse aberto ao inimigo. Ora a Inglaterra tinha nem mais nem menos do que toda a costa de Portugal, para desembarcar as suas fazendas, e fazer penetrar no continente os productos da sua industria.

Napoleão, porém, usando da sua semceremonia habitual, entendeu que podia obrigar o nosso paiz a sair da neutralidade que adoptára, e que podia impor-lhe uma attitude hostile á Inglaterra, sem outro pretexto que não fosse a sua vontade. Já nas suas negociações com a Inglaterra em 1806, Napoleão a ameaçava de invadir o nosso territorio; os nossos diplomatas julgavam isso uma ameaça sem significação, e não cuidava o nosso governo em se precaver contra perigos provaveis e proximos.

E entretanto Napoleão instava com o principe D. João para que adherisse ao bloqueio continental, e repellisse os inglezes dos seus portos. O regente respondia com evasivas. Não era essa diplo-

macia que embaraçasse por muito tempo Napoleão, habituado a cortar estes nós gordios com a espada de Alexandre. Um dia impacientou-se, entendeu-se com a Hespanha, então sua alliada, e prompta sempre a aproveitar os incidentes que a approximem da união iberica. Talleyrand, ao mesmo tempo, por ordem de seu amo, apparentou energia com Portugal. O principe regente, assustado, conferenciou com o embaixador britannico, e da conferencia resultou a decisão seguinte : que se fechassem os portos aos inglezes, e que fossem estes expulsos do reino sob pena de confiscação de seus bens. Julgava com isso o principe D. João açaimar as iras do imperador. Enganou-se. Nem Napoleão, nem Talleyrand, seu habil ministro, eram homens que se deixassem illudir pelos ingenuos artificios da politica anglo-portugueza. O principe D. João, assustado pelas ameaças bruscas do imperador, viu-se obrigado a executar seriamente o que decretára para fingir obediencia. Fez com que effectivamente saíssem do reino os subditos inglezes, mandou os seus passaportes a lord Strangford, e chamou as milicias á beira do oceano para defender o reino contra os ataques do inimigo. Ao passo porém que assim procedia, causando serios transtornos aos subditos de Inglaterra, produzindo no reino uma crise monetaria pela saída de avultados capitaes, desguarnecendo as fronteiras de terra, sabiam todos que

as suas sympathias estavam com a Grã-Bretanha, e que só o temor de ver contra si conjurados dois poderosos inimigos, a França e a Hespanha, o obrigava a abandonar os seus antigos alliados. D'esta fórma nem satisfiz a França, que bem sabia que não era Portugal um alliado sincero com que se podesse contar, nem a Inglaterra, que, se essa falsa situação se prolongasse, seria forçosamente prejudicada nos seus interesses. Tristes resultados das politicas hesitantes e desleaes!

Effectivamente essas tardias condescendencias não alteraram as resoluções do imperador. Elle, que d'ahi a poucos annos havia de reunir a Hollanda ao imperio francez, apezar de ser governada por seu irmão, porque não julgava Luiz Buonaparte um fiscal bastante energico, de certo não se contentaria com a resignação de Portugal, e encarregar-se-hia de fechar elle mesmo os nossos portos aos navios inglezes. O exercito da Gironda, commandado por Junot, recebeu ordem para marchar sobre Portugal, o governo hespanhol poz em movimento tres exercitos, commandados pelos generaes Tarancos, Solano e Caraffa. Aterrado por estas noticias, o principe D. João mandou o marquez de Marialva ao poderoso imperador, a pedir a mão de uma das princezas da familia imperial para seu filho primogenito, D. Pedro, que então contava apenas nove annos de idade. O marquez nem pôde

passar para diante de Madrid : já as tropas de Junot estavam em Hespanha. O nosso ministro voltou precipitadamente a Lisboa, aonde chegára no dia em que abrimos a nossa historia.

No salão da Ajuda estavam reunidos os ministros, alguns fidalgos mais intimos, o marquez de Marialva, D. Lourenço de Lima, o principe D. João, e a princeza D. Carlota Joaquina. Todos se mostravam agitados. Lá fôra o vento assobiava na ramaria desfolhada das arvores, e a voz magestosa do trovão reboava de quando em quando.

— E o principe da Paz ? o principe da Paz ? dizia o pobre principe D. João, tão pouco fadado para a epoca tormentosa em que viveu. O que me aconselha elle ?

D. Carlota Joaquina, sentada a pouca distancia de seu marido, que se encostava a uma mesa dourada de pés torneados, encolheu os hombros, e sorriu-se ironicamente.

— O principe da Paz, meu senhor, tornou o marquez de Marialva, entende que vossa alteza deve acceitar a alliança do invencivel imperador, receber os soldados que elle envia para protegerem as costas de Portugal contra os inglezes, e auxiliar francamente a politica do grande homem.

— Decerto, decerto ! murmurou com voz timida D. Lourenço de Lima, que fôra o nosso ultimo embaixador em Paris.

— Silencio, D. Lourenço de Lima, interrompeu a princeza com a sua voz a que a pronuncia hespanhola dava um timbre estranho, o corso lá soube fascinal-o em Paris, e transtornou-lhe completamente a cabeça.

— Como ao cardeal Caprara, que tão mal negociou a concordata, acudiu o principal Castro, um dos personagens presentes.

— Sr. principal Castro, respondeu D. Lourenço de Lima endireitando-se, não posso acceitar a insinuação. Desempenhei-me, a contento dos meus augustos amos, de todas as negociações de que fui encarregado, e nunca recebi um ceutil, nem directa nem indirectamente, das mãos de sua magestade o imperador dos francezes.

— Ninguém o accusa, D. Lourenço, interrompeu de novo D. Carlota Joaquina; é bom comediante o sr. de Buonaparte, e recebe lições, segundo se diz, do seu amigo, continuou ella accentuando as palavras, o *histrião* Talma; representou bem o seu papel, segundo vejo, e D. Lourenço deixou-se embair pelas suas argucias. Manuel Godoy não é assim, Manuel Godoy é uma creatura do corso, Manuel Godoy vendeu-lhe a sua alma, como lhe vendeu a Hespanha, como nos quer vender a nós. Esses conselhos, que deu ao marquez de Marialva, não os siga vossa alteza, proseguiu ella dirigindo-se a seu marido, não os siga, que se perde e nos perde.

— Mas o que hei de fazer, minha senhora? O reino está desarmado; estamos peor do que estávamos em 1801! Vamos, senhores, falem, o que dizem, o que me aconselham?... Que situação, Virgem Santissima! Que trances em que me vejo! Eu não sou para isto, eu não sou para isto!

— Está com saudades de Mafra, talvez, acudiu D. Carlota Joaquina com uma expressão desprezadora na voz.

— Estou, sim, minha senhora, estou com saudades de Mafra. Cada qual tem as suas predilecções. Vossa alteza gosta do bulício, dos cuidados do governo, das lutas da ambição; eu prefiro o repouso monastico. Se vossa alteza adora a tempestade, está servida a contento. Roda-nos por todos os lados, e não vejo em parte alguma luz de salvação.

— Aceite vossa alteza os conselhos de lord Strangford, acudiu D. Rodrigo Coutinho, ministro da fazenda.

— Acautele-se, meu senhor, tornou por outro lado Antonio de Araujo, acautele-se dos inglezes; vossa alteza bem sabe como elles nos tem trahido. Lembre-se de 1777. A França e a Hespanha ameaçavam-nos, e o marquez de Pombal não encontrou no gabinete de St. James senão a mais completa indiferença. Lembre-se dos primeiros annos do reinado da augusta mãe de vossa alteza, a rainha

nossa senhora; veja como elles desprezaram a nossa neutralidade, na luta em que estavam empenhados por causa dos Estados Unidos. Meu senhor, Albion é a nova Carthago; como a dos antigos carthaginezes a sua fé é a fé punica.

— E a França é Roma? não é verdade, sr. Antonio de Araujo? acudiu a princeza com um sorriso, em que transparecia uma ironia pungentissima. Cante-nos as virtudes republicanas; o seu amigo, Francisco Manuel do Nascimento, de certo em Paris lhe emprestou a sua lyra.

— Mal podia cantar com a lyra de Francisco Manuel as virtudes republicanas da França, minha senhora, respondeu friamente Antonio de Araujo; a lyra de Filinto Elysio não está affeita a cantar perseguições e eu fui perseguido. As virtudes republicanas encontram em mim um tão entusiastico panegyrista, como o podem encontrar em Francisco Manuel as virtudes da inquisição.

— Basta, Antonio de Araujo, interrompeu o principe, basta; fale com mais respeito no santo officio. Eu não sei, não sei que Babylonia é aquelle Paris, que nenhum dos meus ministros me volta de lá sem vir contaminado. Antonio de Araujo e D. Lourenço de Lima trazem-me para cá idéas que me não quadram. E, no meio d'estas discussões intempestivas, ninguem me dá um conselho verdadeiramente sensato e opportuno. E elle sem vir!

continuou o principe approximando-se pela sua vez da janella, por cujos vidros escorria a chuva, e espreitando para fóra. Com esta tempestade, nem se atreveu de certo a desembarcar.

A tormenta effectivamente não abrandava; a chuva caía em torrentes, e o vento soprava cada vez com mais força. O Tejo a essas horas devia estar medonho. Se o principe esperava alguma visita de bordo de algum navio, era mais que provavel que tivesse de esperar debalde. Foi esse tambem o parecer de D. João, porque encolheu ligeiramente os hombros com um gesto de resignado, e, deixando-se cair n'uma poltrona, escondeu o rosto nas mãos.

— Assim entre tantos arbitrios, que aqui se apontam, acudiu D. Carlota Joaquina sem se levantar, fincando apenas na mão a barba, e correndo com os olhos desdenhosos o grupo dos cortezãos, só não lembra o da resistencia. Só não se aconselha ao principe que monte a cavallo, que chame ás armas a sua nobreza, e enxote do reino esses jacobinos que nos ameçam! Á fé que o não suppunha! Ah! se isto fosse em Hespanha, se fosse no meu paiz, sentia-me com animo de montar eu mesma a cavallo, e...

— E porque o não' faz vossa alteza? acudiu D. João, erguendo-se com um movimento de colera e começando a passeiar pela casa; sim, por-



que o não faz? Vossa alteza nasceu para essas folias. Imite Maria Thereza, ou então a actual rainha da Prussia; mas lembro-lhe que a rainha da Prussia não fez com as suas imprudencias senão deitar a perder o reino de seu marido, que ficou reduzido ao que todos sabemos agora n'este anno. De Maria Thereza não sei, porque não sou lá muito forte em historia, mas é natural que lhe succedesse o mesmo.

— Não preciso de desempenhar esse papel, acudiu Carlota Joaquina no seu tom incessantemente ironico, estando vossa alteza, graças ao ceo, vivo e são para se encarregar d'elle. •

— É n'isso que se engana, minha senhora, tornou ainda irritado o regente, eu não sou um heroe. Se vossa alteza imaginou que vinha casar com algum Alexandre de Macedonia, enganou-se. Que o imperador dos francezes tenha por throno o selim do seu cavallo, não admira; foi no campo de batalha que elle conquistou a corôa, dá-se bem com aquelles ares, entende-se com aquellas coisas, faz muito bem em não sair de lá. Cada qual para o que nasceu, minha senhora. Ora não me dirão que figura faria eu, commandando uma batalha contra esse Junot que por ahi vem? Era o mesmo que, se sua magestade imperial e real, o grande Napoleão, como diz alli o D. Lourenço de Lima, se fosse metter em Mafra a cantar o cantochão com

os meus pobres frades. Saia-se mal da empresa, affianço-lh'o, e ahi era eu que o batia tão completamente, como elle bateu em Austerlitz os dois imperadores. Pois o mesmo me succederia a mim, se me fosse medir com o infimo dos seus generaes.

Carlota Joaquina levantou-se, vibrou-lhe um olhar fulminante de desprezo, e, sem dizer uma palavra, saiu da sala.

— Vae-te em paz, resmungou o principe regente, que não fazes cá falta; agora o costume que as mulheres teem de se metterem em politica, já se vê, quando não são ellas que respondem pelo resultado das suas tolices!... Maria Antonieta, ao menos, se arrojou Luiz xvi ao cadafalso, partilhou o seu destino; mas esta, continuou elle, estendendo os grossos beiços bragantinos, de modo que indicasse, com um gesto familiarmente desdenhoso, o sitio por onde sua mulher saíra, esta, assim que me visse mettido na arriosa, fazia-me uma figa, e punha-se em segurança. Ah! santa esposa! Pois não!

Estas palavras, como bem se pôde imaginar, eram ditas em voz baixa, e só as ouviu, sorrindo vagamente, D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Os outros porém adivinharam-n'as sem custo. O amor conjugal do principe D. João e de D. Carlota Joaquina era sufficientemente conhecido.

— Mas, meu senhor, acudiu o marquez de Marialva depois de uma larga pausa, em que D. João vi foi mais uma vez á janella, e voltou a sentar-se desalentado, acalmada já a momentanea excitação que lhe tinham produzido os bellicosos conselhos de sua esposa, mas, meu senhor, importa tomar uma decisão. Junot a estas horas deve estar bem proximo das nossas fronteiras.

— Valha-me Santa Barbara! tornou o pobre principe. Vamos, Antonio de Araujo, que aconselhas tu? Responde, sem que te deixes cegar, lá pelas tuas predilecções pelos francezes.

— Meu senhor, tornou com certa altivez o interpellado, eu não vejo senão o bem do meu paiz, e o serviço de vossa alteza.

— Bem, pois fala, fala!

— Meu senhor, vossa alteza acceitou as propostas do governo do imperador dos francezes, acceitou a idéa do decreto de Berlim, e prometeu cooperar na empresa do bloqueio continental. Não discuto agora se o acto foi bom ou mau; sei que é um facto consummado, que está empenhada a sua palavra, que os subditos inglezes foram mandados sair do reino, que lord Strangford recebeu ostensivamente os seus passaportes. Portanto, o que se prometeu deve cumprir-se. Ora, se apezar da nossa evidente lealdade os exercitos franco-hespanhoes violarem o nosso territorio, caia sobre es-

ses governos a vergonha de tão atroz perfidia, a responsabilidade de todas as desgraças que succedem, e não nos restará senão appellar para o patriotismo do nosso povo e para o Deus de Affonso Henriques.

— Falas muito bem, Antonio de Araujo, respondeu o principe sem se inflamar com a intimativa do seu interlocutor, falas como poeta; mas desçamos agora ao terreno da prosa. Queres então que me pronuncie aberta e francamente contra os ingleses? D. Rodrigo, tem ahí a relação da esquadra do Tejo?

— Tenho, sim, meu senhor.

— Bom. Pois diga-me, quantos vasos temos em estado de navegar?

— Oito naus, meu senhor, respondeu D. Rodrigo, lendo um papel que tirou da algibeira, quatro fragatas, tres brigues e uma escuna.

— Dezeses a todo. Diga-nos lá a força d'esses navios.

— Uma nau de oitenta e quatro peças *Principe Real*, quatro de setenta e quatro *Rainha de Portugal*, *Conde D. Henrique*, *Meduza* e *Principe do Brazil*, tres de sessenta e quatro *D. João de Castro*, *Affonso de Albuquerque* e *Martim de Freitas*, a fragata *Minerva* de quarenta e quatro peças, a *Golphinho* de trinta e seis, e duas, cujo nome não vem mencionado, de trinta e duas, os brigues *Le-*

*bre* e *Voador*, de vinte e duas, o brigue *Vingança* de vinte, e a escuna *Curiosa* de doze.

— Mais nada?

— Temos ainda, em concerto, a nau *Vasco da Gama*; temos também, mas incapazes de servir a não ser que se lhes faça total concerto, as naus *S. Sebastião*, *D. Maria I* e *Princeza da Beira*, e as fragatas *Fenix*, *Amazonas* e *Perola*. As fragatas *Venus* e *Tritão* essas estão completamente arruinadas.

— Ora ahí tem, Antonio de Araujo, tornou o principe D. João com o grosseiro bom senso que o caracterisava; entende que nos podemos defender com os nossos dezeseis navios em bom estado, e os nove em ruina, contra as esquadras de lord S. Vicente, e de Sidney Smith.

Antonio de Araujo abaixou a cabeça sem responder.

— Mas, meu senhor, acudiu D. Rodrigo Coutinho aproveitando o ensejo, vossa alteza acaba de mostrar, com a sua perspicacia, o caminho que temos a seguir. Somos uma nação essencialmente marítima e colonial; a França, que não póde proteger as suas colonias, muito menos poderá proteger as nossas. E o que seremos nós sem o Brazil? Ponha vossa alteza os olhos na Hollanda. Veja os males, que lhe resultaram da sua intima conexão com a França. Está perdido o seu vasto impe-

rio ultramarino. Succeder-nos-hia o mesmo, meu senhor. E, com todas essas humilhações, vossa alteza não conseguiria salvar a corôa de sua augusta mãe. Não conseguirá a propria Hollanda conservar a sua independencia, apesar de ter por soberano o irmão do insaciavel conquistador.

— Tem muita razão, D. Rodrigo, tornou o principe no mesmo tom em que respondera a Antonio de Araujo, mas o exercito franco-hespanhol está á nossa porta, como em 1801, e é necessario repellil-o como inimigo, ou acceital-o como alliado. Antonio de Araujo, o que nos vimos nós obrigados a fazer em 1801?

— Uma paz desastrosa, meu senhor.

— E humilhante, podes accrescentar. Perdemos Olivença, quasi sem termos trocado um tiro. De 1801 para cá, melhoraram as condições do nosso exercito?

— Não, meu senhor.

— Mas, acudiu timidamente D. Rodrigo Coutinho, a lei de 6 de junho de 1806?

— Ainda não recebeu nem principio de execução, tornou Antonio de Araujo.

Um lugubre silencio succedeu a estas palavras. Viram todos bem clara e bem patente a situação tristissima de Portugal, a impossibilidade em que se achava o reino de resistir ao poderoso inimigo que o ameaçava. A invasão franceza era o que

mais se temia, era com effeito o perigo mais imminente e mais inevitavel. D. Lourenço de Lima, aproveitando a impressão produzida, exclamou :

— E, meu senhor, eu que tratei de perto sua magestade o imperador dos francezes, posso affiançar a vossa alteza que esse grande homem, todo entregue á sua luta com a Inglaterra, não quer senão que os povos continentaes o auxiliem sinceramente para a realisação dos seus planos. Este exercito, commandado por Junot, não tem outro fim senão o de assustar-nos, de nos separar definitivamente da alliança da Inglaterra.

— Se v. ex.<sup>a</sup> não tivesse aconselhado o contrario, acudiu D. Rodrigo Coutinho um pouco seccoamente, estariam agora ao nosso lado os dez mil inglezes, que foram guarnecer a Sicilia, e que o general Lincoe e lord Rossely nos offereciam.

— Bastavam talvez, na opinião de v. ex.<sup>a</sup>, acudiu D. Lourenço de Lima, para nos defenderem contra os soldados de Eylau e de Friedland?

— Bastassem ou não, acudiu Antonio de Araujo com seccura, não vejo que differença haveria, para a nossa independencia, entre os vinte e cinco mil soldados de Junot, que vem defender-nos contra os inglezes, e os dez mil inglezes que viriam defender-nos contra Junot.

D. Rodrigo de Sousa não respondeu. Estabeleceu-se de novo um profundo silencio. As palavras

de Antonio de Araujo tinham produzido seria impressão em todos os espiritos. No meio do silencio que se produzira ouviu-se rugir o vento com violencia, e a chuva bater com um som melancolico nos vidros das janellas.

O principe D. João enterrara-se de novo na sua poltrona, e, apertando a cabeça com as mãos, dizia :

— Que hei de fazer, Virgem Santissima, que hei de fazer ?

— Aprender no livro da experiencia, disse junto da porta uma voz grave com uma pronuncia estrangeira bastante accentuada, a distinguir os seus amigos dos seus inimigos, e a apreciar certas differenças que o sr. Antonio de Araujo é tão remisso em conhecer.

Todos olharam para a porta. Junto d'ella um homem, branco e loiro, cuja physionomia impassivel era illuminada em cheio pelo clarão da sala, estava em pé, trajando a farda diplomatica, mas calçando, em vez dos sapatos de sala, botas enlameiadas. O seu olhar frio e penetrante cravara-se em Antonio de Araujo com uma expressão severa, que não obrigou comtudo o ministro portuguez a desviar a vista.

O principe D. João é que, ao reconhecer o novo personagem, soltara um grito de alegria.

Era lord Strangford, o embaixador inglez.



## II

## O TRATADO DE FONTAINEBLEAU

O príncipe D. João dera, como dissemos, um grito de alegria, e, dirigindo-se para o diplomata britannico :

— Meu querido lord, disse elle, não esperava já vê-lo hoje. Como ousou atravessar o rio por semelhante noite de tempestade ?

— Era urgente que eu viesse, meu senhor, e desculpe-me vossa alteza se me apresento n'um traje que está bem pouco em harmonia com estas salas. Tive porém de subir a pé a ladeira da Ajuda, e que atravessar por conseguinte um verdadeiro mar de chuva e de lama.

— Mas que noticias urgentissimas são essas ? perguntou o príncipe regente visivelmente inquieto.

— São noticias, meu senhor, que farão ver a vossa alteza que eram muito preferiveis aos vinte e cinco mil homens de Junot os dez mil inglezes, que a estas horas protegem na Sicilia o rei Fernando, cujos ministros são menos desconfiados do que os de vossa alteza. É verdade que o rei Fernando já uma vez nos deveu o throno...

— Desculpe-me v. ex.<sup>a</sup> se o interrompo para fa-

zer uma rectificação historica, disse com mal disfarçada sobranceira Antonio de Araujo, o rei Fernando deveu o throno primeiro a Deus, e depois ao intrepido cardeal Ruffo. Ao almirante Nelson deveu el-rei Fernando principalmente o incendio da sua esquadra, e a morte do almirante Caracciolo...

— Um rebelde! acudiu o embaixador inglez.

— Que estava protegido pela palavra regia, mylord; e tivemos reis em Portugal que prefeririam perder o throno a faltarem á sua palavra.

— Basta! basta, senhores, bradou o principe regente; occuparem-se de discussões historicas, quando algum grande perigo nos ameaça, a mim e ao reino! Diga, mylord, diga: que fatal noticia nos traz?

— Trago, meu senhor, um documento bem importante para a historia d'este reino, e para a historia do imperador Napoleão. Imagino que elle esclarecerá o animo de vossa alteza, que dissipará as duvidas do sr. Antonio de Araujo, e não causará um grande enthusiasmo ao sr. D. Lourenço de Lima, apezar da sua idolatria napoleonica.

E, dizendo isto, lord Strangford tirou da algibeira um papel dobrado, e entregou-o respeitosa-mente ao principe D. João.

Este abriu-o com impaciencia, e, ao vel-o, exclamou com espanto:

— Um numero do *Monitor* francez! Para que me traz isto, mylord?

— Para que vossa alteza veja um tratado que lhe diz respeito.

— A mim? exclamou o principe. Leia, Antonio de Araujo, está mais costumado do que eu ao estylo da chancellaria imperial.

A verdade é que sua alteza não se julgava bastante forte no francez, para poder ler em voz alta um documento qualquer escripto n'essa lingua.

Antonio de Araujo percorreu rapidamente com a vista o *Monitor*, que era de 11 de novembro, e, quando chegou a um ponto, empallideceu visivelmente.

— É ao tratado de 27 de outubro, assignado em Fontainebleau, que vossa graça se refere? disse elle com voz um pouco tremula.

— A esse mesmo, respondeu lord Strangford.

— Um tratado! interrompeu o principe D. João; entre quem?

— Entre sua magestade o imperador dos francezes e sua magestade o rei de Hespanha, respondeu Strangford.

— Oh! deve ser curioso! Leia depressa, Antonio de Araujo, leia, acudiu o principe, mas leia traduzindo que é para todos entendermos.

— Ah! meu senhor, exclamou Antonio de Araujo, pallido, com os dentes cerrados, e amarrotando com furia o papel official, estas infamias não podem pronunciar-se em portuguez.

D. João olhou para elle estupefacto. Os cortezãos agrupavam-se em torno de Antonio de Araujo, possuidos de um vago terror e de uma pungente curiosidade.

Este hesitou ainda um instante, depois desdobrou lentamente o *Monitor*, e leu, n'esse salão da Ajuda, o tratado de Fontainebleau.

D. João seguia com avida attenção os insultantes pormenores d'aquelle documento odioso; os fidalgos sentiam umas vezes movimentos de raiva, outras vezes calefrios de terror; D. Lourenço de Lima, completamente desorientado, limpava o suor que lhe escorria em bagas; encostado ao fogão, de braços cruzados, com um sorriso de ironia a voltear-lhe nos labios, o embaixador de Inglaterra escutava, levemente desdenhoso, a leitura.

Assim n'um quarto de hora, que embranqueceria os cabellos de um principe mais cioso da sua dignidade, D. João soube que o ministro de Hespanha em Paris, Izquierdo, creatura do principe da Paz, e Duroc, munido dos plenos poderes do imperador Napoleão, tinham assignado em Fontainebleau um tratado pelo qual mutilavam, insolentemente e a seu bel-prazer, o reino independente de Portugal. A provincia de Entre-Douro e Minho ficava formando um reino, que se intitulava da Lusitania Septentrional, e que a infanta de Hespanha, rainha de Etruria, recebia em troca do seu reino

toscano, annexado ao imperio francez. O Alemtejo e o Algarve constituiam o principado dos Algarves, de que o principe da Paz era proclamado soberano. A Extremadura, a Beira, e Traz-os-Montes ficavam em deposito nas mãos da França, até que se assignasse a paz, podendo Napoleão, se assim o julgasse conveniente, restituir essas provincias á casa de Bragança, em troca de alguma concessão importante. Ainda assim, tanto esse pequeno estado, como os outros dois, o reino da Lusitania Septentrional e o principado dos Algarves, ficavam sendo vassallos de Carlos iv, que tomava o titulo pomposo de rei de Hespanha e imperador das Americas.

Antonio de Araujo, acabando de ler, deixou cair o jornal, e, n'um movimento de raiva, pisou-o aos pés. Os outros fidalgos estavam mudos de assombro. O principe regente balbuciava palavras sem nexo.

— Assim, disse elle afinal, assim meu cunhado Carlos iv e o imperador dos francezes dispõem, sem m'o communicarem sequer, dos meus estados hereditarios e dos meus subditos. Põem em hasta publica o diadema de minha mãe, o reino de meus avós. Já não sou principe soberano, sou um p̄scripto a quem se confiscam os bens, um bandido contra o qual se congregam os soldados da França, e os esbirros da Hespanha ! Expulsam do throno, a que a levantaram o favor de Deus e a vontade do povo, a casa de Bragança ! Que opprobrio a que

eu estava reservado, eu que sempre desejei conservar-me longe das tempestades da Europa, que transigi, tanto quanto pude, com as vontades do imperador! É esta a minha recompensa! Mas o que hei de eu fazer agora? Como hei de sair d'esta dura alternativa?

— Resistindo, meu senhor, bradou Antonio de Araujo com voz vibrante, resistindo até se derramar a ultima pinga de sangue dos seus soldados.

— Era v. ex.<sup>a</sup> ainda agora que declarava o nosso exercito incapaz de se defender, acudiu ironicamente D. Rodrigo Coutinho.

— E declaro-o ainda, tornou Antonio de Araujo; quando se podem seguir com honra varios caminhos, indico os inconvenientes de um d'elles; quando esse caminho, que apontei como errado, é comtudo exactamente o que a honra prescreve, cesso de discutir. Quando o pundonor patriotico o ordena, não se calcula, morre-se. Está acima de todas as considerações a dignidade da patria. Não a podemos sacrificar a razões de qualquer ordem. Morramos se assim é necessario, e arrojemos á Europa, como um protesto, o sangue das nossas veias.

— Se o sacrificio da minha vida pôde ser util á salvação dos meus amados subditos... allegou com voz pouco firme o principe D. João, evidentemente pouco seduzido pelos enthusiasticos devaneios de Antonio de Araujo.

— Mas não é, meu senhor, acudiu Strangford, seria um sacrificio inutil. O sr. Antonio de Araujo fala n'um protesto arrojado á Europa. Discutamos friamente, e n'um terreno positivo, este negocio. Qual é a Europa a que v. ex.<sup>a</sup> se refere? É á Europa continental? Não a vê, ou abatida e humilhada pela França, cuidando por consequente nos seus proprios infortunios, e não podendo attender aos infortunios alheios, ou fascinada pela fortuna napoleonica, e levada a ser cumplice dos seus crimes? A Hespanha é signataria do tratado de Fontainebleau, a Russia lança-se, depois de Tilsitt, nos braços de Napoleão, e sonha dividir o mundo com o feliz conquistador; a Austria ainda está mal convalescente das feridas de Austerlitz, a Prussia arqueja, mutilada e semi-morta, aos pés dos implacaveis francezes. Para me servir da poetica linguagem do sr. Antonio de Araujo, direi que os differentes soberanos da Europa ou acompanham, cúmplices e cortezãos, o carro triumphal do vencedor de Friedland, ou sentem passar por cima dos seus corpos palpitantes as rodas d'esse carro. Só uma nação, em pé e armada, não se deixa cegar nem intimidar pelos raios do novo Jupiter : essa nação é a Grã-Bretanha, a antiga e fiel alliada de Portugal, hoje a unica defensora das liberdades europeas. O tratado ahi está, meu senhor. Tem vossa alteza tres caminhos a escolher : ou comprar

com humilhações sem conto o direito de ser um prefeito coroado do imperio nas suas tres provincias da Estremadura, Beira, e Traz-os-Montes, ou resistir com as suas debeis forças ao exercito francez, com a certeza de ser esmagado por elle, e de attrair sobre o seu povo as mais sanguinolentas represalias, ou lançar-se ãos braços da Grã-Bretanha, confiar-lhe a salvação da sua patria, e oppôr á bandeira de Austerlitz a bandeira de Trafalgar.

— Sim, tem razão, tem razão, mylord, bradou o regente, entrego-me nas suas mãos, aconselhe-me, salve-me.

— Peça então a essa generosa Inglaterra, interrompeu Araujo amargamente, que lhe não aconselhe a fuga, que ponha ás suas ordens vinte mil dos seus soldados...

— Basta, Antonio de Araujo, exclamou o principe regente irritado, os seus conselhos são funestos. Não fala agora pela sua bocca o estadista, fala o poeta. Não é Antonio de Araujo que eu escuto, é o pastor Olinto, e não acho propria a occasião para pastoraes.

— Por isso eu aconselhava a epopéa, respondeu Antonio de Araujo com amargura. Mas, se vossa alteza entende que são funestos os meus conselhos, só me resta curvar-me diante da sua decisão soberana, e não o importunar mais com as minhas phrases. Tenha vossa alteza porém a certeza de



que, ou Antonio de Araujo ou Olinto, estarei prompto sempre a derramar o meu sangue pelo seu real serviço.

E, cortejando com dignidade, Antonio de Araujo saiu da sala, sem que o principe D. João dissesse uma palavra ou fizesse um gesto para o demorar.

Lord Strangford seguiu-o com os olhos, com uma expressão de triumpho.

— O que me indica pois, mylord? tornou o principe depois de um breve silencio.

— A partida para o Brazil, meu senhor.

— O quê! tornou o principe, empallidecendo, abandonar Portugal, partir para tão longe! É a abdicação que me aconselha.

— Não, meu senhor, é a salvação da corôa, redarguiu lord Strangford.

— E deixo então o reino entregue aos francezes?

— A Inglaterra o libertará.

— Em meu nome?

— De certo, meu senhor. Vossa alteza não imagina, creio eu, que o governo inglez alimentasse a idéa de fazer de Portugal uma colonia?

— Não, não, acudiu o principe hesitante; mas partir para tão longe, ausentar-me como fugitivo!...

— Para voltar como triumphador.

— Ah! mylord, o que dirá o povo de Lisboa?

— Dirá que vossa alteza é um principe prudente

e justo, que prefere ir estabelecer a séde do seu governo n'um outro ponto do territorio portuguez, a ser conduzido, como prisioneiro, para algum dos carceres de França.

— O que! mylord, pois elles ousariam...?

— Tudo, meu senhor. Os francezes, pelo facto de se curvarem agora ao despotismo do imperador, não deixam de ter o mesmo desdem pelo direito divino, que tinham no tempo da republica. Buonaparte gloria-se de ser filho da revolução, e, do mesmo modo que os convencionaes fizeram rolar na guilhotina a cabeça de Luiz xvi, não hesitou Napoleão em mandar varar com doze balas, nos fossos de Vincennes, um principe de sangue real, o duque d'Enghien.

— O duque d'Enghien! Luiz xvi! exclamou o principe regente, erguendo-se pallido de terror, e balbuciando com desvairamento palavras desligadas. É justo! Não hesitavam de certo! Oh! malditos jacobinos! Fujámos! Depressa! Preparem tudo para a nossa partida! A estas horas já talvez Junot tenha passado a fronteira! Vamos! Despertem meus filhos! Chamem minha mulher! Oh! que noite esta! que noite esta!

E o suor frio gotejava-lhe da fronte! e elle mesmo abria as portas, chamava os criados, e ordenava-lhes que preparassem tudo para a partida! D'ahi a instantes entravam na sala D. Carlota Joa-

quina, e os principes. D. João, pungido por todas as commoções que o tinham salteado, ao ver seus filhos, correu a elles, e tomou-os nos braços, cobrindo-os de beijos.

— Então nós vamo-nos embora, meu pae ? dizia o principe D. Pedro, creança então de nove annos.

— Sim, meu filho, respondeu D. João, desfazendo-se em lagrimas, sim, para que não tenhas a sorte de Luiz xvii.

— Fugimos dos francezes ? tornou a creança, com as faces incendidas, os olhos vermelhos, mas sem derramar uma lagrima.

— Sim, filho, d'essa raça maldita.

— Mas a mim dizem-me que temos muitos soldados para nos defenderem.

— Tu não percebes estas coisas, creança. Não dilaceres mais o coração de teu pae.

— Essa creança estava-lhe ensinando o seu dever, disse Carlota Joaquina desdenhosamente, vossa alteza abdica em nome de sua mãe, e sacrifica igualmente a corôa de seus filhos.

— Pois fique vossa alteza a defendel-a, tornou o principe, tem optimo ensejo para se fazer amazona. Ponho-a á testa da regencia, se vossa alteza quizer.

— Não o ralariam no Brazil saudades minhas, tornou Carlota Joaquina desdenhosamente.

— Nem vossa alteza sentiria a minha ausencia.

— De certo que eu pago sempre na mesma moeda, capital e juro.

Esta scena de carinho conjugal tomaria mais largas proporções, se lord Strangford se não approximasse.

— Vossa alteza, disse elle, deseja pois que eu ordene a sir Sidney Smith que ponha a esquadra britannica á disposição de vossa alteza?

— Sim, mylord, sim. Já que as circumstancias me obrigam a deixar, talvez para sempre, a terra onde nasci, e o palacio de meus paes.

E o pobre principe, dizendo estas palavras, agarrou-se aos filhos, e desatou a chorar.

As regias creanças, agitadas pelas commoções da noite, uniram as suas lagrimas com as lagrimas de seu pae.

Entretanto D. Carlota Joaquina approximava-se de lord Strangford, e dizia-lhe com o seu modo sobranceiro :

— Foi vossa graça quem aconselhou ao principe regente esta subita decisão?

— Não, minha senhora, redarguiu friamente o lord, foram os acontecimentos.

— A fortuna continúa a servir humildemente a Inglaterra, tornou a princeza sempre com ironia, agora vão-lhe ser abertos com jubilo, com reconhecimento os portos do Brazil, por tanto tempo fechados ao seu commercio. O seu gabinete, lord

Strangford, fez d'esta vez uma boa acção... e um bom negocio.

Lord Strangford empallideceu. Ou acaso ou perspicacia feminina, a princeza achára o ponto vulneravel. Lord Strangford porém não ficou por muito tempo desconcertado. Levantou do chão o *Monitor* francez, que Antonio de Araujo deixára cair, e, estendendo-o a Carlota Joaquina, disse friamente :

— Saía-nos mais em conta se deixassemos correr os successos. Quando vossa alteza, seu marido e seu sogro estivessem prisioneiros em França, o **Brazil faria o** que fizeram as nossas colonias americanas, proclamaria a sua independencia, e abrir-nos-hia os seus portos. Não arriscariamos n'esse negocio nem um soldado, nem um farthing.

E, comprimentando respeitosamente a princeza, saiu da sala.

Carlota Joaquina percorreu com os olhos o *Monitor*, e, á medida que ia lendo, ia empallidecendo cada vez mais. Ao acabar deixou cair o papel, e exclamou com os dentes cerrados :

— Tinha razão o inglez ! Ou fugir, ou ser prisioneira em França ! Oh ! se não tivesse casado com este inepto principe, não seria eu agora talvez a rainha da Etruria ? ! Que sorte a minha !

No palacio andava já tudo azafamado e corriam as luzes de um para outro lado ; a sinistra noticia voava de bocca em bocca. Os fidalgos iam para

suas casas tratar dos preparativos da partida. Carlota Joaquina agarrou em seus filhos, e saiu com elles da sala sem proferir uma palavra.

O principe ficou só. Com os olhos cheios de lagrimas, cravados machinalmente nas vidraças, ouvindo o sibilar do vento e o som monotono da chuva, alli esteve como que alheado de si mesmo, apathico, mudo, até que a aurora aclarou os horisontes.

Pobre principe ! Era sua mulher o seu maior inimigo ; sua mãe estava louca. Já não tinha familia ; agora arrancavam-lhe a patria. : :

---

### III

#### A PARTIDA PARA O BRAZIL

Corrêra triste e chuvoso o dia 26 de novembro de 1807 ; mas a madrugada do dia immediato alvoreceu pelo contrario risonha e serena. Já por toda a parte se espalhára a noticia de que a familia real, os ministros de estado e a côrte partiam para o Brazil ; sabia-se que o principe nomeava

para governar o reino na sua ausencia uma regencia composta do marquez de Abrantes, tenente general D. Francisco Xavier de Noronha, etc., etc. Sabia-se tambem que na proclamação de despedida, que o principe regente deixava aos seus povos, lhes aconselhava que tratassem os francezes como amigos. Essa recommendação era uma verdadeira zombaria. Fazia-se para não ser cumprida. Se os francezes eram amigos, porque fugia d'elles o principe regente? Se o não eram, porque não aconselhava a revolta, em vez de aconselhar a submissão?

Tudo isto inquietava e agitava o povo de Lisboa, cuja commoção augmentava com a chegada de muitas familias provincianas, que entravam a cada instante na capital, fugindo diante dos francezes, e trazendo noticias aterradoras da rapidez da sua marcha. Junot imitára d'esta vez a tactica do seu grande mestre e imperador. Mostrára que entendia que o segredo da guerra está nas pernas dos soldados. A velocidade com que atravessou a Hespanha e as provincias portuguezas é quasi inconcebivel. Defendiam-n'o contra qualquer surpresa e qualquer ataque o prestigio do nome francez n'essa epoca, e a aureola que rodeava os soldados de Napoleão. Em Lisboa podiam já quasi sentir-lhe a bulha dos passos. O principe regente, desorientado de todo, mandára que se designassem

os navios, onde devia embarcar a regia comitiva, e ordenára a todas as pessoas que a compunham que se achassem a bordo no dia 27 de novembro, deixando-lhes plena liberdade para tomarem em tudo o mais as providencias que lhes aprouvessem.

A manhã, como dissemos, estava serena; o Tejo reflectia nas suas aguas o doce esplendor de um sol de outono; baloiçavam-se no rio os navios da esquadra portugueza. Uma brisa suave meneava brandamente as arvores, cujas folhas, já raras, tinham o tom doirado, que prognostica a sua proxima queda. Parecia que a terra da patria pompeava todas as suas galas para captivar os ingratos que a desamparavam.

No largo de Belem apinhava-se uma turba immensa de povo, atravez do qual a muito custo rompiam os criados da casa real que transportavam para bordo as bagagens. D'essa multidão saía um murmurio confuso, um borborinho composto de mil vozes diversas. A colera era o sentimento predominante, mas o povo não ousava ainda, nem sabia exprimir-a. N'aquella turba que se agitava e revolia na praça de Belem, estava a materia prima de uma revolução, faltava apenas o obreiro.

A uma esquina juntava-se um grupo que lia um papel pregado na parede, e que não era senão o decreto pelo qual o principe regente annunciava



a sua partida de Lisboa para o Rio de Janeiro, e a nomeação de uma regencia, que ficaria governando o reino.

O leitor era um peralta apurado no trajar, com as largas fivellas, o amplo chapeo, o curto casquinho da moda, que, assestando a luneta para o papel official, ia deletreando aos circumstantes a prosa do principe regente.

O principe começava por allegar que fizera ao imperador Napoleão os maiores sacrificios, que por sua causa fechára os seus portos aos inglezes e prejudicára o commercio do reino, que apezar d'isso via que pelo interior do reino marchavam tropas do imperador dos francezes e rei de Italia, quando elle não procedera d'esse modo senão para conseguir que o deixassem socegado.

Ouvia a leitura um moço sargento do corpo de policia, organizado e commandado por um emigrado francez, o conde de Novion. Ao escutar estas phrases encolheu, desdenhosamente, os hombros, murmurando :

— Politica de dois bicos dá sempre estes resultados.

Um leigo capucho, gordo e loquaz, a quem só faltava o ser vesgo para poder emparelhar com o de Nicolau Tolentino, olhou de revez para o militar, mostrando que não engraçara com as suas palavras.

O homem, que as proferira, era um moço dos seus vinte e seis annos, alto, elegante, moreno, de olhos negros rasgados e cheios de fogo e de viveza. Havia comtudo no seu rosto uma expressão de amargura, que se não casava bem com a franca e energica accentuação das feições; nem os seus labios vermelhos pareciam talhados para o sorriso desdenhoso que os entreabria. É certo porém que, ou natural, ou motivada por successos estranhos, a expressão do seu rosto era a de uma colera concentrada, que procurava todos os ensejos para se expandir.

O peralvilho das fivellas grandes continuou a leitura.

O principe regente declarava que, movido pelo receio de attrahir sobre os seus fieis subditos com a sua presença maior calamidade, partia para a America, onde se ia estabelecer no Rio de Janeiro, até á paz geral.

— Alliado dos inglezes na America, e dos francezes na Europa, é boa idéa! Os francezes já o expulsaram da Europa; Deus queira que os inglezes o não expulsem da America.

Estas palavras produziram um certo rumor, e houve um tal ou qual sussurro na turba, que achava alguma verdade na idéa do sargento; só o capucho continuou a olhar de revez para o militar. O peralvilho continuou a sua leitura.

A proclamação concluía dizendo os nomes dos membros da regencia, que ficava governando o reino durante a ausencia da côrte. Eram o marquez de Abrantes, os tenentes generaes Francisco da Cunha e Menezes e D. Francisco de Noronha, o principal Castro, Pedro de Mello Breyner, conde de Sampaio, D. Miguel Pereira Forjaz e João Antonio Salter de Mendonça.

Ao ouvir estes nomes o sargento de policia exclamou ainda :

— Bom ! nada falta para que Portugal morra em paz ! Tem na regencia padres que lhe resem o officio de defuntos, generaes patuscos que para nada servem senão para darem a voz de fogo nas «descargas de funeral», e, para que o paiz morra sem remorsos, tem até o marquez de Abrantes, para acompanhar o viatico, tocando a campainha.

Houve quem soltasse no grupo a sua gargalhada; o retrato dos membros da regencia fôra tirado ao natural; pouca gente ignorava em Lisboa que o acto mais serio da vida do marquez de Abrantes, aquelle a que elle maior importancia ligava, era acompanhar o Santissimo, tocando a campainha, a qualquer hora que fosse obrigado a cumprir esse gostoso dever.

Por isso, ainda que nem todos concordavam com o fundo das idéas do sargento de policia, não podiam deixar de apreciar a justeza da observa-

ção, que saudaram com uma gargalhada unanime.

O capucho é que se não mostrou satisfeito nem com a observação, nem com os risos; por isso foi dizendo mansinho :

— Em que sua alteza faz mal é em deixar assim o reino inçado de jacobinos. Lá a queima de meia duzia d'elles sempre havia de ensinar os outros a falarem com mais respeito na nossa santa religião.

— E, como seria injusto que não tivessem os leigos capuchos alguma rasca na assadura, acudiu serenamente o sargento, eu desde já declaro que empresto a minha espada para espeto d'essas grandes peças de carne franciscana.

— Leões com os frades, ovelhas com os soldados, tornou o leigo fazendo-se humilde, mas sem deixar de insultar.

— Ó frei Patife! capucho de uma figa, exclamou o sargento correndo para o leigo com os olhos faiscantes que não annunciavam nada bom.

O leigo fulminou-o com anathemas e excommunhões, intentando com isso despertar o zêlo religioso da turba; mas o grupo, em que os dois contendores se achavam, parecia um pouco tibio na fé inquisitorial, e o leigo, não podendo vingar-se no sargento, vingou-se no latim. Não conseguindo incitar a turba a correr á pedrada o sargente, apedrejou elle a lingua de Cicero com syllabadas de tremer.

— Vamos lá, meu leigarraz, o que te vale é estar ahi vivo e são o Tolentino, e eu não querer que elle nos encaixe a mim e a ti n'algumas decimas, como as que lhe inspirou um teu confrade.

O sargento dissera isto a rir, tendo-se-lhe dissipado os fumos da colera com o aspecto burlesco do leigo vomitando exorcismos estropiados. O leigo, embravecido com o desdem do seu adversario, deixou o latim em paz, e em bom portuguez vomitou contra o sargento os maximos improperios :

— És do regimento dos jacobinos, guinchava o leigo, pedreiro livre, sargento de Belzebuth!

O sargento, imitando Tolentino

O casco rebelde ás ordens  
Precisa d'estas desordens  
Para ter prima tonsura?

perguntava em tom motejador.

— Para que te serve a espada, fracalhão, retrocou o leigo, cerrando os punhos, alma de chicharro?

— Não estou *duvidoso na escolha*, tornou o sargento, diluindo em prosa a satyra do poeta, não preciso de ver que *tal é a folha, cortando por coisa dura*.

E apontava para a cabeça do leigo, no meio das gargalhadas dos circumstantes.

Era tambem o unico grupo, onde parecia haver uma sombra de jovialidade. No resto da praça não se ouvia senão um surdo murmurio de colera, misturado com gritos de pavor. Circulavam as noticias mais aterradoras. Houve um momento em que a multidão oscillou, atropellando-se para fugir, porque correu voz que os francezes tinham entrado em Lisboa, e que os seus regimentos vinham a marche-marche na direcção de Belem.

— Fugam ! fugam ! bradavam uns.

— Armas ! armas ! exclamavam outros inflamados pela ira patriotica.

— Morram os jacobinos ! gritava em côro tremendo a multidão.

— Abaixo os hereges ! rugiam outros, confundindo na sua indignação os inglezes alliados e os francezes inimigos.

— Viva o principe regente ! concluia o povo em tumulto.

Cruzavam-se estas exclamações encontradas ; ondeava a turba em mil direcções diversas. Era uma scena inexprimivel de confusão e de terror. O povo sentia que lhe faltava a protecção natural do governo, instituido para o dirigir, para o defender, para lhe organizar a força, para lhe aproveitar as vontades. Estava como n'um naufragio a companhia, vendo fugir o capitão que deve commandar a manobra e salvar o navio, e que, sem saber o

que ha de fazer, corre de pôpa á prôa, sentindo a aproximação da morte, enrolada nas vagas, conhecendo que tem força e meios para salvar o navio, mas vendo que lhe falta a direcção intelligente, que podia tornar uteis os seus esforços, e prestavel a sua resolução.

Era este o aspecto que apresentava a praça de Belem, quando appareceram os coches que conduziam as pessoas reaes para bordo das galeotas que os esperavam. Vinha no primeiro o principe regente ; conheceu-o a gente do povo, e prorompeu nas exclamações familiares, que a *bonhomia* do regente facilmente auctorisava.

Rodeiaram-lhe o coche, e o principe debruçando-se da portinhola, não via senão braços estendidos e rostos supplicantes.

— Não nos deixe, meu senhor, bradava um, fique com seus filhos. Vossa alteza é o pae do pobre povo. Não nos abandone.

— Não nos deixe ! não nos deixe ! respondia a turba.

— Sim, meus filhos, sim, dizia o pobre principe D. João com a voz afogada em lagrimas, eu não queria deixar-vos ; mas que hei de fazer ? Querem que os jacobinos nos levem de rastos para França, a mim e aos meus filhos ?

— Então nós para que servimos ? redarguia um robusto magarefe de mangas arregaçadas ; então

nós assim largamos os nossos principes ; então cá a malta deixa-se pisar aos pés lá pelos jacobinos ?

— Morram os jacobinos ! Viva o principe regente ! clamava o côro popular.

— Obrigado, meus filhos, dizia o principe, obrigado, mas eu quero poupar um inutil derramamento de sangue. Napoleão foi um flagello, que o Senhor enviou á terra para nos castigar dos nossos peccados. Quem lhe resiste affronta o proprio mensageiro das iras de Deus.

N'isto haviam chegado proximo do caes. O regente quiz apeiar-se. Então é que foi a scena pathetica. O povo apinhou-se em volta do pobre principe, e este, debulhado em lagrimas, apertando as mãos que se lhe estendiam, balbuciava palavras desconnexas.

— Não se fie nos inglezes, meu senhor, dizia um dos homens que o rodeiavam ; fie-se nos seus naturaes.

— Sim, meus filhos, sim, dizia elle chorando, sim, meus bons compatriotas ; mas as circumstancias é que me obrigam.

— Deixar a sua terra, meu senhor ! a terra onde nasceu.

— Parte-se-me o coração, creiam que levo o coração despedaçado... Eu queria aqui morrer, morrer comvosco, meus filhos, sim, mas no meu paiz... mas os deveres da corôa... os deveres de principe...



— O dever de um príncipe, exclamou uma voz severa, é não abandonar os seus vassallos, não os entregar, desamparados, e sem governo, aos horrores da invasão estrangeira.

— Fique entre nós, fique entre nós, tornou a multidão. E leve o diabo os inglezes mais os jacobinos.

E rodeiavam o príncipe indeciso e já faziam voltar para traz os cavallos do coche. D. João não fazia senão dizer :

— Não, meus amigos ! Impossivel ! Deixem-me partir. O destino assim o quer ! Adeus ! Adeus ! Levo-os no coração ! Nunca os esquecerei nas minhas orações ! Obrigado, meus filhos, obrigado por esse affecto que me mostram ! Ah ! para que havia de dar-me Deus este pesado encargo da realleza ?

E apertava as mãos a um, e abraçava outro ; mas o povo, cercando-o e impellindo-o, não o deixava avançar para o caes, e antes o obrigava a retrogradar involuntariamente. Então o sargento de policia, de quem já falámos, vendo este movimento de povo, approximou-se do regente. As chuvas dos dias anteriores tinham enchido de poças o largo de Belem. Para se chegar ao caes era forçoso atravessal-as. O sargento, afastando o povo com o prestigio do seu uniforme, chegou-se a D. João, bradando :

— Desviem-se ; não vêem que obrigam sua alteza a encharcar-se todo ?

E, quando o principe menos o esperava, tomando-o nos braços, atravessou com elle os charcos, e foi depôl-o na galeota.

— Viva o principe regente ! bradou a turba.

— Obrigado, meus amigos, tornava o regente chorando, adeus, filhos ! adeus, patria querida ! Não me olvidem !

— Nunca ! nunca ! respondia o povo apinhado á beira do rio. Viva o principe regente !

— Prestaste-me um verdadeiro serviço, meu amigo, disse o principe D. João para o sargento que o trouxera a bordo. Mostraste dedicação e intelligencia. O teu nome ?

— Jayme Cordeiro de Altavilla.

— Vem commigo para o Brazil. Encarrego-me do teu futuro.

— Agradeço muito a vossa alteza ; mas o meu corpo não tem ordem de marchar.

— Dou-t'a eu pessoalmente.

— Como vossa alteza me dá essa ordem pela sua muita benevolencia, e no intento de me favorecer, peço a vossa alteza que a retire. Interesses poderosos me ligam a Portugal.

— Recebe então, ao menos, disse o principe já um pouco espantado, esta prova do meu reconhecimento.

E, tirando do dedo um annel de brilhantes, estendeu-o ao moço sargento.

Este pegou na mão que se lhe estendia, beijou-a respeitosa e, sem receber o anel que lhe era offerecido, disse:

— A honra que vossa alteza me fez, permittindo-me que eu beijasse a sua augusta mão, é para mim recompensa mais que sufficiente. O que eu fiz não merece a dadiva que vossa alteza me offerece.

E, dizendo isto, antes que o principe se podesse recobrar do espanto que este procedimento lhe causava, saltou ligeiramente da galeota para o caes.

N'este momento chegavam á praça de Belem os coches que traziam o resto da familia real. No primeiro vinha a princeza Carlota Joaquina, no segundo a pobre rainha louca D. Maria I e duas damas que a tratavam e costumavam acompanhá-la.

Não excitou D. Carlota os mesmos testemunhos de affecto que excitára seu marido. Ella tambem, desdenhosa e mal assombrada, pouco se lhe dava d'isso.

O povo murmurava palavras insultantes, e as insinuações ácerca de anedotas pouco lisongeiras para D. Carlota circulavam na turba.

— Não vae o jardineiro? dizia um a meia voz.

— Almoxarife é que elle é, murmurava outro rindo, não faças descer o homem, que elle bem alto subiu.

— Respeito ao nosso Manuel Godoy, resmungava outro mais instruido na historia contemporanea.

— Este não é príncipe da Paz, é príncipe das pás e das enchadas, acudiu outro fazendo um *ca-lembourg* grosseiro, mas que por isso não deixou de ser applaudido.

D. Carlota Joaquina não ouvia estas amáveis saudações, que, se as ouvisse, não se ia para o Brazil sem recommendar os commentadores da sua historia intima ao intendente da policia. A sua attenção estava presa pelos numerosos episodios d'essa dramatica scena.

Assim que o regente embarcára, tinham-se precipitado para a praia, afim de se dirigirem para os navios que lhes estavam destinados, todos os individuos que deviam partir. Appareceram então no caes de Belem varios regimentos de linha que deviam marchar para o Brazil. O povo, ao perceber porém que a tropa tambem partia, prorompeu em gritos e clamores.

— Venderam Portugal aos francezes ! bradavam alguns dos mais exaltados. Então o exercito é necessario no Brazil ou em Portugal ?

E, como estas palavras encontravam echos entre a multidão, não querendo ella ao mesmo tempo imputar ao príncipe regente a responsabilidade do successo, desforrava-se em gritar :

— Morram os ministros ! Viva a tropa.

Por mais esforços que fizessem os officiaes, a turba clamorosa apertava os regimentos ; mal po-

dia conservar-se a formatura. Conversando, exorando, aconselhando, a paizanada misturava-se com as filas dos soldados, e a pouco e pouco ia dissolvendo os pelotões. Os soldados deixavam facilmente convencer-se; D. Carlota Joaquina, que abrangia n'um lance de olhos tudo o que se passava na praça, viu, com amargo sorriso, dois ou tres dos regimentos, que marchavam em direcção ao caes, debandarem completamente antes de lá chegarem, e acharem-se os officiaes de todo abandonados, sem saberem o que haviam de fazer: Instruidos pelo seu exemplo, os coroneis de alguns dos regimentos que se lhes seguiam, dobraram o passo, mantiveram severamente a formatura, abriram um largo claro na turba, mandando calar baioneta ás companhias mais seguras, e assim conseguiram embarcar.

Mas a turba começava a exasperar-se; já andavam pelas mãos do povo armas dos soldados debandados; a passagem de pesados carros, cheios de caixotes que transportavam para o Brazil as riquezas da corôa e muitas preciosidades do reino, ainda mais a enfureceu. Os fidalgos, que vinham de todos os lados para seguirem viagem, já encontravam um acolhimento hostile. Homens de olhos faiscantes, mangas arregaçadas, e punhos cerrados, rodeiavam-lhes os coches e obrigavam-n'os a apeiar-se mais depressa do que desejavam. Se era

fidalgo bemquisto do povo, deixavam-n'o passar no meio de aclamações ; se era, porém, menos sympathico á turba, não atravessava a densa mó do povo senão com o rosto pisado de punhadas, sem chapeo nem cabelleira, e com o fato em desordem. Felizmente os ministros, avisados a tempo, e os fidalgos mais importantes e mais detestados, adiarão para a noite a sua partida. Os que passavam não tinham o dom de excitarem demasiadamente a colera popular ; ainda assim permittisse Deus que um murro mais vigoroso não ensanguentasse o rosto de algum infeliz. O sangue provoca o sangue. O povo, como o toiro, delira em vendo sintillar-lhe diante dos olhos a côr vermelha. O primeiro sangue derramado podia ser o signal de uma terrivel matança.

Carlota Joaquina via e percebia isso mesmo, e ansiava por se vêr a bordo. Os fidalgos que a rodeiavam, pallidos e afflictos, instavam com ella para que se apressasse ; mas as provas de affecto, de que o povo rodeiava seu filho mais velho, demoravam-n'a bem contra vontade, não só porque principiava a sentir prenuncios de tempestade que a inquietavam, mas tambem porque muito mais a lisonjeariam quaesquer provas de amor que a turba dêsse ao infante D. Miguel, seu filho predilecto. Receiava porém que, arrancando seu filho aos braços do povo, apressasse uma explosão de

que seria ella sem duvida a primeira victima.

A situação era tanto mais perigosa quanto os coroneis dos regimentos fieis ás ordens recebidas, temendo para os seus soldados o contagio da insubordinação dos outros, tinham embarcado precipitadamente. Alguns dos fidalgos, porém, que rodejavam D. Carlota Joaquina, falavam em ir a bordo chamar soccorro e prevenir o regente.

— O regente para que? acudiu Carlota Joaquina com amarga ironia. Julgam que o principe embarcou tão depressa para desembarcar outra vez? Não! não! o principe regente almoçou bem; naturalmente agora dorme, ainda á vista da patria, o somno das saudades. Não perturbem a digestão de sua alteza.

— O que é indispensavel, acudiu outro fidalgo, é que um de nós atravessasse a turba para prevenir Lucas de Seabra, que deve estar por aqui, de que sua alteza e seus augustos filhos ainda não embarcaram.

— Nem sua magestade, acudiu terceiro fidalgo.

— Sim, nem sua magestade, tornou distraidamente o outro.

Pouco se pensava na côrte na pobre rainha louca; mas de repente, como para dar bem claros signaes da sua existencia, ouviu-se a sua voz proromper em brados afflictivos.

Como dissemos, vinha a rainha atraz, acompa-

nhada por duas damas. Deixára-se ella vestir com indiferença, deixára-se metter no coche sem perguntar aonde a levavam, e todo o caminho viera com os olhos sem luz cravados nas portinholas, esbrugando machinalmente um rosario, e resmungando umas orações.

Quando porém a tiraram do coche, e ella se viu de subito diante do rio, no meio de uma multidão agitada e clamorosa, soltou um grito horrivel, desprendeuse dos braços das damas, e largou a correr na direcção da Ajuda.

Demoraram-n'a os lacaios sem a segurarem, pondo-se apenas diante d'ella, e as damas, que logo a alcançaram, procuraram, arrastando-a brandamente, e exorando-a com doces palavras, trazel-a para bordo da galeota. Mas a rainha, completamente desvairada, debatia-se-lhes nos braços, gritando :

— Não quero ! Não quero ! Deixem-me ! Levam-me ao cadafalso ? Traidores ! Acudam-me ! Onde está a minha guarda ? Onde estão os meus soldados ? João, meu filho, não vês que me querem matar, como já mataram um rei e uma rainha ? Não foi isto que me disseste ? Já não sei bem, tenho a cabeça tão fraca ! Sim, agora me lembro. Foi Luiz xvi que elles mataram, e agora querem matar-me a mim. Não me arranquem do meu palacio, não me levem d'aqui, monstros, algozes !



— Estamos perdidos, exclamou Carlota Joaquina, ao ouvir estes gritos que faziam estremecer.

O receio de Carlota Joaquina era bem fundado. Ouvindo os gritos de D. Maria I, o povo apinhára-se gelado de horror em torno do grupo formado pela família real, e não havia já forças humanas que podessem romper aquella massa compacta. As damas procuravam debalde persuadir a rainha, falando-lhe brandamente, ou empregando mesmo uma certa autoridade. A pobre louca não as ouvia. Nos movimentos convulsos que fazia despenteára-se toda, e os longos cabellos brancos fluctuavam-lhe ao capricho da viração da tarde. Assim, desgrenhada, com as faces cavadas, a bocca espuante, quem diria que estava alli a descendente de vinte reis, a filha de uma raça privilegiada, de uma raça escolhida por Deus para governar os homens !

N'essa lugubre occasião o povo penetrava, para assim dizermos, nos bastidores da realleza, via as miserias que o esplendor da magestade occulta, e, nos actos de loucura de D. Maria I, procurava debalde os signaes do direito divino.

— Deixem-me, tornava a rainha, eu nunca lles fiz mal ! Porque me arrastam para o cadafalso ? Eu bem o vejo, bem o vejo, todo forrado de preto ! é o da marquezia de Tavora ; sim... sim ; foi alli que ella padeceu. Mas porque me levam para lá ?

Eu não sou culpada, não fui eu que a mandei matar. Castiguei o algoz!... Porque me chamas, espectro?... Deixa-me!... A sentença, a sentença revisoria do teu processo?... Mandei-a lavar... Mas elles não quizeram que se publicasse... Foram elles... Chamaram-me insultadora das cinzas de meu pae... Foi o arcebispo... João, meu filho, onde estás? Tu bem o sabes... Foi teu irmão, o meu pallido filho, tão moço e já tão serio... Olha! Lá o vejo tambem, a chamar-me. Não! não! eu não quero morrer! eu quero voltar para o meu palacio! para o meu oratorio! Levem-me para o meu oratorio!

—Se esta mulher não se cala, murmurou Carlota Joaquina com os dentes cerrados de raiva, não nos deixam partir!

A sua exclamação era effectivamente justificada pela attitude do povo. Com tão visivel repugnancia presenciava o povo a partida da familia real, que as resistencias da rainha louca podiam de um momento para o outro dar um pretexto á insurreição que rosnava ameaçadora, e levar o povo a reter prisioneiros os principes que tentavam escapar-se.

Mas os brados e os prantos da rainha produziram no povo um effeito completamente diverso. Estabeleceu-se como por encanto um silencio absoluto, e um sentimento de respeitosa commiseração apoderou-se do animo das turbas.

Carlota Joaquina sentiu a mudança que se operara no espirito popular, e, habil em aproveitá-la, impelliu brandamente o principe D. Pedro para que a creança procurasse acalmar a sua regia avó.

O menino aproximou-se da rainha louca, que, segura pelas damas, lançava para todos vistas desvairadas, e procurava soltar-se d'ellas com movimentos convulsos, e disse-lhe com a sua vozinha argentina e suave :

— Então a minha avó não quer vir comigo ? Deixa-me ir sósinho ?

A rainha olhou para elle um instante, depois chegou-o a si com um movimento impetuoso, apertou-o nos braços, como que o escondeu, estreitando-o ao seio, e bradou :

— Que tens tu, filho ? Que te querem fazer ? Querem matar-te ? Tens medo ? Não tenhas medo, não tenhas, que eu sou a rainha, a rainha de Portugal... Tenho uma corôa de oiro ; não m'a vêes ? é porque me queima a testa ! ah ! mas sou eu que governo, sabes ? e eu não quero que tu morras ! Não quero ! Os meus soldados ! Chamem os meus soldados ! Que venha á minha real presença o duque de Lafões ! Onde está Pina Manique ? Meu intendente de policia, oiça-me bem ; não quero que me matem esta creança ; é o meu filho ! Não quero que m'o matem como mataram o meu José. Que o mataram, Pina Manique ! Mataram-n'o, que eu bem

o sei! Oh! esta corôa... quem me tira esta corôa que me faz estalar a cabeça? Levem-me para o meu oratorio! Eu não quero ser rainha, quero ir para o meu oratorio! Quem me leva para o meu oratorio?

Houve uma explosão de lagrimas e de gritos.

— Pobre senhora! Pobre rainha! Porque lhe não fazem a vontade? diziam uns.

— Deus ás vezes fala pela bocca dos loucos, accrescentavam os homens mais graves.

— É um aviso da Providencia! Ainda estão a tempo de o aproveitar.

— Descanse, real senhora, descance, dizia uma pobre mulher do povo, lavada em lagrimas; descance que ninguem lhe tira o seu netinho.

— Coitadinha! Então as rainhas choram tambem como a gente? tornava outra sem imaginar que na sua phrase grosseira e ingenua acabára de exprimir uma idéa de Chateaubriand.

Mas a pobre louca, ouvindo estes testemunhos de sympathia, vendo-se rodeiada por tantas cabeças, sentiu redobrar-lhe o pavor, e desatou em gritos:

— Acudam-me! acudam-me! Querem matar-me! São os jacobinos que me cercam! Eu não subo ao cadafalso! Que fiz eu para morrer? Não quero, não quero! O meu filho! Onde está o meu filho? Salvem-me! Salvem-me! João, acode-me, acode-me que matam a tua mãe.

E, soltando estas palavras entrecortadas, a infeliz rainha com os labios espumantes, as feições contrahidas, os cabellos em desordem, caiu desmaiada nos braços das suas damas.

Foi assim que a levaram para bordo. Parecia morta. O povo abriu-lhe caminho em triste silencio. Ouviam-se apenas alguns soluços de mulheres compassivas. Carlota Joaquina e seus filhos, acompanhados por alguns fidalgos, damas e criados, seguiam o que parecia um prestito funebre.

A pobre louca, antes de desmaiar, vira pela ultima vez as terras queridas da patria.

---

#### IV

#### NO THEATRO DO SALITRE

Entregue a si mesmo, o povo, esperando a cada momento a entrada dos francezes, que já estavam em Abrantes, vingava-se amaldiçoando os inglezes, os conselheiros do principe, e quebrando os vidros dos palacios dos fidalgos, que maior antipathia lhe inspiravam. Muitos tinham esperado a noite para

embarcarem, mas alguns magotes populares, mais teimosos, cercavam-lhes obstinadamente os palacios, e juravam não os deixar partir sem lhes fazerem soffrer alguma desfeita. Um dos que estavam n'este caso era o conde de Villa Velha, muito odiado pelo seu insupportavel orgulho, e por ser além d'isso um dos validos de D. Carlota Joaquina, a quem o povo consagrava a mais cordial execração. Notára o fidalgo que os grupos populares, depois de terem desabafado em morras e maldições, se obstinavam em conservar-se diante do palacio. Pensou em escrever ao intendente da policia, a pedir-lhe uma escolta que o acompanhasse até ao caes. O seu emissario porém não encontrou Lucas de Seabra, que fôra a bordo receber as ultimas ordens do regente, e deixára a cidade entregue á agitação popular, que de um momento para o outro se podia transformar em anarchia. E entretanto descia a noite, cada vez mais densa, e o conde e a condessa de Villa Velha, bloqueiados em sua casa, viam que só tarde poderiam dirigir-se para bordo sem receio de serem insultados.

O povo comtudo começou a enfastiar-se de esperar, e foi-se dispersando a pouco e pouco. Ficaram apenas tres ou quatro, mas esses decididos a não se arredarem d'alli, enquanto o conde de Villa Velha não saisse. O guarda-portão, industriado pelo amo, já lhes asseverára que o sr. conde não par-

tia para o Brazil, e ficava em Lisboa encarregado de uma missão especial da princeza D. Carlota Joaquina. Um d'elles porém respondeu :

— Não é com essas que nos embrulhas. Também aqui te juro : o teu patrão póde sair quando muito bem lhe aprouver. A rua é larga e o caes fica perto. Mas, antes que elle lá chegue, a carruagem é-lhe feita em frangalhos, e elle não fica de certeza com as costellas inteiras.

— São vocês quatro que lh'as quebram ? respondeu o guarda-portão zombeteando.

— Fia-te n'isso, tornou o homem que estava já turvo com as repetidas libações, que fizera para socegar a commoção de tão angustiados momentos, fia-te n'isso ; os caes não é esta noite que se despovoam, e, para dar-mos signal da aproximação de s. ex.<sup>a</sup>, cá estamos nós que somos bons trombetas.

O guarda-portão dissera que o homem, que assim falava, era um antigo criado da casa, que fôra despedido com maus tratos pelo orgulhoso conde. Percebeu este que andava portanto em tudo aquillo um plano premeditado de vingança, e que não lhe escaparia facilmente. Viu-se em transes, e por alguns minutos andou a passeiar na casa, meditando no modo de fugir aos seus inimigos. De subito occorreu-lhe uma idéa luminosa. Chamou sua mulher, disse-lhe que se preparasse para partirem, o

que ella fez com espanto, mas sem ousar formular uma objecção, e ordenou a um criado que mandasse pôr a sege.

Quando os quatro sentinellas viram a sege ao portão, desataram a rir, e esfregaram as mãos.

— Vamos ter dança, exclamou alegremente o antigo criado do conde de Villa Velha.

O conde desceu as escadas sereno, dando o braço a sua esposa. O boleeiro, que era um rapaz teso, e que estava já a cavallo, altercava com os homens do povo, e parecia disposto a resistir energicamente a qualquer assalto que se dêsse á carruagem. O conde de Villa Velha, porém, percebendo o que se passava, ordenou seccamente :

— Silencio, Antonio !

Depois voltando-se para os quatro populares, disse-lhes com altivez :

— Não poderei sair de minha casa com minha mulher ?

— Ah ! isso pode, redarguiu ironicamente o seu antigo servo, se julga que os caminhos estão seguros.

— Nem podem deixar de estar para mim. Creio que os francezes ainda não entraram em Lisboa. Quando elles vierem, eu cá estarei para receber as suas affrontas, se me insultarem. Dos meus compatriotas nada temo.

— Hum ! tornou o seu interlocutor no mesmo tom



ironico ; tenciona estar por cá ! Bom é isso ; olhe, o que lhe afianço é que não fica em má companhia.

O conde de Villa Velha encolheu desdenhosamente os hombros, e, voltando-se para o boleeiro :

— Para o theatro do Salitre.

— Olá, acudiu sempre zombeteiro o antigo criado que dominava a situação. Vamos ao theatro ? Vá feito ! Sempre é uma volta que se dá para espai-recer.

E, trepando com toda a sem-ceremonia para a trazeira da carruagem, alli se accommodou com outro seu companheiro.

O intrepido Antonio, vermelho de raiva, tinha já o chicote levantado para punir a audacia dos intrusos, mas o conde reteve-o com um gesto imperioso, e o trem rodou na direcção do Salitre.

Morava proximo do Rocio o conde de Villa Velha, e portanto em pouco tempo a sege chegou ao theatro do Salitre, atravessando grupos animados de povo, que, vendo uma carruagem caminhar na direcção opposta ao rio, a deixava passar com indifferença.

Conhecem todos aquelle pobre theatro, que viu passar pelo seu tablado tanto drama sanguinolento, tanta comedia burlesca, e em cujo repertorio, principalmente no principio d'este seculo, se pode ler a historia da nossa litteratura dramatica.

Era então director do theatro Felix José Fernan-

des, que regia igualmente o theatro da Boa Hora, em Belem. Joaquim da Costa, artista distincto, era o pintor do theatro. Tinham fama as *tramoias* (como então se chamava ao machinismo) do Salitre, e o publico frequentava com predilecção aquella sala de espectaculos. Podia imaginar-se que n'essa noite de tristeza, em que partia para o Brazil a familia real, em que se esperava a cada momento a entrada de Junot em Lisboa, ou não haveria theatro, ou seria limitadissima a concorrência. Completo engano! O publico apinhava-se na rua. É que os acontecimentos politicos reflectiam-se no theatro, em forma de elogios dramaticos, de peças allegoricas, etc. Depois da desastrosa e humilhante guerra de 1801, representara-se no theatro do Salitre uma peça allegorica de Bingre, o cysne do Vouga, como lhe chamavam, intitulada *A paz de 1801*. O publico lembrava-se ainda com saudade das declamações pomposas da Guerra, de Mercurio, da Europa, etc., e das maravilhosas transformações da peça, e da nuvem rosada em que baixava a Paz, e, sabendo que n'essa noite se recitaria uma elegia sentidissima á ausencia do principe regente, corria em chusma ao Salitre na esperança de poder manifestar os seus sentimentos patrioticos, e o seu affecto pelo principe que se ausentava.

O conde e a condessa de Villa Velha, apeando-se á porta do theatro, atravessaram a turba e dirigi-

ram-se para a sua *frizura*, como então se chamava o que hoje se chama friza, comprimentados respeitosamente pelos empregados do theatro.

O conde de Villa Velha lançava em torno de si olhares anciosos, mas evidentemente não via o que procurava; passara pelo contrario pelo dissabor de notar que os seus perseguidores, saltando da trazeira, ao mesmo tempo que elle se apeava da sege, tinham entrado logo em animada conversação com muitos dos populares que se apinhavam á porta do theatro, e tinham começado, segundo parecia, a fazer a sua propaganda.

Quando os condes de Villa Velha entraram na sua frizura, já as rebecas tocavam desafinadissimas gaitadas, contra as quaes troveja aquella incorrigivel má lingua do José Agostinho de Macedo. A platêa estava apinhada de espectadores; os camarotes e as frizuras é que estavam menos povoados.

Não tardou a subir o panno, mostrando aos espectadores uma vista que representava uma paizagem agreste, mas grandiosa. No cimo de uns montes appareceu então uma actriz alta e magra, vestida com o traje tradicional de Lysia, e empunhando a bandeira portugueza. Uma salva de palmas acolheu a imagem da patria, posto que estivesse symbolisada, talvez com verdade, mas de certo pouco lisongeiramente, pela esgalgada actriz que tinha na

cabeça o capacete e na mão o estandarte nacional. Lysia, depois de ter estacado um instante no alto dos serros, para receber os applausos patrioticos da platêa, desceu por uma ladeira que serpeava entre os rochedos de papelão, e avançou com passo academico pelo palco até chegar bem proximo do ponto, medida de prevenção que era suficientemente explicada pelo pouco tempo que a actriz tivera para decorar a poesia, que fôra composta pelo seu auctor quasi de improviso.

Chegando ao pé do ponto, como dissemos, parou, estendeu o braço direito com um gesto solenne, e ao mesmo tempo, no meio do profundo silencio que reinava no theatro, ouviu-se a voz do ponto exclamar :

— Sou eu.

A artista podia responder-lhe que tanto sabia que era elle que para alli se fôra chegando ; mas não articulou palavra, inclinou a cabeça com tristeza, uniu as mãos deixando descair no braço o estandarte, e relanceou um languido olhar para as frizuras e para a platêa.

— Sou eu, tornou a voz do ponto já quasi perfeitamente audível.

Os espectadores mais proximos principiavam a embirrar com a teima do ponto em affirmar a sua identidade, quando tiveram a explicação da insistencia, logo que a magra actriz, resolvendo-se a

principiar, declamou ou antes cantarolou com voz lugubre, segundo o estylo da epoca :

*Sou eu quem se jactou de ser emporio  
Que ao filho de Laertes deve origem ;  
Que a meus peitos nutri o grão Sertorio,  
E soube leis dictar além do Estige ?*

*Aquella, que em batalhas infinitas,  
Bafejada por Jove soberano,  
Fui estrago, terror de ismaelitas,  
O jugo sacudi do sceptro hispano ?*

*A mesma que ensinou ao frio Norte  
Arar ceruleos campos de Neptuno ?  
Que homens illesos produzi da morte  
Albuquerque, Pacheco, Alvaro, Nuno ?*

Assim continuou n'este tom por um sem numero de estrophes, percorrendo toda a historia portugueza, e perguntando sempre se era ella a mesma Lysia, que... etc., dando vontade aos espectadores de lhe dizerem : « Não senhora, essa Lysia em que falla era mais gorda ». Afinal, quando metade dos espectadores já dormitavam ao som dos *que que* da magra Lysia, destampa de subito com a seguinte quadra :

Ah! Lysia já não sou, dura memoria!  
Succede meu clamor ao doce canto,  
Porque me deixa Tito, a minha gloria,  
No procelloso mar de amargo pranto.

Uma salva de palmas mostrou que os espectadores tinham percebido que Tito era o principe D. João. Se o principe não fosse acompanhado por D. Carlota Joaquina, esta quadra explicava a sua partida. Tito, como lhe chamava o auctor dos versos, fugia d'aquella esguia Berenice e com sobrada razão; mas entre a princeza hespanhola e a actriz do Salitre fosse o diabo á escolha, e D. João com a fuga pouco lucrava.

A actriz, que tinha decididamente a mania de fazer perguntas, depois de participar que Tito partira, desfechara n'uma serie de interrogações para saber quem havia de fazer isto, e aquillo e aquell'outro na ausencia de sua alteza, e finalmente dizia :

Quem ha de laurear Newton, Descartes,  
Os Cartesios, Copernicos, os Tichos,  
Heroes das invenções, os paes das artes,  
Que guardam de Minerva os cofres ricos?

Realmente se os Newtons e os Descartes estivessem á espera dos loiros, com que lhes havia de enramar a fronte o principe D. João, podiam munir-se

de paciência. Mas emfim o publico parece que entendeu que a sciencia estava effectivamente perdida com a ausencia do principe D. João, porque applaudiu a quadra.

D'ahi por diante applaudiu ainda, mas deixou de entender; porque hoje mesmo custa a apanhar o fio d'esta enredada elegia, por tal forma está tudo romanisado e disfarçado em mythologico. Napoleão é o *inhumano Pompeio*, o Tejo é o *claro Esperio*, os soldados portuguezes são *Hectores*, cada padre é um sacrificador. Havia uma quadra cheia de actualidade, mas que ninguem percebeu. Era a seguinte :

E que não ouvisse eu a voz troante,  
Bem como ouviu Cedicio entre os romanos,  
Que o tumulto dos gallos petulante  
Trilhava os arraiaes dos cistaganos.

Lysia queria dizer na sua, que tinha pena de não ter sabido a tempo que Junot estava já ao pé de Abrantes; mas a idéa estava tão engenhosamente disfarçada que o publico deixou de applaudir, porque não foi capaz de adivinhar que esta quadra falava na questão do dia.

O conde de Villa Velha estivera na sua frizura todo o tempo em que se recitara a longa elegia, mas não era capaz de certo de dizer se se representava a

*Virtude laureada* de Bocage, se o *Doutor Sovina* de Manuel Rodrigues Maia, se um elogio dramatico de Francisco Joaquim Bingre. Os seus olhos percorriam com avidez a platêa sem encontrarem o que buscavam, e já no seu rosto se lia um profundo desespero, quando de subito soltou um grito de alegria.

Os espectadores mais proximos voltaram-se espantados para a friza; mas, como não viram coisa alguma que merecesse mais particular attenção, entenderam que o fidalgo se alegrara com as felicidades que Lysia estava promettendo a si mesma. Com effeito n'esse momento dizia-se no palco a ultima quadra, em que o futuro D. João vi era comparado a Cesar.

Meu Cesar subirá de Lysia ao solio  
Rodeado de estrellas refulgentes,  
Os hymnos soarão no Capitolio,  
A gloria voará além das gentes.

Depois de se ter comparado Napoleão a Pompeio, era justo que se dessem as honras de Cesar ao marido de D. Carlota Joaquina. Por isso quando caiu o panno, rebentaram logo muitos applausos, a que não pôde associar-se o conde de Villa Velha, porque saíra precipitadamente da friza.

É que pouco antes de terminar a poesia divi-



sára emfim o que procurava debalde e anciosamente desde o principio da noite.

Um uniforme do corpo da policia.

---

## V

### JAYME CORDEIRO DE ALTAVILLA

Os leitores já perceberam o plano do conde de Villa Velha. Sentindo a urgencia de embarcar, não achando modo de prevenir a policia para d'ella reclamar protecção, lembrára-se de subito de ir a um theatro onde encontraria muito provavelmente soldados d'esse corpo, e obter assim a escolta que estava sendo indispensavel. Ia-lhe falhando o plano, porque, ao entrar no theatro, por mais que procurasse não viu nem um unico soldado. Ia uma tal desordem por Lisboa, reinava uma tal anarchia nas repartições publicas, que nem o serviço quotidiano se fazia com regularidade. O acaso valeu ao conde de Villa Velha, levando ao theatro do Salitre, como simples curioso, o sargento da policia que entrára no fim do chocho monologo de Lysia.

Saira o conde precipitadamente da friza, e corréra á porta da platéa d'onde saía pouco depois o sargento, porque principiava o intervallo. O espectáculo abria com a poesia, como abria sempre com os elogios dramaticos quando os havia, mas devia continuar com a *Castro*, de João Baptista Gomes, que se representára pela primeira vez quatro annos antes, mas que estava ainda na flôr da sua immensa e injustissima voga.

Apenas o sargento saiu, o conde de Villa Velha tocou-lhe no braço, e, quasi sem olhar para elle de inquieto que estava a relancear em torno de si a vista com receio que lhe apparecesse algum dos seus perseguidores, disse-lhe :

— Sou o conde de Villa Velha. Queira seguir-me, que preciso de lhe dar duas palavras.

O sargento estremeceu, ouvindo esta voz; mas, depois de uma brevissima hesitação, obedeceu e seguiu-o.

Ao chegar ao corredor das frizas, que estava quasi deserto, o conde de Villa Velha parou, e, voltando-se para o sargento, ia a dizer-lhe o que desejava, quando pela primeira vez encarou bem de fito com elle, e exclamou suspenso, e como atterrado :

— O que ! É o sr. Jayme ?

— Eu mesmo, respondeu o nosso conhecido Jayme Cordeiro de Altavilla, eu que não tenho ha muito tempo a honra de ver a v. ex.<sup>a</sup>

O tom de voz era mordente e ironico. O conde sentiu isso, e abaixou a cabeça, murmurando :

— Estou perdido !

— Perdido porque ? redarguiu Jayme Cordeiro, seccamente. Aqui não está o homem a quem v. ex.<sup>a</sup> tão acerbamente pungiu, está apenas o sargento do corpo de policia. Se v. ex.<sup>a</sup> reclama de mim o cumprimento de alguma das obrigações do meu posto, hei de satisfazel-o plenamente.

— O sr. Jayme foi sempre fiel ao seu dever, tornou o conde de Villa Velha com voz um pouco tremula ; sabe que nunca neguei os seus predica-dos, ainda que o meu dever de chefe de uma fa-milia illustre me obrigasse a magoal-o.

— Escusamos de falar n'isso, sr. conde, tornou Jayme cada vez mais seccamente. V. ex.<sup>a</sup> foi fiel ao seu character. Como havia de hesitar em matar a minha ventura quem não hesitou, para obedecer aos seus mesquinhos preconceitos, ás suas loucas vaidades, em sepultar sua filha n'um convento !

— Sr. Jayme ! redarguiu o conde endireitando-se n'um repellão de colera.

— Não se irrite que perde o trabalho, tornou friamente o sargento, sabe que eu não provócarei nunca o pae de Magdalena, mas sabe tambem que não deixarei insultar em mim a farda de um soldado. Não percámos pois o tempo com vãs disputas. O que deseja v. ex.<sup>a</sup> do corpo de policia ?

O conde de Villa Velha domou a custo a raiva que o inflammava; mas o sentimento do perigo foi mais poderoso do que todos os outros, e portanto respondeu cortezmente, narrando o que succedia e o que desejava. No fundo do coração tremia que Jayme aproveitasse um ensejo tão azado para a sua vingança. Jayme, porém, respondeu-lhe serenamente :

— Bem. Fique v. ex.<sup>a</sup> descansado. Eu vou reunir uma escolta, e estou aqui dentro de meia hora. Queira v. ex.<sup>a</sup> esperar-me.

E, sem aguardar que o conde lhe agradecesse, voltou-lhe as costas e saiu precipitadamente.

O conde, fluctuando entre o receio e a esperança, voltou para a friza, quando já subira o panno, e quando a mesma actriz esgalgada, que calumniára Lysia, começára a calumniar Ignez de Castro, mudando o celebre collo de garça, que os historiadores tanto celebram, n'um verdadeiro pescoço de ganso. O conde de Villa Velha entrava na friza, exactamente no instante em que a Ignez de Castro acabava de cantar os dois celebres versos :

Sombra implacavel ! pavoroso espectro !

Não me persigas mais, Constança, eu morro.

Emquanto Elvira lhe pergunta porque anda ella a gritar pelos corredores, emquanto a miserrima

Castro lhe conta pela millesima vez os seus infortunios, enquanto as duas e depois o principe despejam sobre a platêa uma torrente de versos elmanistas, vejâmos se pomos o leitor ao facto da vida de Jayme Cordeiro de Altavilla, afim de que possa entender a scena mysteriosa passada entre elle e o conde de Villa Velha.

Jayme era filho de um francez, mestre de esgrima, que viera a Portugal com Augereau, de quem era amigo intimo, e que resolvera tentar fortuna por estes sitios. Chamava-se Jacques Tevill. Jogando bem as armas, fôra chamado para mestre de esgrima dos officiaes de um regimento de cavallaria que estava de guarnição em Evora. Tevill acceitára a nomeação, ao passo que o seu amigo e camarada continuava a percorrer a senda aventureira, que o devia conduzir, no fim, ás assombrosas alturas de marechal do imperio e duque de Castiglione.

Augereau, que antes de ter subido tão alto, e tambem no meio das suas grandezas, sempre fôra um pouco brutal, e gostava da chalaça grossa, tinha o costume de chamar Jacquot ao seu collega. Jacquot lhe ficaram tambem chamando os seus discipulos do regimento. Jacquot Tevill, eis como elle era conhecido em Evora. O homem aproveitára a brincadeira, e começára a pouco e pouco a assignar Jacques Hauteville. Era tão pequena a diffe-

rença do som! D'ahi a separar os dois nomes por uma pequena particula ia tão pouca distancia! Principiou a chamar-se Jacques de Hauteville. Depois em Evora a portuguezaram-lhe o nome, e, para mais commodidade, chamaram-lhe Altavilla. E aqui temos como o nosso heroe, Jayme Cordeiro de Altavilla, filho de um simples mestre de esgrima, conseguiu este appellido aristocratico.

Vinha-lhe da mãe o appellido de «Cordeiro». O illustre mestre de esgrima, apesar do seu nobre nome, resignou-se a casar com uma simples aia da condessa de Villa Velha, que residia em Evora. O homem explicava essa *mésalliance* pelos infortunios da sua familia, que lhe não permittiam ir ao paço pedir a mão de uma das infantas; e tambem pela influencia da paixão devoradora, que a gentil aia-zinha lhe inspirára. Devemos dizer em boa verdade, que, se elle não achára desagradavel o rostinho peninsular de Marianna da Conceição Cordeiro, enlevára-se principalmente no dote soffrivel que a condessa de Villa Velha tencionava dar á sua favorita. A noiva é que se deixára captivar pela figura marcial, pelos ares fanfarrões, e pelo sonoro *verbiage* do compatriota de Voltaire. Casaram e o unico fructo d'esse matrimonio fôra o nosso heroe Jayme Cordeiro de Altavilla.

Marianna nunca deixára de frequentar a casa de seus antigos amos. Tinham os condes cinco filhos,

tres rapazes e duas meninas. O mais velho, o morgado, D. Luiz, estava destinado a passar a vida em santa ociosidade, disfructando as rendas da sua casa já um pouco arruinada; a filha mais velha, Maria, devia ter um magnifico dote que lhe permitisse desposar algum dos membros mais illustres da alta nobreza. Os dois filhos mais novos eram destinados um para o sacerdocio e outro para as armas. A este já a rainha D. Maria i promettera uma companhia de cavallaria. A filha mais nova, Magdalena, não podendo casar nobremente, porque a casa dos condes de Villa Velha não chegava para dois dotes, estava condemnada a ser esposa de Christo, e devia professar logo que chegasse á idade propria.

Pois se havia pessoa que tivesse pouca vocação para freira era de certo a gentil Magdalena, que tinha oito annos quando contava doze o nosso Jayme. Viva, travêssa, garrida a mais não ser, Magdalena toda se enlevava quando a vestiam com elegancia, e coqueteava com os rapazes que lhe frequentavam a casa, um dos quaes era o nosso Jayme, seu companheiro de brinquedos, que tinha por ella uma predilecção muito especial. Magdalena, valha a verdade, não o preferia aos outros; o preferido era sempre o recém-chegado, fosse elle qual fosse. Como porém Jayme era mais forçoso que todas as derrancadas vergontear dos fidalgos troncos portu-

guezes, que iam brincar com a filha do conde de Viila Velha, como tinha portanto a certeza de sair vencedor nos seus torneios infantis, era sempre quem Magdalena escolhia para seu cavalheiro. Jayme todo se ufanava com a escolha, e habituara-se a estender a sua protecção para além dos limites das brincadeiras quixotescas. Assim, se, terminado o torneio imitado do *Carlos Magno* de Luiz Laboureur, nasciam entre os pequenitos algumas disputas por causa de um bonito cubiçado, se Oliveiros ou Roldão, esquecendo a deferencia cavalheiresca pela formosa Floripes, não fazia caso das suas lagrimas nem da sua vontade, vinha o nosso Jayme, e corria á bordoadada os doze pares de França, o proprio Carlos Magno, e até o almirante Balão. Floripes, ou antes Magdalena, sorria-se toda enlevada para o seu campeão, e Jayme sentia-se amplamente recompensado de todos os murros que distribuira com liberalidade.

Foram crescendo; o mestre de esgrima morreu. Jayme, conhecendo a fundo a lingua paterna, gostando immenso de ler, e não sendo dirigido nas suas leituras por sua mãe, excellente, mas pouquissimo illustrada senhora, que tomava a *Nova Heloisa* por uma especie de *Perfeito secretario*, e o *Diccionario philosophico* por um livreco no genero de todos os *Lexicons* de escola, Jayme deixou-se impregnar pelas idéas dos grandes innovadores do seu



tempo, viu o mundo como elles o sonhavam e não como elle era; loucamente apaixonado por Magdalena, que lhe correspondia, ou que pelo menos julgava corresponder-lhe, porque era o unico rapaz airoso que havia alli nas vizinhanças, e porque gostava de ouvir o cozinheiro francez dizer a Jayme, quando elle passava: — *Bonjour*, «*mr. de Hauteville*», Jayme pois não hesitou um bello dia em pedir ao conde de Villa Velha a mão de sua filha.

O conde caiu das nuvens, e julgou-se insultado. Nunca imaginára no seu orgulho que se lhe podesse fazer tão audaciosa proposta, a não ser ou por loucura ou com firme proposito de offensa. Nem respondeu a Jayme, senão ordenando-lhe que nunca mais pozesse o pé em sua casa, se não queria que os seus lacaios o sacudissem a chicote para o meio da rua. Jayme furioso desafiou-o. O conde respondeu-lhe rindo que tinha pago pontualmente as lições de esgrima que recebera do pae, que ficára perfeitamente instruido, e que não dava ao filho a continuação da freguezia. Como Jayme insistisse, dispoz-se a chamar a criadagem, não respondendo de outro modo aos epithetos affrontosos que Jayme lhe arrojava ás faces.

Jayme saiu chorando de desespero. Acabava de perceber de relance o que era a sociedade portugueza do seculo xviii. Como o escravo romano, que podia estar presente sem que as damas dei-

xassem de se despir á vontade porque não lhe faziam a honra de o considerarem um homem, assim o plebeu podia injuriar, mas não offender um fidalgo portuguez.

O conde de Villa Velha ficára comtudo altamente irritado ; mandára chamar a mãe de Jayme, e tratára-a desabridamente. A pobre senhora ficára estupefacta da audacia de seu filho. Não dizia senão que aquillo eram coisas do inimigo, que estava o demonio no corpo do rapaz, e que era preciso exorcismal-o. O conde declarou-lhe que o exorcismasse á sua vontade, mas que elle é que não queria tornar-lhe a pôr a vista em cima. Ao mesmo tempo entendeu que se tornava necessario fazer professar sua filha.

Magdalena entrou, como noviça, n'um convento. A pobre menina recebeu com profunda afflicção essa noticia. Não se podia resignar a abandonar o seculo. N'uma ultima entrevista, que teve com o seu namorado, chorou copiosamente, e Jayme affirmou-lhe que, dêsse por onde dêsse, lhe havia de quebrar a clausura, ainda que fosse obrigado a desmoronar elle sósinho a sociedade portugueza.

Magdalena achou tudo isso muito justo, prometeu que lhe escreveria sempre que pudesse, e foi depois derramar o resto das suas lagrimas no seio de um primo elegante, que estava em Evora de passagem, e que lhe fizera dois dedos de côrte;

sem com isso aspirar a roubal-a, sem dote, ao esposo divino que a reclamava.

Jayme partiu para Lisboa, novo D. Quixote, jurando a si mesmo que seria elle quem faria a revolução em Portugal. Quiz seguir a carreira das armas. O conde de Novion protegeu-o, como a um compatriota, e, encontrando n'elle um moço intelligente e instruido, promoveu-o rapidamente a sargento. D'ahi para cima era quasi impossivel subir. Jayme precisava com urgencia de fazer a revolução, se queria conquistar essa espada de official, com que tencionava cortar os sagrados nós que prendiam a sua noiva. Esses nós eram tanto mais difficeis de desatar, quanto, passado o tempo do noviciado, Magdalena professára n'um convento de Evora. Esta noticia desesperára Jayme, que ficára odiando mortalmente o conde, o qual viera residir para Lisboa, aonde o chamára um cargo importante, para que fôra nomeado na côrte.

Tudo isso concorria para que o conde de Villa Velha estivesse esperando verdadeiramente angustiado, a volta de Jayme. Nunca a *Nova Castro* de João Baptista Gomes teve um ouvinte mais distrahido. Demais a mais Jayme demorava-se immenso. Acabou o primeiro acto; começou no segundo acto a enredar-se a tragedia, tornou a subir o panno para o terceiro acto e Jayme não apparecia. Já principiára a scena celebre entre D. Af-

fonso iv e D. Pedro, quando o conde de Villa Velha sentiu de subito baterem á porta da friza. Foi abrir com um movimento de jubilo. No corredor, vestido com o uniforme de serviço, com espada cingida, e esporas calçadas, estava Jayme Cordeiro.

— Podemos partir quando v. ex.<sup>a</sup> quizer, disse elle friamente. A escolta espera-nos.

— Oh! beijo-lhe as mãos, tornou profundamente commovido o conde.

A condessa, uma pobre senhora fraca e humilde, essa chorava francamente.

Jayme inclinou-se para ella com suavidade, e disse-lhe :

— Porque chora, minha senhora ? Pungem-n'a as saudades de sua filha ? Se lamenta deixal-a em Portugal tão só, tão abandonada, deixe seu marido partir, fique v. ex.<sup>a</sup> em Lisboa, e eu lhe juro que será escrupulosamente respeitada por portuguezes e francezes.

O conde franziu o sobr'olho ; a condessa relanceou para elle um olhar supplicante, mas respondeu sem hesitar :

— Não, menino, não ; uma mulher não abandona seu marido.

Este tratamento de « menino » era uma recordação involuntaria de Evora. Esquecera-se de que tinha diante de si um homem e um inimigo, e tra-

tou-o como se elle ainda fosse o loiro filhito da Marianna da Conceição.

Jayme sorriu-se affectuosamente para a condessa, e, cortejando-os e fazendo-lhes signal que o seguissem, dirigiu-se para a porta de entrada.

Na rua estava o antigo criado do conde á testa de um grupo já numeroso de populacho, mirando com certo espanto e receio uns trinta soldados de cavallaria da policia, que se haviam formado defronte do theatro.

Quando viu sair o conde com o sargento, o agitador soltou um grito de raiva.

— Ah! patife! exclamou elle, pregaste-m'a na menina do olho; mas deixa estar que as não perdes. Tu não levas contigo a casa, murmurou elle com voz quasi inaudivel.

Jayme Cordeiro, porém, sem alterar a sua impassibilidade:

— Cabo Pimenta! disse com a voz breve do commando.

— Prompto! respondeu um dos cavalleiros saindo da fileira.

— Leva contigo dez cavallos, e dispersa quaesquer ajuntamentos que se queiram formar á porta do sr. conde de Villa Velha. Depois espera que te rendam. Marcha!

O cabo executou a ordem que recebia, e, momentos depois, os dez soldados da cavallaria da

policia desciam a meio trote a calçada do Salitre.

O tenaz inimigo do conde de Villa Velha soltou um verdadeiro urro de desespero, e o boleeiro Antonio, que, depois de algumas libações repetidas com que procurára combater o frio de uma noite de novembro, voltava um pouco alegrete para o seu lugar, não pôde eximir-se, com a alegria que teve, a dar de passagem uma valente cotovellada no seu perseguidor.

O conde nem ousava já agradecer a Jayme Cordeiro; a condessa é que de novo se sorriu agradecida para elle.

Os dois fidalgos metteram-se na sege, e o sargento, pondo-se á frente dos seus vinte homens de escolta, galopou ao lado da portinhola.

Quando chegaram ao caes, o conde, apeiando-se, entendeu que devia finalmente dirigir palavras de acalorado agradecimento ao seu salvador. Quando porém o procurou entre a escolta, já o não encontrou. Os vinte soldados obedeciam agora a um cabo.

Havia pouca gente no caes; alguns homens do povo contemplavam ainda curiosamente os navios da esquadra portugueza, que se baloiçavam no Tejo, esperando vento favoravel que lhes permittisse saírem.

Alguns barcos porém, aguardando os passageiros, que não cessavam de se dirigir para bordo da esquadra, estavam amarrados ao caes. O conde man-

dára felizmente na vespera a sua bagagem para os navios. Saltou para um bote com sua mulher e mandou largar. Quando os esforços de dois vigorosos remadores afastaram o barquito da praia, o conde soltou um suspiro de allivio. Estava salvo!

A alguma distancia das escadas, proximo do torreão, onde hoje está o ministerio da guerra, um homem embuçado seguia com anciedade os movimentos do conde. Quando o bote se affastou da praia, o embuçado murmurou, com uma especie de jubilo:

— Desamparas Magdalena, como o teu principe desampara a patria! Pois eu vos juro que uma e outra hão de n'este cataclysmo conquistar a liberdade.

---

## VI

### A MARCHA DE JUNOT

Fosse qual fosse o interesse particular que Jayme Cordeiro de Altavilla tivesse na entrada dos francezes, o seu patriotismo havia de padecer profundamente no dia seguinte, quando visse o desprezo com que Junot tratava o reino, quando visse

um punhado de francezes, mortos de cansaço e de privações, dispersos, quasi desarmados, tomar posse da nossa magnifica, soberba e populosa capital.

O exercito de Junot, composto de vinte e tres mil homens quasi todos recrutas, repartidos nas tres divisões dos generaes Loison, Delaborde e Travot, partira de Bayona, e entrára em Hespanha no dia 17 de outubro de 1807. A Hespanha era para elles um paiz amigo e alliado, a sua expedição devia ser principalmente favoravel aos interesses da Hespanha, pois que os francezes vinham cooperar para que se realisasse a tão suspirada Iberia. Portanto Junot não receiára dividir o seu exercito em muitas columnas, para tornar a sua passagem menos pesada aos povos. É verdade que o principe da Paz promettera ter tudo disposto para que nada faltasse aos soldados de Napoleão, embora marchassem em massa compacta, mas sempre era mais generoso facilitar-lhe a tarefa, dispersando os soldados para que elles não esgotassem os recursos de uma estrada.

Foi uma inspiração do ceo. Se Junot apresenta os seus vinte e tres mil homens em Victoria ou em Burgos, morriam-lhe de fome, e de peste. Os soldados tinham tomado medo aos quarteis, onde faltava tudo o que era necessario, e onde abundava uma bicharia muito desnecessaria. Se muitos d'el-



les não tomam a resolução de dormir no meio da rua, o exercito francez, em vez de encontrar subsistencias em Hespanha, passava elle mesmo a ser a alimentação dos persevejos das Vascongadas. É verdade que os pobres recrutas caiam de Scylla em Caribdes. Se escapavam aos bichos, caiam os que se apartavam do grosso dos regimentos nas unhas dos camponezes, que os cozião ás facadas, já por conta do patriotismo futuro.

Quando chegou a Salamanca e a Ciudad Rodrigo, já o exercito passára privações; mas n'estas duas cidades recebeu ordem de marchar sem um instante de descanso, e foi ahi que principiaram os seus grandes trabalhos. Estava-se no dia 12 de novembro. Junot tinha que atravessar, em pleno inverno, as aridas montanhas que se estendem até á fronteira de Portugal. N'esses vastos desertos, a solidão não é perturbada senão por alguns pastores, que duas vezes por anno atravessam com os seus rebanhos da Castella Velha para a Estremadura, e da Estremadura para a Castella Velha. Nas raras aldeias que se encontravam, a população, em vez de poder sustentar os francezes, farejava-lhes as marmittas, a ver se lhes podia apanhar sobejos de rancho. O exercito não tinha outras subsistencias, senão as cabras de alguns pastores preguiçosos, que não tinham feito com grande pressa a sua viagem annual.

Emfim Junot lá percorreu, como pôde, e em dois dias, as dezenove leguas que separavam Salamanca de Ciudad-Rodrigo. Marchas forçadas n'estas condições desorganisavam o exercito de um modo espantoso. Imaginava o brilhante ajudante de campo de Napoleão que poderia restaurar em Ciudad-Rodrigo as forças dos seus soldados. Mas em Ciudad-Rodrigo o que elle encontrou foi um governador, que tinha todo o cynismo dos estalajadeiros hespanhoses e a indolencia de um pachá. Não se dêra ao incommodo de reunir viveres, nem se ralou muito com a chegada do exercito francez. É verdade que Junot podia saquear a cidade, que elle nem por isso deixaria de fumar tranquillamente o seu *cigarito*. O general, ajudado pelo seu chefe de estado maior Thiébault, lá tratou elle mesmo de reunir os recursos indispensaveis, e, depois de ter dado meia ração aos soldados, deixou em paz o governador, e internou-se nas montanhas.

A tempestade veio complicar o caso. N'aquellas horriveis serras, o vento, a chuva e a neve destroçaram rapidamente o exercito francez. As columnas perdiam a formatura, os soldados ficavam á rectaguarda, caíam alguns nos abymos, extraviavam-se outros, e não havia meio de reunir os regimentos debandados. Os guias nem se entendiam com os generaes, nem sabiam mesmo os caminhos que tinham vindo ensinar. Depois de innumeras fa-

digas, chegaram enfim os francezes á aldeia de Peña Parda, mas não era esse ainda o termo provisorio dos seus trabalhos. Para encontrarem alguns recursos era necessario que marchassem até á Moraleja, e ahí se põem elles de novo a caminho, no meio da tempestade, amaldiçoando a campanha, protestando contra os generaes, desprezando a voz dos seus superiores, perdidos n'aquellas vastas e devastadas solidões. A noite viera accrescentar o horror da situação. Não eram já os regimentos que não sabiam uns dos outros; no meio das trevas os soldados sentiam-se isolados completamente. A chuva fizera com que a pelle dos tambores perdesse a tensão, de forma que os sons do instrumento conhecido não podiam guiar as tropas no meio da treva, e dos confusos clamores da procella. Os francezes soltavam então gritos selvagens para darem signal de si uns aos outros. O pastor, que ao longe ouvisse entre os rugidos do temporal aquelles brados estranhos, pensaria que n'essa noite tempestuosa se celebrava no alto das montanhas o congresso infernal das feiticeiras.

Eram onze horas da noite quando uma columna chegou a Moraleja. Então os officiaes, para guiarem o resto do exercito, mandaram accender grandes fogueiras, illuminaram o campanario da pobre igreja aldeã, e começaram a tocar os sinos. Os desgraçados hespanhoes, acordados no meio da noite,

contemplavam com terror aquella scena. Os sinos vibravam sinistramente e em hora desusada, projectava-se sobre a neve o clarão ensanguentado das fogueiras, e a essa luz vermelha viam-se apparecer, de vez em quando, pallidos, extenuados, semi-mortos, arrastando as armas ou tendo-as já perdido nas torrentes, com o uniforme esfarrapado, os soldados francezes que se assimilhavam a verdadeiros espectros.

O horror d'esta scena lugubre foi augmentado em breve com os desatinos inevitaveis da tropa. Não havia meio de manter a disciplina, sobretudo quando, ao cabo d'esta noite de fadigas e de trabalho, não havia viveres para se distribuirem. Os francezes exasperados espalharam-se pela aldeia e saquearam-n'a completamente. Essa noite devia gravar-se de um modo indelevel na memoria dos pobres habitantes de Moraleja.

Apenas rompeu o dia, o exercito pôz-se de novo em marcha para Alcantara. Ahi esperava Junot com certa verosimilhança encontrar alguns recursos, mas foi essa ainda uma ultima illusão. O governo hespanhol puzera em marcha uns poucos de batalhões, debaixo das ordens do general Caraffa, para auxiliarem o movimento de Junot. Emquanto os francezes marchavam pela direita do Tejo, seguiam os hespanhoes a esquerda. Haviam chegado primeiro a Alcantara, esgotando rapidamente os poucos re-

curso da cidade. Junot achou-se em presença de uma cidade devastada.

Chegara á fronteira de Portugal, ia entrar finalmente em paiz inimigo, e tinha o exercito no mais deploravel estado. Dos seus vinte e tres mil homens, perdera já quatro ou cinco mil, sendo muitos d'elles soldados que tinham ficado á retaguarda, mas bastantes tambem os que haviam encontrado a morte por esses asperos desfiladeiros. A cavallaria estava quasi toda desmontada. A artilheria não podera em grande parte acompanhar o exercito, que apenas dispunha de seis boccas de fogo. As munições tinham tambem ficado para traz.

Era com um exercito n'essas condições que Junot podia invadir Portugal? E no caso de o invadir, o que já era temerario, não seria suprema loucura escolher o caminho da Beira, montanhoso, tornado impraticavel pelos rigores do inverno, e onde só bastariam guerrilhas para aniquillarem as divisões francezas? Junot hesitou um momento. As ordens de Napoleão eram peremptorias e circumstanciadas, e, se os logar-tenentes do imperador não ousavam nunca desobedecer aos seus mandados, o que estaria menos disposto a isso seria de certo Junot, costumado havia muito a uma obediencia cega, e que, de mais a mais, exercendo pela primeira vez um commando em chefe, temia ser accusado de falta de resolução.

Decidiu-se portanto a avançar, custasse o que custasse. Ordenou ao seu chefe de estado maior que requisitasse quantos sapatos houvesse na cidade, porque as tropas estavam descalças, alguns bois e a polvora de um grande paiol que alli existia. Tudo isso se arranjou. O governador de Alcantara era homem muito mais obsequiador do que o de Ciudad-Rodrigo, e, apesar de ser gordo e anafado, acompanhava Thiébault a toda a parte. Quando o chefe de estado maior de Junot lhe falou na polvora, o digno governador declarou que estava toda á disposição dos fieis alliados de sua magestade el-rei Carlos IV, e elle mesmo foi abrir o paiol. Thiébault mostrou-se satisfeito com a quantidade e qualidade, e disse ao obsequioso governador que mandasse encartuchar as munições.

— Encartuchar! exclamou o governador estupefacto. Encartuchar o quê?

— A polvora, tornou Thiébault.

— Mas como?

— Como? Essa é original! Mettendo-a em cartuchos.

— Mas nós não temos cartuchos, tornou o governador, que suava em bica, apesar de se estar em novembro.

— Pois façam-nos, tornou o laconico chefe do estado maior.

— Com quê? reperguntou o illustre governador.

— Com papel.

— Mas onde hei de eu agora encontrar tanto papel? dizia o governador, passeiando de um lado para o outro. Quasi que o não importamos.

— Não o importam, por quê? Porque o fabricam na cidade?

— Não, senhor, porque o usamos pouco.

Thiébault ficou atordado com esta resposta, e fugiu, deixando o governador scismar no melhor modo de arranjar papel para os cartuchos.

Thiébault era escriptor; deixou uma memoria estimada ácerca da primeira campanha de Portugal, e por isso não admira que se revoltasse contra o desprezo que os alcantarenses manifestavam pelo papel.

Meia hora depois entrava o governador de Alcantara na casa onde estava aquartelado o general em chefe. Encontrou apenas Junot; Thiébault fôra ver se achava modo de poder transportar umas pecitas de montanha, para que o exercito não marchasse completamente desprovido de artilheria.

— Então o que o traz por cá, sr. governador? disse Junot, que se recostava n'uma ampla cadeira de braços.

— Sr. general, achei modo de encartuchar a polvora.

— Ah! sim; como? perguntou Junot, que fôra

informado da difficuldade pelo seu chefe de estado maior.

— Sr. general, como de certo não ignora, esta cidade era sede de uma ordem militar, que aqui tem os seus archivros... Um casarão, que podia ser um optimo quartel, e que está occupado com uma papelada velha que não serve para um diabo, desculpe v. ex.<sup>a</sup> a familiaridade da expressão.

— Vá dizendo; nós cá, militares, trazemos sempre o diabo na bocca. Siga.

— Ora, sr. general, lembrou-me que podia dar a esses papeis um destino util — o de cartuchos. Vou já mandar um bando de trabalhadores para despejarem os cartorios, e d'aqui a duas horas tem v. ex.<sup>a</sup> um monte de cartuchos, e eu o casarão desoccupado.

— Pois sim, *hombre*, respondeu Junot anediando o bigode, e recostando-se mais commodamente, para dormir, mas que tudo se faça depressa. E agora, sr. governador, permitta-me que eu tome algum descanso. A maldita noite de Moraleja deixou-me somno para um mez.

O governador saiu muito jubiloso. D'ahi a duas horas já uma immensidade de manuscriptos estavam transformados em cartuchos. Junot soubera d'esse acto de vandalismo, e deixára que se praticasse. O antigo sargento de Toulon, na sua qualidade de primoroso calligrapho, qualidade que fi-



zera com que Bonaparte o distinguisse, desprezava profundamente a letra detestavel dos velhos pergaminhos. Thiébault, quando foi informado do caso, pôz as mãos na cabeça, mas já não era tempo. Os archivos dos cavalleiros de Alcantara estavam sendo preparados para o auto de fé das batalhas.

Junot entretanto dividia as suas tropas em dois corpos de exercito. Deixou um d'elles, composto da terceira divisão, da cavallaria e da artilheria, em Alcantara, com missão de reunir todos os extraviados, e de marchar depois vagarosamente. Com o outro corpo de exercito, composto das duas primeiras divisões, e de algumas peças de campanha, partiu Junot no dia 20 de novembro, e internou-se na Beira portugueza.

Um simulacro de resistencia bastaria para destruir o temerario. O seu exercito estava diminuidissimo e um pouco desmoralizado; os caminhos eram horriveis, a chuva fizera-os quasi impraticaveis. Tinham a cada instante de atravessar torrentes, de subir alcantis, de descer a precipicios. Os soldados descórçavam com estes impedimentos constantes, e, não conhecendo a fraqueza do nosso governo, receiando por conseguinte a cada instante ver apparecer um destacamento do exercito portuguez, uma simples guerrilha, que lhe fechasse um desfiladeiro, ou coroa-se um pincaro, ou defendesse um rio, julgavam-se sempre em vespera de um im-

menso desastre. Os generaes animavam-n'os e davam-lhes o exemplo; o general Delaborde, uma vez, apeiou-se, e metteu-se a pé no leito de uma torrente para incitar a atravessarem-n'a os soldados hesitantes. Faziam porém tudo isso com a maior tranquillidade. A natureza encarregára-se sózinha de defender Portugal; mas os homens não a ajudavam.

Quando o exercito francez entrou em Castello Branco, os portuguezes deviam por força fazer uma triste idéa dos seus invasores. As tropas chegavam n'um estado, que melhor podia inspirar commiserção do que terror. Uma das divisões, a que chegou primeiro, acampou fóra da cidade, para que a outra divisão, que ainda vinha mais cansada, podesse gosar os commodos de uma povoação. Os beirões viram com espanto apparecer uns bandos de soldados pallidos, semi-mortos, que constituiam o exercito invasor. Os sapatos hespanhoes de Alcantara tinham-se já desfeito nos fraguedos da Beira. A maior parte dos soldados de Junot vinham descalços, e n'um estado de irritação extrema. Para os impedir de saquearem a cidade, e principalmente as padarias, porque os devorava a fome, foi necessario empregar n'um serviço de policia os regimentos mais disciplinados e pôr sentinellas á porta de cada forneiro.

O peor era que nem tinham ainda tempo de

descançar, e já se viam obrigados a pôr-se de novo a caminho. Parar era impossível, principalmente n'aquelles sitios. Junot não queria senão chegar ao valle do Tejo; Abrantes era o seu primeiro objectivo. A marcha n'essa direcção operou-se separadamente. Uma das duas divisões, a primeira, seguiu por Sobreira Formosa, a segunda por Perdigão. Aquella teve de soffrer fadigas sem conto. Atravessar as torrentes engrossadas pelas aguas da chuva, era um trabalho insano. Os officiaes viam-se obrigados não só a animar e a ajudar os soldados, mas alguns d'elles tiveram de lhes pegar ao collo, para os fazerem atravessar as torrentes, dando assim ao exercito um exemplo de abnegação, que lhe servisse de estímulo. E entretanto a fome continuava a ser a companheira de viagem do exercito francez. Por isso tambem desgraçada da aldeia onde entravam as tropas de Junot! A custo escapavam de ser saqueadas, quando escapavam! Sarzedas teve essa triste sorte. A exacerbação, o desalento, o desespero, a fadiga dos soldados, quando chegaram á Sobreira Formosa, são impossiveis de descrever. Aqui já não eram necessarios nem um destacamento do exercito, nem um troço de guerrilhas; bastava que os camponezes armados de varapaus se precipitassem sobre as divisões de Junot para as destruir completamente. Aquella marcha foi uma verdadeira retirada da Russia... sem cossacos.

A segunda divisão, padecera as mesmas fadigas na sua marcha por Perdigão. É verdade que as principaes difficuldades estavam vencidas.

Esta marcha forçada desastrosa fizera com que ficassem á retaguarda uma immensidade de soldados. O exercito de Junot estava disperso em pequenissimas fracções desde Salamanca até Abrantes. Um grande numero de homens isolados povoavam as estradas. A indifferença apathica dos camponezes n'esse primeiro momento, as ordens do principe regente, que mandava que os francezes fossem tratados como amigos, protegeram o exercito de Junot, mais ainda do que o prestigio das victorias imperiaes em que fala mr. Thiers.

A força, que entrou em Abrantes no dia 24 de novembro, não excedia a quatro ou cinco mil homens, e em que deploravel estado, pôde-se facilmente imaginar. As espingardas vinham em grande parte inutilisadas. Os soldados serviam-se d'ellas, como de varapaus, para atravessarem as torrentes. A fadiga, o desalento, pintavam-se nos rostos pallidos d'esses vencedores da Europa.

A vista de Abrantes reanimou-os. É que nada ha com effeito mais encantador do que este ridente valle do Tejo, principalmente quando acabam de se atravessar as aridas provincias hespanholas da raia, e os temerosos fraguedos da Beira.

Tudo é risonho e sereno, tudo offerece o aspecto

da opulencia e da fertilidade. O rio deslisa brandamente por entre ricos vergeis, pittorescas villas, margens verdejantes, e abraça amorosamente as ferteis lezirias.

Os soldados de Junot imaginaram que tinham entrado no Paraíso. Bebião regaladamente os optimos vinhos das cepas portuguezas, saltavam nos laranjaes e comiam com delicia a fructa verde, sem se importarem que ainda não estivesse avermelhada a casca. Para se avaliar qual seria o jubilo dos soldados, basta que digâmos, que era a primeira vez desde a sua partida de Salamanca que tinham ração completa.

Junot tratára de reparar com a maxima promptidão o fato e as armas dos seus soldados. Por muita que fosse a sua temeridade, por grande confiança que tivesse no prestigio da gloria franceza, e por muito que desprezasse a fraqueza do governo portuguez, que elle bem conhecia, porque estivera pouco tempo antes da invasão embaixador em Lisboa, não ousava comtudo apresentar-se na capital com um punhado de homens verdadeiramente desarmados. Teve portanto de se demorar em Abrantes, para concertar ou substituir as espingardas, para dar aos seus regimentos sapatos e algum descanso, para mandar á retaguarda carros que trouxessem os soldados, que tinham ficado pelas estradas rendidos de fadiga, e finalmente para organizar um

corpo escolhido de quatro mil homens, com que podesse, n'uma nova marcha forçada, entrar em Lisboa a tempo de aprisionar a familia real, e de impedir que partissem para o Brazil os thesouros do reino.

Abrantes portanto, apesar das delicias que offerecia a um exercito fatigado, e das tentações que podia exercer em quem tinha a consciencia de haver levado a effeito uma marcha verdadeiramente maravilhosa, não produziu n'este novo Annibal o effeito de uma nova Capua. Por isso tambem Napoleão, apreciando devidamente a energia, e a actividade do seu ajudante de campo, quando quiz reconhecer com um titulo de nobreza a marcha audaciosa de Junot, foi Abrantes que escolheu para solar do novo duque do imperio.

Junot, com a descuidosa intrepidez que o caracterisava, precedera em Abrantes os seus soldados para preparar tudo, afim de se demorar n'essa terra o menos tempo possivel. Effectivamente chegando as tropas no dia 24, pôde no dia 25 tornar a partir com os seus quatro mil homens escolhidos. Era quasi certo que aprisionaria o principe regente e a sua familia, se uma circumstancia providencial não viesse mallograr os calculos do general francez. Este ridentissimo valle do Tejo está sugeito no inverno a formidaveis innundações; o Zezere, que tem seu confluente em Villa Nova de Constança, que então ainda se chamava Punhete, engrossa

com as cheias, e transforma-se n'uma torrente aliterosa. Foi esse o primeiro obstaculo que Junot encontrou diante de si.

Dois dias esteve sem alcançar meios de transporte, sem poder atravessar esse tributario do Tejo. O irascivel general tinha verdadeiras furias perante esta impossibilidade. Emfim, á força de ameaças, de promessas e de oiro, pôde conseguir que alguns marinheiros portuguezes, resolutos e intrepididos, lhe passassem para a outra margem as tropas. A operação effectuou-se com innumeradas difficuldades e com grandissimos perigos, mas effectuou-se afinal. A corrente levava os barcos para o Tejo, e gastava-se um tempo infinito em se voltar ao ponto de desembarque. Emfim estavam as tropas francezas no caminho de Lisboa.

Ainda não tinham acabado os seus infortunios. Junot queria recuperar o tempo perdido, e dirigiu-se para a capital portugueza a marchas forçadas. Mas os campos da Gollegã estavam completamente inundados, e os quatro mil homens de Junot marchavam agora atravez de um verdadeiro lago. Houve occasiões em que tiveram de andar mais de uma legua com agua até aos joelhos. Estas difficuldades imprevistas de novo desorganisaram a pequena força de Junot. No dia 28, quando entrou em Santarem, já não levava os quatro mil homens com que saíra de Abrantes. E elle, marchando sempre

a passo dobrado, sem se importar com os soldados que ia deixandô á retaguarda, com o inimigo que podia encontrar de um momento para o outro! No dia 29 entrava em Santarem, trazendo apenas consigo o seu estado maior incompleto, um regimento de granadeiros, e o 70 de linha. Embora! Junot queria entrar em Lisboa com a maxima promptidão, ainda que entrasse sósinho. N'esse mesmo dia marchou para a capital; a pouca distancia da cidade encontrou um destacamento de cavallaria portugueza. Era talvez a primeira força armada que lhe apparecia. Uma carga dos nossos cavallos bastaria para dispersar essa turba fatigada, que se arrastava a custo pelàs estradas. Mas se os soldados tinham ordem de receber como amigos os francezes! Se não havia quem os commandasse! Se a partida do principe regente desmoralisára o paiz, e aniquilára quaesquer elementos de resistencia! Junot ordenou ao destacamento que lhe servisse de guia, e o destacamento obedeceu.

No dia 30 de novembro, dois regimentos francezes, compostos de soldados imberbes, pallidos, fracos, mal podendo sustentar-se nas pernas, com o uniforme rasgado, com as espingardas arruinadas, assenhorearam-se de Lisboa em nome do imperador dos francezes. Era um caso semelhante ao dos dois hulanos prussianos, tomando posse de Nancy, em nome do rei Guilherme.



Os portuguezes contemplavam com espanto, e alguns até com dó, os seus miseros vencedores. Junot, porém, caminhava tão ufano e tão tranquillo, como se o seguissem todos os regimentos de Austerlitz. Era um verdadeiro gascão, de molde para estas aventuras, o d'Artagnan do grande exercito.

A primeira coisa que Junot perguntou ao conde de Novion, que veio apresentar-se-lhe para concertar com elle o modo de manter a ordem em Lisboa, foi o que era feito do principe regente e da familia real. Respondeu-lhe o emigrado francez que tinham saído do Tejo na vespera, e que estavam a essas horas já de certo debaixo da protecção da esquadra britannica. Bramiu Junot, furioso por ver que lhe escapava a presa, que procurára conquistar á custa de tantas fadigas e privações. Não desistiu ainda assim de se vingar por qualquer modo do seu desapontamento, e, escolhendo os menos exhaustos dos seus soldados, dirigiu-se com elles rapidamente para a torre de S. Julião. Nem em Lisboa achavam ainda as pobres tropas francezas o suspirado descanso. O destacamento francez seguiu a marche-marche pelo caminho de Oeiras. O povo agglomerava-se nas ruas para ver passar esses audaciosos, mas nem um protexto, nem um grito os acolheu. Chegados á torre de S. Julião, que lhes abriu as portas sem o mais leve symptoma de resistencia, correram logo ás mura-

lhas. Ao longe no horizonte divisava-se um grande numero de navios a bordejarem. Junot pegou no seu oculo de campanha, e olhou. Pôde ainda distinguir a bandeira portugueza tremulando n'alguns dos navios e a bandeira ingleza fluctuando n'outros. A illusão optica, produzida pelas lentes, trazia-lhe os navios ao campo visual, e, de enlevado que estava na sua idéa fixa, julgou as duas esquadras ao alcance das baterias.

— Fogo ! bradou elle com a sua voz sonora, e sem abaixar o oculo.

Os soldados francezes estavam já ao lado das peças, promptos a obedecerem ás ordens do seu general. D'ahi a um momento soava uma formidavel detonação, e a torre envolvia-se n'uma densa nuvem de fumo. Junot seguiu com anciedade o effeito do tiro. Alguns navios mercantes, que faziam força de vela para alcançarem a esquadra portugueza, sentindo-se ainda debaixo do fogo da torre, enfiaram pela barra, voltando ao Tejo. Mas as balas, fazendo ricochete nas vagas, foram morrer ao longe na espuma do Oceano, a uma enorme distancia das duas esquadras.

Junot, com um gesto de desespero, fechou o oculo com a palma da mão, e virou as costas para o mar. De subito porém uma linha de fumo toldou ao longe o horizonte, e ouviu-se uma detonação grave e profunda. Junot ergueu a cabeça e voltou-se n'um impeto soltando um grito, como o corcel de bata-

lha quando sente as primeiras excitações da peleja. Um momento esperou que a bala chegasse á fortaleza, e lhe provasse que fôra a inhabilidade dos seus artilheiros e não a distancia que impedira a certeza do tiro. Mas não houve nem signal de bala no Oceano. Depois a essa detonação seguiu-se outra espadada, depois outra e outra e outra. Junot percebeu enfim. As duas esquadras salvavam reciprocamente á sua bandeira; Sidney Smith rendia homenagem á rainha de Portugal, alliada do rei de Inglaterra.

Secretos designios da Providencia! Quem diria n'esse momento que a artilheria britannica, que parecia festejar a salvação da monarchia portugueza, celebrava afinal de contas nas aguas europeas as exequias da monarchia absoluta?!

---

## VII

### INFLUENCIA DE NAPOLEÃO NOS AMORES DE JAYME

Não tentamos contar a historia do dominio francez em Portugal. Atravez d'essa immensa tragedia do destino napoleonico, seguimos apenas as:

peripecias que devem servir de esplendido quadro ao nosso modesto drama. Occupar-nos-ha principalmente no meio do turbilhão do regimen francez a sorte do nosso heroe Jayme Cordeiro.

A sua origem estrangeira tornou-o muito mais indulgente com os invasores de Portugal, do que podia esperar-se de um homem de tão nobre coração e de tão recto espirito. Jayme porém via Portugal entregue á influencia preponderante dos inglezes, via que a independencia portugueza era quasi uma vã palavra, percebia que n'esta luta gigantéa, que dividia a Europa, tinha Portugal de acceitar um vice-rei inglez, ou um proconsul francez. Preferia a alliança de Napoleão, cujo immenso genio admirava, á alliança dos inglezes, e não sentia portanto a minima repugnancia em obedecer ás ordens do general Junot, em vez de seguir os dictames de lord Cathcart ou de sir Sidney Smith.

Além d'isso havia um outro interesse que o demovia, interesse pessoal, mas interesse omnipotente, porque era o interesse do seu amor. O fervido affecto, que consagrára a D. Magdalena, estava irremediavelmente condemnado á desesperança, se não houvesse uma poderosa mão que despedaçasse os votos da filha do conde de Villa Velha. Essa mão não podia ser senão a de um francez. Esta nação adquirira o renome de impia; se a concor-

data, assignada por Bonaparte e o papa Pio vii, restabelecera em França o catholicismo, salvaguardára os direitos do pensamento moderno. Os votos de uma menina, que manifestava a mais completa negação pela vida ascetica, e a mais fervorosa tendencia para os affectos mundanaes, não deviam ser muito sagrados para um general de Napoleão, soldado da republica e discipulo da escola de Voltaire. Jayme suppunha até que Junot poderia supprimir os conventos, abolir os votos por sua conta e risco, e restituir a liberdade ás enclausuradas. Magdalena estaria então livre, longe de seu pae e de sua mãe, não tendo outro amparo que não fosse elle Jayme, que poderia desposal-a emfim, depois de a ter julgado perdida para sempre.

Foi esta esperança que fez com que elle concorresse, quanto em si coube, para a partida do regente e do conde de Villa Velha; foi isto ainda o que o levou a pedir ao conde de Novion para ser empregado no quartel general do commandante em chefe do exercito francez, que se estabelecera no palacio do Quintella na rua do Alecrim, onde é hoje o edificio do gremio.

Jayme tinha uma bonita letra, falava o francez como quem principiára a balbuciar n'essa lingua; era sympathico e attrahiu a attenção de Junot, que o chamou ao seu gabinete, e que principiou a tratá-lo com verdadeiro affecto.

Mas o general é que ia seguindo um caminho que não agradava a Jayme. O seu governo estava sendo uma verdadeira tyrannia. Demais o imperador Napoleão ordenára-lhe que fizesse definitivamente de Portugal uma provincia franceza, que declarasse proscripta do throno a casa de Bragança, que substituisse á bandeira nacional o estandarte tricolor, e que, reduzindo o exercito portuguez a uma pequena força escolhida, organisasse uma legião que fosse servir em França.

Jayme entristecia-se profundamente com estas coisas todas; o dia em que a bandeira portugueza se arriou do castello foi para elle um dia de luto. Pretextou uma doença qualquer, e não compareceu no palacio da rua do Alecrim nem acompanhou Junot á parada. O general francez, entretanto, annunciava solememente á população de Lisboa que estava dissolvida a regencia nomeada pelo principe D. João, e que sua magestade o imperador dos francezes e rei de Italia lhe fizera a elle Junot, a suprema distincção de o nomear governador geral do reino lusitano.

A morte da regencia pouca impressão produziu. Todos tinham o maximo desdem por esse conselho subserviente, que se resignára a ser o docil instrumento do despotismo de Junot, e que não déra senão provas de fraqueza e de falta de dignidade.

Mas a desaparição da bandeira nacional essa impressionára seriamente a população lisbonense. Demais a mais chegára a noticia de que as tropas portuguezas estavam sendo por toda a parte desarmadas, que os regimentos eram dissolvidos para que dois ou tres se fundissem n'um só que partiria para França, e todas estas lugubres noticias acabru-nhavam deveras o espirito dos habitantes de Lisboa.

Depois, não contentes de derribarem a nossa bandeira, os francezes iam picando as armas reaes em toda a parte onde as encontravam.

N'uma tarde dos fins de dezembro de 1807, um grupo de portuguezes atravessavam tristemente o Passeio Publico, voltando de presenciar uma d'essas demolições, que tanto magoavam os sentimentos monarchicos e patrioticos da população. Sentaram-se n'um banco, a pouca distancia de uma senhora de meia idade, de physionomia séria, triste e um pouco severa até, que, acompanhada por uma criada, contemplava silenciosamente as arvores agitadas pela brisa invernal. Os recémchegados continuaram a conversar no assumpto que os impressionára.

— E ha coração portuguez que possa supportar estas infamias ! dizia um d'elles.

— Que remedio ! tornou outro. A policia de Junot é implacavel. Este Lagarde, que substituiu Lucas de Seabra, é mais inquisitorial que o proprio

Pina Manique. Os seus agentes andam por toda a parte. Aconselho-lhes, meus amigos, que falem baixo, se não querem expôr-se a algum desagrado.

— Que falem baixo ! bradou ergendo-se com lampejos de colera na vista a senhora que os escutava ! A isso estamos reduzidos ! continuou ella com um ligeiro accento provinciano. Já aqui se treme de qualquer espião francez ! Já não ha mãos portuguezas que saibam empunhar uma arma, nem vozes que formulem um protesto !

— A senhora fala bem ! tornou o prudente conselheiro, que primeiro se recobrou do espanto em que a todos os lançára a repentina interrupção. Se até o exercito se deixa desarmar, quer que nós combatamos com as bengalas ?

— N'esse exercito, redarguiu a senhora, ainda ha vozes que protestam. Hoje mesmo recebi um soneto, que foi composto em Coimbra por um official dos regimentos dissolvidos. Oiçam-n'o ! É de veras portuguez !

— Mas, senhora... bradaram os passeantes aterrados, repare...

— Não se assustem, continuou ella com um sorriso ironico, podem retirar-se, se quizerem. Eu tomo a responsabilidade da poesia. Quero recitar os versos aos echos de Lisboa, que só repetem vozes estrangeiras, ou covardes queixumes.

E, dizendo isto, sacára um manuscrito da al-



gibeira. O auditorio hesitou um momento entre a curiosidade e o medo; mas, afinal, envergonhando-se de receber lições de bravura de uma mulher, ficou.

— É filho do Brazil o poeta, disse a senhora; conheço-o ha muito; esteve aboletado na minha casa de Traz-os-Montes, quando era apenas cadete. Já lá vae bastante tempo. Hoje Luiz Pinto de Oliveira França é casado, capitão do 9 de cavallaria, e tem já um filho, cadete no mesmo regimento. Não lhes lerei a sua carta. Conta-me a impressão que soffreu, quando o seu regimento recebeu em Coimbra ordem de entregar as armas. Commovido extraordinariamente, dá o braço ao filho, leva-o á velha egreja de Santa Cruz, e, chegando junto do tumulo de D. Affonso Henriques, parte a espada, diz a seu filho que faça o mesmo, e, agitado, sentindo o contraste que havia entre a humilhação d'esse momento, e as lembranças de gloria que n'essa vetusta egreja se aninham, improvisa o seguinte soneto, que escreveu assim que voltou a casa, e que me enviou ainda quente da primeira inspiração :

A teus pés, fundador da monarchia,  
vae ser a lusa gente desarmada !  
Hoje cede á traição a forte espada,  
que jámais se rendeu á valentia.

Ó rei, se a minha dôr, minha agonia  
penetrar podem sepulchral morada,  
arromba a campa, e com a mão mirrada  
corre a vingar a affronta d'este dia !

Eu fiel, qual te foi Moniz teu pagem,  
fiel sempre serei ; grata esperança  
me sopra o fogo de immortal coragem.

E as lagrimas, que a dôr aos olhos lança,  
acceita-as, grande rei, por vassallagem,  
recebe-as em protestos de vingança !

A desconhecida senhora levantára-se para recitar este soneto com energia e vigor. Apesar da indole timorata dos seus ouvintes, ia rebentar um bravo, quando por traz d'elles se ouviu uma voz acre e zombeteira.

— *Charmant ! Adorable ! Quel petit chef d'œuvre ! Et vous le déclamez si bien, madame ! Ah ! M<sup>elle</sup> Georges enragerait, si elle vous entendait, je vous le jure ! Mais ça vaut beaucoup mieux que les « Lusiades », n'est-ce pas ? C'est Boileau qui l'a dit :*

*« Un sonnet sans défaut vaut seul un long poeme. »*

*Eh ! bien, madame, il faut l'apprendre par cœur ! Moi, je me charge de vous donner des loisirs. Je vais vous mettre à l'ombre, sub tegmine*

fagi ; *on a fait ses classes, madame, vous le voyez. Holdà, gardes, à moi, comme on dit dans les tragédies.*

Quem proferia, sem tomar o folego, este longo discurso, era um homem feio, exquísito, de lábios ironicos, e olhar torturador. Os seus ouvintes não tinham percebido uma palavra da sua longa parlenda ; haviam-n'o reconhecido porém os lisbonenses, e, pallidos de terror, tremiam um pouco por si mesmos, porém sobretudo percebiam que a provinciana estava perdida.

Porque esse terrível interruptor, que tanto gostava de *fazer espirito*, era nem mais nem menos que o senhor Lagarde, o intendente da policia de Junot.

As ultimas phrases de Lagarde, como de certo perceberam os leitores, que, mais instruidos do que os portuguezes de 1807, não precisam que eu lhes traduza a fala do intendente de policia, as ultimas phrases de Lagarde dirigiam-se pois a alguem que não estava no grupo. Era a um sargento de policia que passeava a pouca distancia, e que continuou a passear, sem attender á apostrophe de Lagarde.

— *Vous ne m'entendez pas, mr. de Hauteville?* exclamou o intendente que já reconhecera Jayme de Altavilla no passeante solitário.

Jayme approximou-se e disse friamente :

— Como não sou comparsa de theatro, não supuz que fosse commigo a interpegação.

Lagarde mediu-o de alto a baixo com um olhar cheio de colera, mas contentou-se em dizer :

— Conduza esta senhora á prisão, e diga, em bom portuguez, a esses homens que saiam immediatamente, e que os não torne eu a apanhar ouvindo sonetos subversivos.

Jayme não se moveu.

— Não conduzo esta senhora á prisão, disse elle com voz tranquillã. Estou no gabinete do general, e só obedeço ás suas ordens.

— Mas eu sou o chefe da policia.

— E eu um dos secretarios do governador de Portugal.

— Mande-me alguns soldados para executarem as minhas ordens.

— Os soldados portuguezes não maltratam mulheres, e os francezes, tendo que zelar o brio da sua nação cavalheiresca, não o sacrificam de certo a um dos caprichos do seu intendente.

— Muito bem, tornou Lagarde, eu participarei o occorrido ao general Junot.

— Pode participar.

E, fazendo-lhe uma continencia respeitosa, Jayme afastou-se.

Este e outros actos semelhantes não lhe podiam attrahir muito as sympathias dos francezes; mas

Junot consagrava-lhe um particular affecto, e, n'um dos dias de janeiro de 1808, aproveitando as felizes noticias, que Junot recebera de França, e que o punham nas melhores disposições (Napoleão acabava de o nomear duque de Abrantes), Jayme foi felicitá-lo, e, invocando a sua indulgencia, contou-lhe a historia dos seus amores, e disse-lhe o favor que esperava da sua amizade.

Junot com tanto interesse escutava a narrativa do sargento, que, apesar de saber que estava a sua ante-camara cheia de altos personagens que vinham dar-lhe os parabéns, continuava a conversar com Jayme. É que Junot estava tambem enamorado, e casos de amores tinham para elle n'esse momento um encanto especial.

Junot era muitissimo leviano ; por isso, quando Jayme acabou de lhe contar a sua historia :

— Vá feito, bradou elle, vamos dar um codilho a esta padraria portugueza. Ou tu, meu caro Hauteville, has de casar com a tua Magdalena, ou eu não sou o duque de Abrantes, por graça especial do grande homem.

E, lançando a mão a um papel, começou a escrever uma ordem.

— Ó general, bradou Jayme com os olhos radiantes de alegria, será eterno o meu reconhecimento.

— Mas espera, bradou o novo duque interrom-

pendo a sua escripta, não vamos nós fazer asneira. Eu não hei de ordenar á abbadessa do convento que te entregue a rapariga, assim sem mais nem menos.

— Mas, general, disse Jayme que, todo enlevado na miragem do seu amor, em coisa nenhuma via difficuldades, v. ex.<sup>a</sup> pode ordenar que Magdalena seja entregue a alguma senhora respeitavel, até que se siga o processo indispensavel para este casamento, que v. ex.<sup>a</sup> favoneia.

— É justo ; nada mais facil, e temos á mão quem nos serve para o intento ; porque é a unica fidalga em Portugal talvez, que se não horrorisa do encargo, antes o acceita com prazer.

— De quem fala v. ex.<sup>a</sup> ? perguntou Jayme.

— De quem ha de ser, senão da Venus lisbo-nense, da formosa condessa da Ega, que tem tanto talento como Laura, e mil vezes mais belleza do que ella?

Essa Laura, cujos dotes physicos Junot tão facilmente immolava aos pés da beldade portugueza, era a celebre duqueza de Abrantes, a propria esposa do general.

Jayme franziu o sobr'olho. A condessa da Ega não era de certo a fidalga que elle escolheria para madrinha do seu casamento. Dizia-se geralmente que não mostrára demasiado desdem pelas homenagens do general francez, e o povo, que lh'o não

perdoou, cantarolava-lhe por baixo das janellas, ou murmurava, quando a via passar de carruagem, a seguinte cantiga, folha popular e volante da chronica escandalosa do tempo :

A condessinha da Ega  
era linda como o sol;  
ella poz a seu marido  
.....

Supprimimos o ultimo verso como demasiadamente expressivo.

Portanto Jayme não gostava muito da escolha feita pelo general; porém o que havia de elle fazer? Resignou-se, mas em silencio.

Por um momento não se ouviu na sala senão o ranger da penna do general francez, que voava no papel onde ia traçando a ordem.

Jayme tivera um instante de tristeza que se assemelhava a remorso. A quantas transigencias o não obrigára o seu amor! Primeiro vira-se forçado a acceitar, a desejar quasi o dominio do estrangeiro. Agora tinha de impor silencio aos escrupulos de honra, que lhe não permittiam acceitar para a mulher que elle desejava tomar por esposa a tutela da condessa da Ega.

Mas essa nuvem dissipára-se rapidissimamente, e Jayme, que, para deixar Junot escrever á von-

tade, se aproximára da janella, e lançára olhos distraídos para o Tejo, que reflectia nas aguas transparentes o ceo limpido e azul de um bonito dia de inverno, julgava divisar no horizonte longinquo o vulto risonho de Magdalena.

N'isto abriu-se a porta do gabinete; Jayme voltou-se, Junot levantou a cabeça.

O recémvindo era Thiébault.

— Sr. duque, disse elle, a sr.<sup>a</sup> condessa da Ega deseja apresentar-lhe os seus cumprimentos; como se apeou á porta do jardim, e não veio pela sala grande, onde esperam os primeiros personagens do reino, julguei que podia perguntar-lhe se a queria receber.

— Ainda que ella tivesse atravessado a sala dos marechaes, no palacio de Fontainebleau, exclamou Junot, ainda que alli estivesse esperando para me falar essa côrte de reis que rodeia o nosso augusto amo, só a ella receberia.

Thiébault sorriu-se. Era um valente soldado, mas era uma cabeça fraquissima o novo duque de Abrantes.

Junot dirigiu-se á porta, abriu-a precipitadamente, e, tomando pela mão a gentil condessinha que esperava, fel-a entrar no seu gabinete.

— Tarde rompeu a aurora no meu aposento, disse elle, mas rompeu radiosa. Deixe-me beijar essa mão preciosa a quem eu offertaria um sceptro.



— Sempre galanteador, general, disse a condessinha com uma voz argentina e melodiosa, e envolvendo Junot n'um olhar voluptuosamente garrido. Se meu marido o ouvisse, podia ter ciumes.

— Seria uma injustiça sem igual. Quem possui uma prenda tão admiravel, quem tem no sanctuario domestico uma deidade tão seductora, contente-se com a posse, e não impeça os outros de lhe queimarem incenso. Quem tem capella em casa e santos no altar, nem por isso obsta a que o povo lá oiça missa, e vá resar ás bemaventuradas imagens.

— Ai! meu Deus, tornou a formosa condessa rindo com um riso encantador que se assimilava a um tintinar de perolas nas paredes de um vaso de crystal, e mostrando os alvissimos dentes que ainda tornavam mais verosimil a comparação; como o general mistura o sagrado com o profano! Mas, antes de irmos mais adiante, deixe-me dizer-lhe o fim da minha visita.

— Não foi movida por um impulso de caridade?

— Não, que eu não dou esmola aos ricos.

— Mendigos de amor é que elles são; e ha tanta riqueza n'esses olhos!

— Disseram-me que o general Junot, duque de Abrantes, estava com idéa de prohibir a mendicidade.

— O que deve tornar mais necessaria a caridade nos domicilios.

— Decididamente, acudiu a condessa rindo, não tenho força para lutar com um cortezão de sua magestade o imperador dos francezes. Educaram-n'o para estas lutas de espirito as gentis damas de Fontainebleau.

— *Au contraire*, disse Thiébault em voz baixa para Jayme, *c'est en Portugal qu'il a trouvé des maîtresses*.

Jayme sorriu-se do calembourg. Entretanto a condessa da Ega dizia para Junot :

— O fim da minha visita é simplesmente felicitá-lo pela distincção com que o imperador reconheceu os grandes serviços, que o commandante em chefe do exercito da Gironda lhe prestou. Como nos bons tempos cavalheirescos, os titulos de nobreza são concedidos *au plus brave*.

— E, como n'esses tempos, quanto eu desejaria poder depôl-o aos pés de uma dama que eu conheço, dizendo-lhe : *A la plus belle !*

E Junot, pegando na linda mão da condessa, levou-a aos labios, e beijou-lh'a apaixonadamente.

— *Flatteur*, murmurou ella sorrindo-se, e batendo-lhe com o leque nos dedos, *vous ne pensez pas un mot de ce que vous dites*.

— Ah ! como é injusta, condessa, tornou Junot. A sua imagem anda sempre diante dos meus olhos, está sempre a acudir-me aos labios o seu nome. Note, ha um instante, quando Thiébault a annunciou,

estava eu escrevendo estas palavras : *condessa da Ega*.

— Onde ? perguntou ella curiosamente.

Junot estendeu-lhe a ordem que acabava de traçar.

— Leia, disse elle.

A condessa da Ega leu o papel em voz alta.

— O que vem a ser isto ? exclamou Thiébault, que estava á janella conversando com Jayme, e que se voltou supremamente espantado e com o sobr'olho franzido.

— Hauteville, acudiu Junot, conte a sua historia. Esmere-se na narrativa, que tem uma fina apreciadora.

Jayme não seguiu o conselho do general. Narrou muito succintamente o que os leitores já sabem.

Ao ouvir o nome da condessa de Villa Velha, a condessa da Ega fez um gesto de espanto.

— Ai ! acudiu Junot, a condessa não pôde perceber que uma fidalga se namore de um soldado. Pois foi um bom exemplo que M.<sup>elle</sup> Magdalena deu a todas as portuguezas.

A condessa da Ega sorriu-se para o general, e Jayme pôde concluir a sua historia.

— Percebe agora, condessa, disse Junot, o favor que nós esperamos do seu bom coração ?

— Percebo, tornou a gentil fidalga, e pôde dispor de mim á sua vontade, ainda que por isso fi-

que mal com o velho amigo de meu pae, conde de Villa Velha.

Quando Jayme, ainda que levemente constrangido, principiava a agradecer á condessa o interesse que tomava pelos seus amores, foi de subito interrompido por um vigoroso murro que Thiébault dava em cima da mesa, com a familiaridade que tinha com Junot.

— Mas isto não tem senso commum, bradou elle; perderam aqui todos a cabeça, e o que mais admira é o Jayme, que eu sempre tive na conta de rapaz de juizo, e que conhece o paiz em que vive. Pois então o general, continuou elle, voltando-se para Junot, manda tirar do convento uma menina que professou, annulla-lhe os votos sem consentimento do pae nem da mãe, nem autoridade canonica para isso, manda-a para a companhia da sr.<sup>a</sup> condessa, e casa-a depois com quem lhe agrada!... e não vê que isto é caso para lhe reben-tar ahi uma revolta com os padres á frente; que nunca mais conseguimos aqui estabelecer o nosso dominio senão á força das bayonetas! Ora adeus! o general endoideceu.

Junot teve um accesso de colera que o desfigurou. Fez-se pallido como um defunto, os olhos lançaram-lhe chammas, e, dando um passo para o seu chefe de estado maior, bradou indignado :

— Sr. general Thiébault, quem é o governador geral de Portugal?

Thiébault perfilou-se, e respondeu :

— É v. ex.<sup>a</sup> A qual dos ministros ordena o sr. duque de Abrantes que eu transmita a ordem que v. ex.<sup>a</sup> acaba de passar?

Junot olhou para elle estupefacto.

— Já a não acha má? disse elle.

— Eu não posso nem devo discutir as decisões dos meus superiores. Como chefe do estado maior do exercito de Portugal, devo cumprir as ordens do general em chefe. Quando o duque de Abrantes permittir que o general Thiébault continue a conversar com o seu velho amigo Junot, farei as observações que julgo uteis.

— Pois o chefe de estado maior que vá para o diabo, exclamou Junot desatando a rir, e venha sentar-se ao pé de nós o general Thiébault. Não se pode a gente zangar com elle, continuou o duque de Abrantes voltando-se para a condessa da Ega. Exponha para ahi as suas razões.

— Então o general não vê, continuou Thiébault seguindo o fio das suas idéas como se nenhum incidente o houvesse interrompido, que o imperador vae aos ares em sabendo similhante coisa? Elle que tanto quer que se respeitem os costumes e os preconceitos dos paizes conquistados. Se alguma razão de estado importante o guiasse, não era de

certo o imperador quem parava diante da porta de um convento. Mas assim! E o sr. ~~tambem~~ não repara, continuou Thiébault voltando-se para Jayme, que para proceder como procedia ~~tema~~ de renegar a religião de seus paes? tinha de abandonar a sua patria? Pois aqui em Portugal não lhe voltavam todos as costas, se o vissem casado com uma freira?

— Pedia-se ao santo padre a annullação dos votos, respondeu Jayme profundamente triste, por ver fugir-lhe a sua ultima esperança, e por perceber que effectivamente estivera sonhando uma loucura.

— Pois o que se ha de pedir depois pede-se antes, acudiu Thiébault; o imperador e o papa não estão nas melhores relações, mas por isso mesmo Pio VII, que tem negado a sua magestade imperial tanta coisa importante, desejará conceder-lhe esta que não é de grande monta, julgo eu, ainda que não sou dos mais fortes n'esses processos catholicos. O duque empenha-se com o imperador, escreve á duqueza para que ella se empenhe com a imperatriz, e o Jayme tem talvez o seu negocio arranjado sem escandalo.

— Bravo! exclamou Junot. Thiébault tem razão; é o caminho mais direito. Vou já escrever a Laura para que fale á sua boa amiga Josephina, escreverei tambem ao grande homem, e o Thié-

bault escreve ao cardeal Fesch, de quem é particular amigo. Tudo se ha de arranjar, Hauteville. Não está contente?

— Eu entrego-me nas suas mãos, sr. duque, e não sei como hei de exprimir-lhe o meu profundissimo agradecimento.

Mas o seu rosto pallido e abatido denunciava a sua tristeza intima. Muito tempo estivera acariciando esse pensamento cuja loucura não vira porque o cegava o amor, e, agora que a mão de Thiébault rasgára os véos que lhe encobriam a verdade, percebia a insanias do devaneio, as difficuldades quasi insuperaveis que se oppunham á sua realisação.

A condessa da Ega tambem ficára um pouco sombria, desde que ouvira pronunciar o nome da duqueza de Abrantes. Levantou-se, dizendo :

— Meu marido pedira-me que viesse adiante, asseverando que já cá vinha ter ; mas, como se demora tanto, volto para casa. Receba de novo as minhas felicitações, sr. duque.

— Já se ausenta, minha querida condessa? disse Junot inquieto.

— Foi bem longa a minha visita. Deixo-o fazer a sua correspondencia.

— Permite-me ao menos que vá esta noite beijar-lhe a mão, condessa ?

— Eu e meu marido teremos muito gosto em o receber, sr. duque.

E, cortejando todos ceremoniosamente, saiu da sala.

— Porque iria a condessa zangada ? disse Junot voltando depois de ter acompanhado a formosa fidalga até á porta.

— Ora porquê ? respondeu Thiébault com um sorriso zombeteiro, porque não se parece com Petrarcha.

— Com Petrarcha ?

— Sim ; não gosta de Laura.

Junot esteve um instante suspenso, depois percebeu, e encolhendo os hombros, desatou a rir.

— Que loucura ! exclamou elle.

N'este momento appareceu á porta uma ordenança.

— O correio ! disse o soldado.

E, fazendo a continencia militar, entregou a Thiébault um pacote de cartas e de jornaes.

— Não vejamos agora a correspondencia, acudiu Junot, devem estar impacientes os altos dignitarios.

Mas, dizendo isso, percorria com o olhar os sobrescriptos para ver se encontrava algum despacho com a indicação de urgencia.

— Uma carta de Roma ! disse de repente com surpresa. Não é decerto o papa que me escreve. Mas espera, continuou elle attentando na carta ; é a letra de Miollis. Como está Miollis em Roma ?

— Elle estava na Toscana. Mas, como o imperador não parecia muito satisfeito com o nosso minis-



tro, o cardeal de Bayane, é muito capaz de ter substituído um padre por um soldado, e de ter mandado Miollis por embaixador. E não errava que Miollis é muito apto para diplomata. Poucos generaes temos tão instruídos como elle.

Emquanto Thiébault falava, Junot lia a carta.

—É fresca a embaixada, disse Junot rindo e estendendo a carta ao seu chefe de estado maior. Leia, Thiébault.

Thiébault leu. Miollis contava ao seu amigo Junot os ultimos acontecimentos da Italia. As discordias existentes entre o papa e o imperador, a proposito das legações, da passagem de tropas, da concordata da Italia, e do reconhecimento de José Bonaparte como rei de Napoles, tinham estado a ponto de se compôr; mas afinal a curia não acceitára as propostas de Napoleão, e este ordenára immediatamente ao general Miollis que se pozesse á frente de duas brigadas, que invadissem Roma, que se assenhoreasse do castello de Santo Angelo, que se pozesse á frente das tropas do Vaticano, que desse uma guarda de honra ao papa, e que se estabelecesse muito socegradamente na capital do mundo christão.

Miollis executára pontualmente as ordens de Napoleão, e agora escrevia a Junot, de quem era amigo, dizendo-lhe, de brincadeira, que estava á sua disposição para qualquer bulla, de que precisasse no seu reino de Portugal, e aconselhando-lhe

teiras dos Pyreneos. A rainha e o principe da Paz já pensavam em fugir para a America. Napoleão entretanto dava a Murat o commando do exercito dos Pyreneos, e ordenava-lhe que entrasse na peninsula. Sem declaração de guerra, nem allegação de motivos, apoderaram-se as tropas imperiaes de S. Sebastião, de Pamplona e de Barcelona. O sobresalto foi immenso em Madrid, e Carlos iv, vendo que definitivamente Napoleão o atraía, pensou tambem em refugiar-se no Novo Mundo.

Mas o principe D. Fernando e o infante D. Antonio eram contrarios a essa determinação, o povo em Aranjuez e em Madrid mostrava-se agitado e inquieto. Na noite de 18 para 19 de março, a revolução brotou afinal em Aranjuez. O povo furioso, e accusando o principe da Paz de cumplicidade com os francezes, invade-lhe o palacio, destroe tudo quanto encontra, obriga o soberano a demittir de todos os seus empregos, e a despojar de todas as suas dignidades o valido da rainha, e n'este meio tempo o desgraçado principe, que estivera trinta e seis horas escondido de baixo de umas esteiras, é agarrado pelo povo, quando saía enfim julgando-se livre, e seria infallivelmente despedaçado, se uns guardas do corpo o não salvassem, levando-o preso e coberto de feridas para o seu quartel. Quem pôde socegar a multidão foi unicamente o principe

das Asturias, promettendo-lhe que o ministro seria mettido em processo.

Mas o rei e a rainha, aterrados por estas manifestações populares, vendo sobretudo a influencia de Fernando no animo do povo, e conhecendo o genio refalsado e ambicioso de seu filho, resolveram abdicar essa corôa que para elles fôra de espinhos. Já Madrid estava sendo theatro de desordens semelhantes ás de Aranjuez. Sabendo isto, Murat apressou a sua marcha. Mas, logo que abdicaram, começam o rei e a rainha a arrepender-se, e Murat, seguindo o plano infernal do imperador, acaricia a idéa dos soberanos hespanhoes, suggere a Carlos iv o pensamento de protestar contra uma abdicação forçada, e acolhe friamente Fernando que vinha coroar-se a Madrid.

Fernando vii, que o povo hespanhol acclamára entusiasticamente julgando-o o firme defensor da sua nacionalidade, não era senão um ambicioso, que a todo o custo queria subir ao throno, e que para isso não duvidava transigir com o imperador. Pensou portanto em ir falar a Napoleão; e seus paes, querendo tambem conciliar para o seu partido o auxilio da França, determinaram ir advogar a sua causa perante o arbitro dos destinos da Europa.

Não contaremos os successos de Bayonna, em que os principes hespanhoes mostraram uma es-

que cingisse a corôa do rei fidelissimo, que elle entretanto em Roma chamaria a conclave os marechaes do imperio, e faria com que o elegessem papa.

Quando Thiébault acabou de ler, voltou-se para Junot e disse-lhe :

— E agora, meu caro duque, se quer obsequiar o Jayme, aproveite o offerecimento de Miollis, porque, se elle não enviar o breve para D. Magdalena sair do convento, o papa é que já decerto o não manda.

— É verdade, é, acudiu Junot, agora escusamos de pensar em pedir algum favor a Pio VII. Meu caro Hauteville, veja se encontra para sua santidade empenho mais forte do que o imperador Napoleão, porque este perdeu o valimento. É verdade que ganhou Roma, o que sempre é uma compensação.

— Obrigado, meu general, respondeu Jayme tristemente, eu é que perdera a esperança, desde que pude ver bem a loucura em que ousára pensar. Este golpe já o esperava. Tive um presentimento de que os seus bons desejos não seriam coroados de exito. Paciencia !

— Esperemos tempos melhores, Jayme. A conciliação decerto não tarda. E, emquanto ella não vem, emquanto não pôde ligar-se á mulher a quem ama, quero ao menos consolal-o, cingindo-lhe a espada de official.

E, abrindo uma gaveta, Junot tirou uma patente em branco, encheu-a com os nomes de Jayme, e estendeu-a ao espantado sargento.

E, sem lhe dar tempo de agradecer, levou o moço portuguez até á porta, e apertou-lhe a mão, dizendo-lhe :

— *Bon courage!*

Tristemente desceu Jayme a escada do palacio Quintella. Que lhe importava a elle a espada de official, agora que os laços que prendiam Magdalena estavam mais fortes do que nunca?

E aqui está como o imperador Napoleão, ordenando a conquista de Roma, decepou a ultima esperança amorosa do pobre Jayme de Altavilla.

---

## VIII

### UM OUTEIRO EM EVORA

Corria o tempo entretanto, e era brevissima a tranquillã duração do governo francez em Portugal. A cõrte de Hespanha começára a assustar-se com a accumulacão de tropas francezas nas fron-

teiras dos Pyreneos. A rainha e o principe da Paz já pensavam em fugir para a America. Napoleão entretanto dava a Murat o commando do exercito dos Pyreneos, e ordenava-lhe que entrasse na peninsula. Sem declaração de guerra, nem allegação de motivos, apoderaram-se as tropas imperiaes de S. Sebastião, de Pamplona e de Barcelona. O sobresalto foi immenso em Madrid, e Carlos iv, vendo que definitivamente Napoleão o atraía, pensou tambem em refugiar-se no Novo Mundo.

Mas o principe D. Fernando e o infante D. Antonio eram contrarios a essa determinação, o povo em Aranjuez e em Madrid mostrava-se agitado e inquieto. Na noite de 18 para 19 de março, a revolução brotou afinal em Aranjuez. O povo furioso, e accusando o principe da Paz de cumplicidade com os francezes, invade-lhe o palacio, destroe tudo quanto encontra, obriga o soberano a demittir de todos os seus empregos, e a despojar de todas as suas dignidades o valido da rainha, e n'este meio tempo o desgraçado principe, que estivera trinta e seis horas escondido de baixo de umas esteiras, é agarrado pelo povo, quando saía emfim julgando-se livre, e seria infallivelmente despedaçado, se uns guardas do corpo o não salvassem, levando-o preso e coberto de feridas para o seu quartel. Quem pôde socegar a multidão foi unicamente o principe

das Asturias, promettendo-lhe que o ministro seria mettido em processo.

Mas o rei e a rainha, aterrados por estas manifestações populares, vendo sobretudo a influencia de Fernando no animo do povo, e conhecendo o genio refalsado e ambicioso de seu filho, resolveram abdicar essa corôa que para elles fôra de espinhos. Já Madrid estava sendo theatro de desordens semelhantes ás de Aranjuez. Sabendo isto, Murat apressou a sua marcha. Mas, logo que abdicaram, começam o rei e a rainha a arrepender-se, e Murat, seguindo o plano infernal do imperador, acaricia a idéa dos soberanos hespanhoes, suggere a Carlos iv o pensamento de protestar contra uma abdição forçada, e acolhe friamente Fernando que vinha coroar-se a Madrid.

Fernando vii, que o povo hespanhol acclamára entusiasticamente julgando-o o firme defensor da sua nacionalidade, não era senão um ambicioso, que a todo o custo queria subir ao throno, e que para isso não duvidava transigir com o imperador. Pensou portanto em ir falar a Napoleão; e seus paes, querendo tambem conciliar para o seu partido o auxilio da França, determinaram ir advogar a sua causa perante o arbitro dos destinos da Europa.

Não contaremos os successos de Bayonna, em que os principes hespanhoes mostraram uma es-

pantosa falta de dignidade, e em que Napoleão fez um tão triste uso dos vastos recursos do seu genio. Quando terminaram essas conferencias, que estamparam uma nodoa indelevel na historia do primeiro imperio, Fernando VII e Carlos IV tinham assignado umas abdicacões forçadas, e José Bonaparte fôra proclamado rei de Hespanha.

A Hespanha insurgiu-se logo em massa. O movimento de Madrid no dia 2 de maio, reprimido severamente por Murat, deu o signal da revolta. O velho espirito provincial de Hespanha, d'esse paiz, onde, segundo a bella phrase do padre Lacordaire, palpitam ainda os antigos reinos, manifestou-se n'esse momento. As Asturias, a Galliza, a Castella Velha, a Estremadura, a Andaluzia, Murcia, Valença, Catalunha e Aragão revoltaram-se simultaneamente. Cada junta insurreccional fez uma revolução por sua conta. Os generaes francezes acharam-se de subito isolados uns dos outros pelas vagas do povo irritado. Verdier teve de combater em Logroño, Lasalle em Valladolid, Frère em Segovia, Lefevre-Desnoëtes em Tudela, Mallen, e Alagon, Duhesme em Barcelona. Dupont marchava entretanto sobre a Andaluzia, onde ia encontrar o mais terrivel infortunio. Na ponte de Alcolea, que tinha de ser theatro, sessenta annos depois, de uma victoria que foi a emancipação da Hespanha liberal, destroçava comtudo Dupont os insurgentes.



Mas em Cadix a frota do almirante Rosily tinha de se render, e o rei José, para se dirigir a Madrid, precisava de ir escoltado por uma divisão de soldados velhos, commandada pelo general Mouton, e protegido pela victoria de Bessiéres em Rio-Secco.

Entretanto em Valença o marechal Moncey via-se obrigado a retirar, no Aragão Duhesme estacava diante de Saragoça, que dava principio á sua heroica resistencia, Dupont deixava-se collocar n'uma falsa posição em Baylen, acceitava a batalha, era vencido e obrigado a capitular. Esta inesperada victoria, ganha sobre um dos mais distinctos generaes do exercito francez até então invencivel, enchia de enthusiasmo os hespanhoes. José, aterrado, saia de Madrid, e retirava com as suas divisões para a linha do Ebro, Verdier, que já tomára uma parte de Saragoça, vira-se forçado a seguir na sua retirada o resto do exercito.

Em presença d'estes acontecimentos, Murat, logo que a revolução principiou a manifestar-se, pediu a Junot um reforço de seis mil homens; mas o duque de Abrantes bem sabia que não podia contar com a submissão dos portuguezes, e portanto que não podia desguarnecer o reino; o que fez unicamente foi mandar o general Loison com quatro mil homens para Almeida, o general Kellermann com dois mil para Elvas, e o general Avril com dois mil e quinhentos para o Algarve, com ordem

de atravessar o Guadiana, e ir juntar-se a Dupont, que manobrava na Andaluzia. Na divisão de Kellermann ia um destacamento da guarda da policia de Lisboa, composto dos soldados mais fieis, e commandado pelo alferes Altavilla.

Mas o estado de espirito de Jayme era singular; o enthusiasmo com que acolhera a entrada dos francezes esfriára muitissimo desde que os vira tratarem Portugal como paiz conquistado; na guarda da policia as deserções começavam a ser frequentes; Lagarde fazia reinar em Lisboa um regimen verdadeiramente inquisitorial; Hermann, ministro da fazenda do governo francez, esmagava os contribuintes. Jayme, que sonhára para o seu paiz um regimen liberal, via que a tyrannia mudára apenas de nome, aggravando-se com o facto de ser estrangeira. Demais a esperanza que o sustentára, de poder casar com Magdalena dissipára-se completamente, e essa miragem, fugindo-lhe, mostrava-lhe a triste realidade, que o apontaria aos seus compatriotas como traidor, se continuasse no caminho que encetára, ainda que a sua origem franceza, aos olhos de muitos, o podia absolver.

Comtudo Junot tratára-o com tanta bondade, mostrára-lhe tão vivo affecto, que Jayme julgaria uma verdadeira ingratiidão seguir o exemplo de muitos dos seus camaradas. Demais a deserção repugnava-lhe. Assim, combatido por tão varios pen-

samentos, caira Jayme n'uma profunda melancolia.

Foi então que recebeu ordem de acompanhar Kellermann; seguiu-o com certo jubilo, quando soube que marchava para o Alemtejo, e que d'esse modo podia talvez passar por Evora, e ver Magdalena. Mas Kellermann deu apenas algumas horas de descanso aos seus soldados, na capital do Alemtejo, e marchou rapidamente para a fronteira.

Já Badajoz contudo se insurgira, e Kellermann, que, não tinha consigo forças suficientes para atacar essa praça, pensou portanto unicamente em estabelecer um cordão sanitario na fronteira, de modo que as idéas de independencia a não ultrapassassem. Para isso lembrou-se, com certa habilitade, de excitar o patriotismo dos portuguezes, de explorar o odio antigo que elles votavam a Castella, e chegou a fazer uma proclamação, convidando-os a pegarem em armas para defenderem o solo natal contra os seus velhos inimigos; os elvenses porém não se deixaram illudir assim. Perceberam perfeitamente que entre os povos da península estabelecêra a commum injuria um laço fraternal, e o modo como responderam á proclamação de Kellermann foi emigrando em grande numero para Badajoz, onde se alistavam na legião estrangeira organizada por Moretti.

Redobrou de vigilancia o general francez, e elle mesmo frequentes vezes rondava a cidade e as for-

tificações, envolto n'uma capa, e não tendo signal algum que o distinguisse de qualquer dos seus officiaes, ou de qualquer paizano, porque muitas vezes não ia de uniforme. Uma noite passava elle junto de uma taberna, situada *extra-muros* e fechada já, segundo as ordens rigorosas que elle déra, quando viu luz pelas físgas da porta, e ouviu dentro rumores de vozes, e os frouxos arpejos de uma guitarra, tocada muito de manso. Kellermann applicou o ouvido, e distinguio uma voz hespanhola, que cantava ou antes murmurava um hymno. O general francez encostou-se á porta e distinguio as palavras.

— *Fuego y sangre*; dizia a voz :

*Fuego y sangre, españoles valientes,  
son los polos de la libertad;  
guerra, guerra al tirano y su gente,  
guerra, guerra briosos clamad.*

E o côro, que se compunha de vozes portuguezas, respondia estropiando as palavras hespanholas, mas com uma energia profundissima :

*A las armas, corred patriotas  
á lidiar y morir ó vencer;  
guerra eterna al infame tirano,  
odio eterno al imperio francés.*

— Olá, disse Kellermann comsigo, temos ninho de conspiradores. Vocês cantam, esperem que já os faço dançar.

E afastou-se rapidamente.

Dirigiu-se á praça, mas ainda não tinha dado cem passos quando distinguui um official a cavallo, que tambem ia para Elvas.

— Senhor official, bradou elle.

O official voltou a cabeça, e, conhecendo-o, aproximou-se.

— Metta o cavallo a galope, disse o general, reuna os primeiros vinte soldados que encontrar, cerque-me esta taverna, e que não escape um só dos que lá se acham. Fogo sobre quem quizer fugir, e sobretudo um guitarrista hespanhol, que está tocando os hymnos sediciosos do seu paiz, que nos não escape. Quero-o morto ou vivo.

— Meu general, tornou o interpellado com voz supplicante, escolha v. ex.<sup>a</sup> outro official. Eu sou portuguez; custa-me estar a conduzir á morte os meus proprios concidadãos.

— O quê! disse Kellermann reconhecendo-o, é o sr. Altavilla?

Era effectivamente Jayme, que tivera um dia de licença para ir visitar um parente de sua mãe, residente a pouca distancia de Elvas, e que voltava para a praça.

— É o sr. Altavilla, repetiu Kellermann, que dá

o exemplo da indisciplina do sr. Altavilla a quem o duque de Abrantes deu a sua espada de alferes!

— Que estou prompto a restituir-lhe, exclamou Jayme altivamente.

— E já! tornou Kellermann; ou obedecer ás minhas ordens, ou entregar-me a sua espada.

— A hesitação é impossível, respondeu Jayme. Aceite v. ex.<sup>a</sup> a minha espada, e a minha demissão.

— Guarde a sua espada, tornou Kellermann, que era um excellente homem, de maneiras brúscas, mas de juizo recto e de nobre espirito; a demissão acceito-lh'a, porque não quero indisciplina no meu exercito. E saia immediatamente de Elvas, se não quer que o faça responder a um conselho de guerra. Dê-me o seu cavallo.

Jayme apeiou-se silenciosamente, e entregou o cavallo a Kellermann. Este montou com a maior rapidez; e, sem deixar que o joven official lhe dirigisse a palavra, partiu a galope.

— É um nobre coração, disse Jayme entre si. Comprehende as minhas angustias e restitue-me a liberdade. E é que podia mandar-me fusilar!

Pronunciando esta palavra, Jayme fez de subito um movimento.

— E aquella pobre gente da taverna! murmurou elle. Kellermann está furioso, e manda fusilar pelo menos o cantor hespanhol. Se elle presidisse á exe-

cução, ainda poderia enternecer-se, mas confia-a talvez de algum official que não sabe senão obedecer á *consigne*! Salvemos os desgraçados!

E, obedecendo a uma inspiração de benevolencia, Jayme correu á porta da taberna, abriu-a, e bradou para dentro :

— Fugam, que o general francez ouviu-os.

E, sem mais explicações, desapareceu.

Seguindo o conselho indirecto de Kellermann, Jayme saiu, d'ahi a uma hora, da praça. O caminho que elle seguiria facilmente o adivinham os leitores. O coração chamava-o para Evora, foi para Evora que elle se dirigiu.

Estava sem posição ; com uma palavra cortára a sua carreira militar, rasgára o seu futuro, quebrára a espada que era o seu unico meio de subsistencia. Restavam-lhe umas herdades no Alemtejo, que ia tratar de vender, para auferir os primeiros recursos.

Mas, com tudo isso, sentia-se livre de um grande peso ; não o punham já os olhares dos seus compatriotas. Só temia que Junot o accusasse de ingrato. Chegado a uma aldeia, onde tencionava descansar, Jayme pegou em papel e penna, e escreveu uma longa carta ao duque de Abrantes, em que lhe pintava a sua dolorosa situação, e o modo como saíra d'ella.

Chegando a Evora, tratou immediatamente Jay-

me de perguntar por Magdalena. Disseram-lhe que gosava de optima saude, que era uma das freiras mais amaveis do seu convento, e que se distinguia nos outeiros pelo engenho dos motes, que toda a mocidade verzejadora de Evora queria á porfia glosar.

— Demais, continuou o informador de Jayme, póde convencer-se da verdade do que lhe digo, porque houve eleição de abbadessa; ha hoje outeiro e será ella decerto á rainha da festa.

Um pouco pezaroso por ver que Magdalena se entregava a todos os folguedos frivolos do mosteiro, emquanto elle, immerso em profunda tristeza, não pensava senão em arrancal-a da cella em que suppunha que ella consumia a existencia, Jayme dirigiu-se para o outeiro, disposto a servir-se d'esse meio para entrar em communicação com a mulher que amava.

Eram já mais de dez horas da noite quando Jayme partiu para o terreiro do convento. Estava uma linda noite de junho; um luar esplendido banhava a fachada do mosteiro e o terreno adjacente. Uma nuvem de poetas mais improvisados que improvisadores esperava os motes, que as esposas de Christo se dignariam arrojarem-lhes.

Jayme passeiou um quarto de hora, prestando ouvido attento ás vozes das freiras que alimentavam o certame poetico, e devorando com os olhos



as janellas gradeadas e illuminadas, para ver se descobria o vulto querido de Magdalena. Afinal uma voz, que elle immediatamente conheceu, e que lhe fez pulsar com mais força o coração, disse de repente :

— Lá vae mote.

Acercou-se o grupo dos glosadores, que tinham tambem reconhecido a voz, e estabeleceu-se entre elles um profundo silencio.

Magdalena, no meio da profunda attenção do seu auditorio, deixou cair dos labios a seguinte quadra :

Como o vendaval a chamma  
ateia com mais violencia,  
o fino amor se acrysola  
nos temporaes da existencia.

Rebentou uma tempestade de bravos, e depois de innumeras exclamações extaticas, os poetás dispersaram-se para arrancarem ás musas mais ou menos rebeldes a glosa que era de dente de coelho, porque precisava de quatro decimas.

Ora os poetas de Évora não tinham inspiração, que chegasse para tanto sem rebentar no caminho.

Jayme era um pouco poeta, como todos os namorados; estava de mais a mais n'esse momento n'um estado de excitação nervosa. A quadra adaptava-se tão bem ao seu caso, que, sem esperar

um minuto, fiado na inspiração do momento, feito repentista pelo amor, como Elmano pelo genio, aproximou-se, bateu as palmas, e arrojou a glosa toda inflammada em amor vivissimo, talvez um tanto côxa na versificação.

A recompensa não se fez esperar; Magdalena applaudiu, e logo em seguida, com a voz um pouco tremula, signal de que reconhecera o seu antigo companheiro de brinquedos, bradou :

— Lá vae mote. Para o mesmo glosador, já que o encontro em veia.

Os eborenses estavam capazes de tragar vivo o intruso.

Magdalena deitou o mote, accentuando bem cada palavra, para lhes dar a intenção que só Jayme podia comprehender.

O mote vinha a ser o seguinte :

Era noite a saudade; é luz a esp'rança.

Radio de jubilo, por ver que Magdalena não o olvidára, e estabelecendo assim uma especie de correspondencia poetico-enygmatica, na presença de todos, Jayme, sem tomar o folego, respondeu com um soneto, que terminava assim :

O dia segue a aurora sem tardança!  
Resplenda o sol! Direi alegremente :  
Era noite a saudade; é luz a esp'rança.

Na sua resposta Jayme claramente revelava o audacioso desejo de não se contentar com esta suave troca de amorosos protestos, e de querer que o dia seguisse a aurora, ou que os sentimentos de Magdalena se manifestassem de um modo mais expressivo. A freirinha ouviu, e um novo mote veio revelar que entendera, e que dava carta branca ao seu namorado.

O mote era o seguinte :

O amor supera impossíveis;  
tem, para ser vencedor,  
ora as astucias de Ulysses,  
ora a bravura de Heitor.

Empregue a manha ou a audacia, dizia Magdalena na sua linguagem allegorica, mas consiga falar-me e livrar-me d'este captiveiro.

Os eborenses já não glosavam; sem perceberem o mysterio do caso, tinham imaginado que se travára uma luta entre o repentista e soror Magdalena, que esta queria cançar a veia do improvisador, e que este acceitava o repto. Por isso seguiam com immensa curiosidade o combate, e, vencida a inveja pelo prazer de serem espectadores do torneio, applaudiam a freira quando arrojava o mote, applaudiam o poeta, que seguia intrepidamente o caminho para onde o levava a sua gentil adversa-

ria, e que nem trepidava no soneto, nem se cançava de fazer decimas. Com a glosa de Jayme á ultima quadra de Magdalena terminou a contenda. Os dois namorados já sabiam que podiam contar um como outro. Que lhes importava o mais, sobretudo a Jayme ?

Este, louco de alegria, partiu para casa. Essa noite de junho pareceu-lhe mais bella, mais perfumada do que até ahi. Iria jurar que a lua se sorrisa para elle, e que as arvores, agitadas pela brisa nocturna, lhe diziam n'um ramalhar saudosissimo : Magdalena ama-te ainda, ama-te sempre.

E, cheio d'essa imagem querida, Jayme, com o supremo egoismo dos namorados, não pensava já nem nas desgraças da patria, nem no imperio francez, nem em Junot, nem em Kellermann ; não via senão a imagem de Magdalena, de Magdalena que o amava.

Deitou-se, e os sonhos de oiro vieram poisar-lhe á cabeceira.

E entretanto envolvia-se a patria em longos crepes lutosos.

Que importava n'esse momento a Jayme que governasse em Portugal um delegado do principe regente, ou um almirante inglez, ou um general de Napoleão ? O que lhe importava saber devêras era o caracter da prelada do convento.

## IX

## O SALTIMBANCO HESPAÑHOL

A nova abbadessa, sem ser das relações mais intimas da mãe de Jayme, conhecia-a comtudo, e Jayme entendeu que podia apresentar-se e sollicitar-lhe licença para falar no locutorio com a filha dos condes de Villa Velha, sua amiga de infancia. Não sabemos se a abbadessa estaria disposta a conceder a licença pedida, mas quiz o acaso que fosse amiga da condessa de Villa Velha, que soubesse por cartas d'ella o generoso papel que Jayme representára no momento da partida para o Brazil, e que recebesse portanto o nosso heroe de braços abertos, concedendo-lhe quantas licenças elle quiz.

Veiu Magdalena ao locutorio, e Jayme, depois de lhe ter descripto mil vezes a vehemencia do seu amor, depois de lhe ter feito repetir trinta vezes que o amava, disse, abaixando a voz, e approximando-se d'ella o mais possivel :

— Ouve, Magdalena. As leis do mundo nada podem a nosso favor, e comtudo nós não havemos de ficar eternamente separados um do outro. Sentes-te com animo e com vontade de me seguires aonde eu

te levar, de abandonares este convento, de fugires, para irmos viver um para o outro, só e exclusivamente, sustentando-nos com o fructo do meu trabalho, até que o coração de teus paes, e a clemencia de sua santidade regularisem a nossa existencia? Sentes em ti a coragem bastante para affrontares serenamente os furiosos clamores dos preconceitos de toda a especie? Não temes que seja um sacrilegio fugires d'este convento, quebrares os votos que fizeste? Se o temes, se a tua consciencia t'o reprova, lembro-te unicamente que maior sacrilegio é ainda o estares ajoelhada aos pés do altar com o espirito occupado por mundanas preocupações.

— Não, não temo, respondeu Magdalena em voz baixa e fremente. Ah! como tu adivinhaste o estado do meu espirito! Leva-me d'aqui; estes ares gelidos matam-me; não posso supportar esta existencia de convento; oração de dia e de noite, e para distracção unica... o outeiro, e a manipulação de doces! Leva-me Jayme, que eu morro aqui abafada. Eu quero a luz, quero a liberdade, quero ver e quero ser vista.

Jayme teve uma dolorosa surpresa ouvindo isto; sentiu vagamente que não era tanto o amor que a impellia, como o desejo garrido de apparecer na sociedade, de fugir da existencia ascetica do mosteiro.

— Eu não te quero illudir, filha, tornou Jayme;

a vida que tu sonhas não é a que vamos ter agora. A sociedade repellir-nos-hia se lhe apparecessemos; temos de viver um para o outro, isolados, sob o olhar de Deus, que nos perdoa decerto, porque é o infinito amor e a infinita misericordia, mas longe do olhar dos homens, que nos hão de dizer amaldiçoados do Omnipotente. Não te offereço as rosas da vida em troca das flores do altar, offereço-te uma existencia, pelo menos nos primeiros tempos, dolorosa e obscura, mas perfumada pelo amor. Isso basta-te, filha, como me basta a mim?

E Jayme dissera estas palavras com tanto fogo, com tanto ardor, cravando um olhar por tal forma carregado de magneticos effluvios nos languidos olhos de Magdalena, que esta, julgando talvez que dizia a verdade, exclamou :

— Sim, Jayme, fujamos, porque prefiro tudo a consumir a minha mocidade dentro dos muros do convento, e principalmente porque...

E a freirinha hesitou. Jayme ouvia-a com ansiedade.

— Porquê? insistiu elle.

— Porque te amo, respondeu a graciosa menina, velando com as longas pestanas os olhos onde fulgia brandamente uma humida chamma.

Jayme soltou quasi um grito de jubilo, e, encostando-se á grade do locutorio, beijando a sua amada com o olhar, já que os labios não podiam, e ine-

briando-se com o halito perfumado d'essa encantadora mulher, disse-lhe :

— Essas tuas palavras enlouquecem-me, filha. Olha! Vou preparar tudo para a nossa fuga; não sei ainda que plano hei de adoptar; mas quando tiver tomado as necessarias disposições, volto ao locutorio, e n'um bilhete indico-te o que temos a fazer. E adeus, filha, adeus; não ousou dizer que peças ao Senhor pelo exito da nossa tentativa; mas pede-lhe que nos perdoe, porque não queremos offendel-o, mas antes prestar-lhe homenagem mais sincera e mais ardente, do que essa que lhe prestas constrangida, e com o coração distraído por outros affectos.

E saiu, scismando no modo como havia de executar o seu plano.

Caminhava pelas ruas de Evora, absorto nas suas idéas, quando ouviu de subito junto de si uma exclamação de alegria, e logo em seguida uma voz lhe murmurou quasi ao ouvido, com accentuação hespanhola :

— Senhor official!

Jayme voltou-se surprehendido; já não trazia uniforme; porque lhe chamavam official?

O homem, que lhe falava, erà um pobre diabo, mal vestido, pallido, mas de olhar vivo e intelligente.

— *Usted no me conoce?* disse-lhe elle.



— Eu não, respondeu Jayme espantado.

— Eu sou aquelle guitarrista hespanhol, que v. s.<sup>a</sup> salvou em Elvas.

— Ah! disse Jayme sorrindo. E como é que me conheceste agora?

— Oh! é que a gente não se esquece assim de certas caras que viu em momentos como aquelle! Fez-me um favor de truz. Um quarto de hora depois já estava a casa cercada, mas não havia lá ninguém senão o meu pobre Simão que os francezes...

— Fusilaram? interrompeu Jayme.

— Nada não senhor, respondeu o hespanhol, que Simão é um macaco. Levaram-n'o prezo com uma corda, vestido de general como elle ia, e diverte-se agora o tenente, que ficou com elle, a obrigar-o a fazer sentinella no forte da Graça, de espingarda ao hombro. Fui eu que lhe ensinei aquella prenda, senhor official, continuou o hespanhol com profunda melancholia.

— Como é que tu sabes isso? perguntou Jayme.

— Ah! é que eu, no dia seguinte, andei a rondar alli pelos sitios, a ver se os malditos francezes se tinham esquecido de levar o macaco. Mas qual historia! Foi então que o vi ao longe de sentinella nas muralhas, com mais seriedade do que podiam ter os soldados do tal Napoleão.

— Que amor que tu tinhas ao macaco, para as-

sim te expores por elle a seres outra vez apanhado, e fusilado!

— Ah! senhor; é que elle ajudava-me a ganhar a vida. Por esse mundo andavamos, eu e elle, elle a dar tiros, eu a trabalhar no trapezio, e assim ganhavamos o nosso pão. Não sei que maldita idéa tive de passar por Elvas para lá me succeder esta desgraça.

— O que! disse Jayme, pois tu não eras emissor da junta de Badajoz?

— Eu não senhor; vinha de trabalhar nos arredores, e como uma pessoa emfim, ainda que só trate da sua vida, nunca pode olhar com bons olhos para estes patifes d'estes jacobinos, ficando na taverna, se havia de cantar ao som da guitarra uma *seguidilla* andaluza ou uma *jota* valenciana, cantei o hymno da rapaziada hespanhola que vae fazer andar em papos de aranha os soldados do Buonaparte. Ora ahi tem.

— Pobre homem! E, se tu viste o macaco, por que não te arriscaste a chamal-o? Era possivel que elle viesse ter contigo.

— Qual! se elle estava no alto do forte da Graça! Ai, senhor, que forte! continuou o hespanhol já mais desassombrado, eu cá digo: Melhor do que aquillo só Badajoz.

— Então o que tem Badajoz melhor do que Elvas? acudiu Jayme sorrindo.

— Ora essa, tornou o hespanhol, em Badajoz ninguém entra, sem que os de dentro queiram. São canhões por todas as bandas. Fortes para aqui, muralhas para acolá. Ah! senhor, alli não entram, *ni los pajarillos del cielo... ni Dios!*

O bom do saltimbanco fôra enumerando com tal entusiasmo as maravilhas da sua terra natal, que estava já vermelho como um tomate, e que chegára enfim a soltar a impiedade acima referida.

— Nem Deus! acudiu Jayme olhando para elle, pasmado da hespanholada.

O saltimbanco entendeu que fôra effectivamente muito adiante, e julgou que devia transigir.

Tirou o barrete, e accrescentou com modo mais de condescendencia do que de convicção :

— Deus, sim! Deus pode ser que entre... *pero con alguna dificultad.*

Jayme desatou a rir, e foi seguindo para o caes, sempre acompanhado pelo pobre saltimbanco hespanhol, que estava sem eira nem beira. Em Elvas, quando Jayme o salvára, fugira logo ao acaso, com a tramontana completamente perdida, e, em vez de voltar para Badajoz, internára-se mais no Alemtejo. Depois, quando reconheceu o engano e quiz emendal-o, já era tarde. Kellermann mandára vigiar a fronteira com grande aperto, não só para que não emigrassem para Badajoz os portuguezes que se iam alistar na legião de Moretti, mas tambem para

que não viesse de Badajoz quem nos trouxesse o contágio da liberdade.

Pois já não havia cordão sanitario, que impedisse a propagação da revolta.

O pobre hespanhol, o sr. Benito Picon, que não era para estas danças, que se achava transformado de pacífico saltimbanco em agente revolucionario, e que na transformação perdera o macaco, viu-se obrigado a internar-se em Portugal.

Jayme compadeceu-se do pobre homem, que olhava para elle com este olhar terno e supplicante do cão que pede mudamente ao seu dono que o não abandone, e perguntou-lhe se queria ficar com elle.

Benito, em vez de responder, agarrou na mão de Jayme, beijou-a com ardor, depois bateu as palmas, e em seguida foi até ao fim da rua ás cambalhotas, com grande espanto de duas ou tres mulheres que estavam ás portas.

Jayme desatou a rir, mas ao mesmo tempo acudiu-lhe uma idéa. Benito podia não lhe ser inutil para o plano que elle formára.

Quando chegou a casa, perguntou a Benito se era homem capaz de fazer grandes forças. Benito respondeu simplesmente, levantando do chão com a maior facilidade os moveis mais pesados que encontrou no quarto. Benito, além de mostrar o macaco ensinado, e de trabalhar no trapesio, era ao mesmo tempo Hercules de feira. Accumulava.

N'essa mesma noite Jayme pôz o seu plano em principio de execução. Acompanhado pelo Benito, dirigiu-se para o convento. O muro da cerca saltaram-n'o ambos com facilidade. Tinham primeiro feito um certo barulho á porta, para verificarem se havia cão. Não havia.

Jayme sabia já onde era a grade da cella de Magdalena. Vinha munido de uma escada de corda. Tratava-se porém de subir á janella, e, suspenso n'essa altura, cortar uma grade com uma lima surda que trazia, arrancal-a, e fugir com Magdalena. Se n'essa noite não podesse concluir-se o trabalho, voltariam n'outra occasião.

Foi Benito que quiz á viva força encarregar-se do trabalho mais difficil; Jayme devia vigiar na cerca e ajudar na subida o dedicado saltimbanco.

Saltando para cima dos hombros de Jayme, Benito explorou cuidadosamente as rugosidades da muralha. A janella era altissima. Tornava-se impossivel completamente arrojar a escada com tanta certeza que Magdalena a podesse apanhar, e prendel-a aos varões de ferro. Subir pela parede nem um gato. Se houvesse meio de chegar ás janellas do primeiro andar, a subida depois não seria tão difficil. Jayme olhou em torno de si com desespero. Uma escada de mão, fraquinha e pequena, estava encostada ao muro da cerca. Disse-o a Benito, acrescentando :

— É pequenissima ; de nada nos serve.

— Deixe, deixe, que estamos salvos, respondeu o hespanhol com alegria.

E, saltando ao chão, foi buscar a escada.

Tinha apenas seis ou sete degraus, e ficava a meia distancia das janellas do primeiro andar.

— Bem vêes que tinha razão, acudiu Jayme.

— Não tinha, não, meu amo. Eu subo ao ultimo degrau. V. s.<sup>a</sup> depois salta-me para cima do hombro. Se não bastar ainda salta-me para cima da cabeça, ata a escada de corda ás grades de ferro, e temos tudo arranjado.

— Mas tu podes lá commigo em tão perigosa posição ?

— Não se assuste, sr. meu amo ; dez que fossem segurava eu sósinho, posto em pé em cima de um fio de navalha.

Jayme não estava disposto a rir-se da hespanholada. Calculou rapidamente que o perigo era igual para ambos, e portanto que podia sem remorsos consentir no que Benito queria.

Benito pôz a escada e subiu ; atraz d'elle subiu Jayme ; depois Benito estendeu as mãos como estribos ; Jayme das mãos passou aos hombros. Ainda não estava bem chegado á janella. Fazendo um esforço supremo, pôz um dos pés na cabeça de Benito, depois o outro, e immediatamente para não esmagar o pobre hespanhol com o seu peso lançou

as mãos ás grades. Foi o que lhe valeu. A escada vergou á pressão que sobre ella exerciam, e partiu-se. Benito caiu na relva do jardim.

O incidente não fôra perigoso. Jayme, vendo Benito levantar-se sem lesão, apressou-se a atar a escada de corda. Benito subiu com rapidez. Jayme apoiou os pés no parapeito da janella, agarrou-se com força ás grades; o saltimbanco trepou-lhe para cima dos hombros, e n'um momento chegou á janella de Magdalena.

— És tu, Jayme? perguntou uma voz suavíssima.

— Não é elle, mas sou eu que vale o mesmo, *señorita*. Benito Picon, um criado de *usia*.

— Ah! bem sei, tornou a voz. E Jayme onde está?

— Está alli em baixo na janella da vizinha, mas sem tenção de perturbar a somneca da reverenda madre. Está desatando a escada de corda para eu a poder atar melhor cá em cima. E agora vamos a isto que é uma pressa.

E, sacando da lima surda, começou a trabalhar com ancia.

Benito era forçoso, como dissemos; no fim de uma hora de trabalho tinha um varão de ferro quasi cortado. Ia a sacudil-o com força para o arrancar da pedra, onde se engastava, quando de repente ouviu-se estalar uma girandola de foguetes, repi-

carem alegremente os sinos, vozes do povo que corria pelas ruas clamando, e alguns tiros dispersos.

— Fuja! fuja! exclamou Magdalena aterrada.

Benito não a deixou repetir. Largando o varão de ferro, deixou-se escorregar pela escada, e n'um momento estava ao lado de Jayme, que vigiava na cerca. Ao mesmo tempo Magdalena desatava, o mais rapidamente que podia, a escada de corda, e deitava-a ao chão.

Jayme a custo reprimiu um grito de desespero.

— Magdalena, murmurou elle, abandonas-me agora?

— Jayme, disse Magdalena de cima, em voz baixa mas fremente e em que se sentia o susto, Jayme foge, que me perdes!

Já se sentia algum movimento no interior do mosteiro; Benito arrastou Jayme comsigo; o pobre moço seguiu-o, devorado por uma dôr pungentissima.

À medida que se aproximavam do centro da cidade, iam distinguindo com mais clareza os requieques, os tiros, o estalar dos foguetes, e os vivas.

É que o grito de revolta contra a tyrannia dos francezes eccoava por toda a parte em Portugal, a scentelha patriótica chegára tambem ao Alemtejo, e n'essa noite rebentava em Evora a revolução.



## IX

## A VINGANÇA DE LOISON

Fôra, como outras muitas vezes, o Porto que dera o signal do movimento ; é a cidade predestinada para as empresas heroicas. Auxiliado pelas tropas hespanholas, que ainda lá estavam, o povo proclamou a independencia, aprisionando os soldados francezes. Propagou-se logo o contagio da liberdade pelas provincias de Entre-Douro e Minho, Traz-os-Montes e Beira. Immediatamente se communicou tambem o incendio ás provincias meridionaes de Portugal ; insurreccionou-se o Algarve e o Alemtejo ; Margaron, Loison, Kellermann viam-se isolados no meio de uma população quasi inerte, porém irritada e hostil. No Alemtejo estavam já Villa Viçosa e Beja em plena insurreição, quando Evora ergueu o brado de revolta, surprehendendo de noite o destacamento francez que occupava a cidade, desarmando-o, e tratando logo de nomear um governo provisorio.

Quando Jayme chegou ao largo, onde se discutia acaloradamente o que havia a temer dos francezes, um dos membros da junta mostrava o perigo da insurreição.

— Temos Kellermann á porta ; as tropas que estavam no Algarve já passaram a serra ; e Loison dirige-se para o Alemtejo, dizia o eleito do povo, pouco satisfeito com a elevada posição que os seus compatriotas lhe tinham outhorgado.

— Sim, mas vejam como elle teve de se metter nas encolhas, quando quiz ir contra o Porto. E foi na Beira ; que será no Alemtejo ?

— É assim, é, e que venha para cá o Maneta ; Evora não se parece com o Peso da Regua, que elle saqueou muito á vontade.

— Para se vingar de ter que tornar a passar o Douro mais depressa do que primeiro o atravessára, disse um estudante da universidade de Coimbra, que viera a ferias. Querem ouvir o soneto que um meu collega atirou ao tal sr. Loison ou Oison ?

— Diga lá, doutor, é seu o soneto ?

— Não ; é do Rodrigo da Fonseca Magalhães ; não conheces o Rodrigo ?

— Ah ! bem sei, tornou o interpellado que era o filho do capitão-mór de Evora, que andára seis annos no primeiro anno de direito, e saíra de Coimbra formado no trinta e um, e bacharel em guitarra ; ah ! bem sei ! se eu não conheci o Rodrigo da Fonseca ! Esperto como um coral, e tendo graça ás pilhas.

— Pois ahi vae o soneto :

Quiz o fero Loison, esse insolente,  
reduzir Portugal a negro estado ;  
e, apesar do seu braço decepado,  
tentou, tentou a empresa infelizmente.

Eis quatro ou seis paizanos tão sómente  
lançam fóra á pedrada o vil malvado ;  
e, vendo então o fato mal parado,  
*Marchez, marchez*, dizia o tal valente.

Raivosos range os dentes, ruge e brama :  
mas, debalde, franzindo o rosto feio,  
*Que diables portugais*, furioso exclama !

Ora vejam o tonto aonde veio !  
Para guerreiros taes, só basta a fama,  
do luso imperio perennal esteio !

O soneto fôra recitado n'um grupo um tanto afastado do ajuntamento principal, onde se commentavam as probabilidades a favor e contra do exito da revolução de Evora. Mas ainda assim formára-se um circulo numeroso, para escutar os versos, que tinham excitado a cada passo as gargalhadas e os applausos da turba. N'esse dia o soneto de Rodrigo da Fonseca andou em todas as boccas, e os gaiatos, estropiando os versos, não faziam ainda assim senão berrar pelo meio das ruas :

Eis quatro ou seis paizanos tão sómente  
lançam fóra á pedrada o vil malvado;  
e, vendo então o fato mal parado,  
*Marchez, marchez*, dizia o tal valente.

Era imprudente o regosijo prematuro. Contra os aguerridos soldados de Napoleão não podiam os portuguezes pôr em campo senão as reliquias desorganizadas do seu exercito, e bandos de povo mal armado. Quasi impotentes para o combate, eram terribes para o assassinio, e a luta ferocissima começou.

Não eram os soldados francezes, endurecidos por quinze annos de guerra constante, os mais proprios para não tirarem vinganças atrozes dos crimes da população. Vagueando sempre longe da patria, longe da familia, não conhecendo senão a bandeira, aquelles heroicos soldados de Napoleão tinham-se tornado, forçoso é confessal-o, em verdadeiros *condottieri*. Demais, aqui em Portugal os seus chefes não se mostravam capazes de reprimirem os seus excessos. Junot era homem pouco illustrado, tinha um temperamento sanguineo e facilmente irritavel, conservava por baixo da farda bordada do general e dos arminhos do duque uns restos da brutalidade da caserna; era um pouco *tarimbão*, segundo a phrase entre nós adoptada. Loison tambem não primava pela delicadeza; Margaron deixou de si nefasta memoria em Leiria.

Ora as circumstancias eram proprias para desenvolverem a irritabilidade de soldados e de generaes. As tropas do imperador tinham tido na peninsula a sua primeira humilhação, e que humilhação! a de Baylen, um pequeno Sedan.

Encontravam-se pela primeira vez face a face com os povos furiosos, espumantes, defendendo com dentes e garras os seus lares e a sua independencia. Assim como Dupont se vira obrigado em Baylen a entregar as armas aos recrutas de Castaños, Loison na Beira tivera de retirar diante de um punhado de camponeses. De um momento para outro o dominio francez em Portugal se limitou ao circulo onde se projectava a sombra das bayonetas. As provincias do sul tinham seguido o exemplo das provincias do norte, o grito da revolta corraera, como um rastilho de polvora inflammada, da fronteira hespanhola ao Oceano, do Algarve ao Alemtejo. Se os francezes logravam soffocar n'um ponto a insurreição, brotava-lhe immediatamente n'outro. Auxiliados pelos hespanhoes de Ayamonte insurgem-se Villa Real de Santo Antonio e Olhão. Saem tropas francezas de Faro e retomam Villa Real de Santo Antonio, fugindo os chefes dos insurgentes para a Andaluzia, mas logo Faro se revolta, e os seus habitantes prendem o general Maurin. Loulé segue este nobre exemplo, Lagos e Sagres igualmente. Os francezes vêem que no Algarve é já im-

possivel sustentarem-se. Concentram-se em Tavira, e logo depois retiram-se para as serras.

No Alemtejo porém encontravam as mesmas difficuldades. Villa Viçosa revoltára-se, e era auxiliada pelas tropas hespanholas de Badajoz; logo depois estalava o grito de independencia em Marvão, em Campo Maior, em Ouguella, em Castello de Vide, em Portalegre, em Arronches, em Beja. Mas os francezes começavam a sentir uma irritação profunda. Junot ordenára a Kellermann que marchasse para Lisboa, porque sabia que se preparava em Inglaterra uma expedição destinada a Portugal. Vendendo-se obrigados a retirarem diante de paizanos insurgidos, os francezes tiravam, onde podiam, crua vingança. Beja foi a primeira victima. Tropas imperiaes, que vinham do Algarve, juntaram-se ás que estacionavam em Mertola, retomaram Beja, e ahi praticaram as maiores atrocidades. Os generaes, em vez de reprimirem estas atrocidades, animavam-n'as; queriam estabelecer em Portugal o regimen do Terror. Junot mandava fusilar em Lisboa na praça do Commercio um pobre louco, e, em vez de occultar as barbaridades de Beja, apregoava-as como salutar exemplo.

Entretanto a marcha de Loison de Almeida para Lisboa era assignalada por inauditas cruezas. Em Thomar o rude general francez organisou uma verdadeira matança, em Alpedrinha e em Sarzedas

deixou sinistra memoria da sua passagem ; seguiram-lhe o exemplo em Nazareth Thomiers, em Leiria Margaron. Portugal estava sendo um campo de carnificina.

Foi Loison o escolhido por Junot para restabelecer o dominio francez em algumas terras do Alentejo, onde isso se tornava mais essencial para que a insurreição portugueza não podesse communicar com a hespanhola tornando-se assim irresistivel. Quando Evora se revoltava, já Loison atravessára o Tejo ; esse momento de incomparavel jubilo ia expial-o amargamente a cidade de Sertorio.

Evora podia contar com pouquissimos elementos de lucta ; um destacamento de infantaria 3 e outro de artilheria 3 foram as tropas, que a junta provisoria pôde aggregar, tropas mal armadas, mal commandadas, incapazes de resistirem por muito tempo aos granadeiros de Loison. Jayme previu a catastrophe, e por mais de uma vez advertiu os membros do governo provisorio. Alguns d'elles eram os primeiros a acharem prematuro o movimento, mas o poder tem taes seducções, que não se sentiam com animo de resignal-o ; ora o povo não os conservava n'essa alta posição senão para que lhe dirigissem a resistencia.

Pensar na fuga com Magdalena era já impossivel ; não só a cidade estava agitadissima, porém, além d'isso, o convento fôra considerado como uma

boa posição estratégica, e estava alli collocada uma pequena força de artilheria 3, com uma peça. As sentinellas da cerca impediriam portanto o nosso heroe de proseguir na sua tentativa interrompida pela revolução, ainda que os seus sentimentos de pundonor e de patriotismo o não impedissem de fugir de Evora em occasião de tanto perigo.

Não tardaram a approximar-se os francezes, e a vista de dois regimentos de infantaria, e de uns poucos de esquadrões de cavallaria introduziu logo uma grande desordem nas fileiras dos eborenses. Não tinham elles chefes habeis e experimentados; mas todos se queriam arvorar em generaes, e um boticario desprezava com o maior sobreceño as opiniões de Jayme, que fôra chamado a conselho, apezar de não ter querido tomar parte alguma no governo. O boticario allegava que se devia combater fóra da cidade; queria Jayme que se deixassem entrar os francezes, e que se lhe fizesse guerra de ruas que era a mais propria, quando se não dispunha de forças organisadas. Das janellas, dos telhados, das esquinas, detraz das barricadas que se levantassem, os eborenses, insurgidos em massa, e munidos de todas as armas possiveis, podiam molestar muito as tropas regulares francezas. Em campina rasa era impossivel que resistissem um quarto de hora.

Estas razões eram valiosas, mas as bravatas do



boticario poderam mais do que ellas, em primeiro lugar porque Jayme falava simplesmente, e o boticario declamava dando murros em cima da mesa, em segundo lugar porque o conselho compunha-se de proprietarios, e a estes não sorria muito a idéa de terem a peleja á porta. Succedeu-lhes peor depois, e é sempre o que acontece, quando não se sabem fazer a tempo os sacrificios necessarios.

Jayme resignou-se com profundissima tristeza, e apenas conseguiu que o encarregassem de, dirigir a defeza do convento, onde Magdalena estava, e onde estava tambem a unica peça de artilheria de que os eborenses dispunham.

As freiras tinham-se refugiado todas na egreja, e a abbadessa, que era uma digna senhora, de animo varonil, quando Jayme se lhe apresentou, dizendo-lhe que fôra encarregado de defender o convento, e que n'isso empenharia todos os seus esforços, e sacrificaria com gosto a propria vida, a abbadessa, pois, entregando-lhe as chaves do mosteiro, respondeu-lhe com voz firme :

— Defenda Evora, sr. Altavilla, embora tenha de sacrificar o convento. Não pense em nós; Deus nos protegerá. A sua egreja nos acolhemos, serão as nossas orações a nossa unica salvaguarda. Vá, combata, lembre-se da patria, e não de umas pobres mulheres que votaram ao sacrificio a vida, e que a offerecem com jubilo para resgate do seu

Deus ultrajado, e do seu paiz calcado aos pés.

Jayme inclinou-se com profundo respeito. Quando levantou a cabeça, relanceou os olhos, em que brilhavam algumas lagrimas a custo reprimidas, para as freiras que se dirigiam processionalmente para a egreja. Por baixo de um veo branco, viu brilharem então os olhos negros de Magdalena. Não sei que estranho ardor os inflammava; não revelavam nem os sustos da mulher, nem as inquietações da namorada, mostravam apenas uma ardente curiosidade, e um vago desejo de novas commoções. Tudo é preferivel á monotonia ociosa do claustro.

Antes de tomar as suas disposições, Jayme chamou Benito para o collocar de sentinella á porta da egreja, afim de velar mais especialmente por Magdalena, mas Benito desaparecêra.

Já começára o fogo nos arredores de Evora, e, como era facil de prever, uma carga de cavallaria franceza dispersou n'um momento as tropas collecticias portuguezas. Refugiaram-se na cidade, e procuraram defender as arruinadas muralhas. Loison nem deu tempo aos seus soldados para levantarem os mortos, e investiu logo a cidade. Vendo o pessimo estado de defeza do recinto de Evora, o general francez mandou dar o assalto sem as minimas precauções; mas, pelo lado do convento saíram-lhe errados os calculos. Jayme deixou appro-

ximar o destacamento de granadeiros que o atacava, e, dirigindo com acerto o fogo da sua unica peça de artilheria, que mandára carregar de metralha, causou grande estrago nas fileiras inimigas. Percebeu então o commandante da força que era necessario abrir brecha, e mandou prevenir Loison. Veiu um canhão, que procuraram pôr em bateria, mas Jayme, usando habilmente dos seus poucos recursos, incomodou-os seriamente. Elle mesmo apontava a peça, e, formando um grupo com os seus melhores atiradores, surprehendia os francezes que não esperavam em cidade tão mal defendida tão intelligente resistencia.

Com todas as suas faculdades concentradas na defeza do ponto que lhe fôra confiado, e onde estava o ente que lhe era mais caro, Jayme nem pensava no que se passaria no resto da cidade. Os chefes da resistencia tinham-n'o deixado completamente isolado, e não havia n'essa pobre cidade nem sombra de unidade de defeza. Quando Jayme via com immenso jubilo os francezes retirarem dizimados, apparece-lhe de subito Benito, pallido, com os cabellos em pé, e bradando :

— Fogo, fogo ! Ha fogo no convento.

O pobre saltimbanco estava longe de ter um temperamento guerreiro. Saltos mortaes, ascensões audaciosas eram o seu dominio, e n'esse genero fazia o que quizessem; de balas porém não gos-

tava. Assim que principiára o combate, tratára de se esconder, onde... foi o que nunca se pôde descobrir, porque Benito Picon, ácerca d'esse episodio da sua vida, não contava senão façanhas prodigiosas, e assegurava, que, se o tivessem ajudado, não escaparia nem um francez.

Ouvindo porém este grito, Jayme voltou-se aterrado. Enquanto elle resistia, os francezes tinham invadido Evora por todos os lados, sem encontrarem resistencia, e tinham começado nas ruas uma carnificina horrorosa. O combate que houvera nos arredores da cidade, servira apenas para inflamar as suas más paixões, para os inebriar com o cheiro da polvora, para os entontecer com a vista do sangue. Saciariam essa ardente sêde de luta na peleja se a houvesse. Não se pelejava; matavam simplesmente. E á matança unia-se o roubo, o incendio, o saque. A soldadesca desenfreada, abandonada aos seus instinctos ferozes por Loison, que jurára vingar-se na paizanada portugueza da humilhação da Beira, enchia de horror a capital do Alemtejo. A população refugiava-se nas egrejas. Ahi a perseguia a turba guerreira. As praças eram lagos de sangue. As casas incendiadas rasgavam com a sua luz sinistra as trevas da noite que principiava. Abraçavam-se aos altares as mulheres, e d'alli eram arrancadas pelos soldados, ou alli as ultrajavam. Não queremos suppôr que essas briosas phalanges

de Napoleão se deshonrassem com tão indignos feitos, mas a escoria das tropas, que no combate figura no segundo plano, toma no saque o primeiro lugar. Não contribue para a gloria da bandeira, contribue para o seu aviltamento. Enquanto os verdadeiros soldados fazem tremular o estandarte ao vento procelloso das batalhas, rojam-n'os estes *condottieri* no sangue das victimas indefeças.

As scenas de Paris em 2 e 3 de setembro de 1792, repetiam-se em Evora em 1808.

O convento, que Jayme defendia contra os que o atacavam do lado do campo, fôra invadido pelo lado da cidade. De envolta com o povo que para alli fugia em tropel, entraram os soldados francezes, alguns já ebrios, trazendo nas mãos archotes que logo atearam o incendio nos altares. Foi por isso que a simultaneidade da entrada do povo, da invasão dos francezes, e do começo de incendio, nem deu tempo ás freiras de se prevenirem contra o perigo, de que só tiveram noticia quando lhes surgiu diante dos olhos, nem consentiu que Jayme podesse acudir em defeza da egreja.

Louco de dôr e de furia, ao ver mallogrados os seus intelligentes esforços, correu Jayme para o templo, acompanhado pelos seus soldados. Não podiam estes fazer uso senão da arma branca, porque estavam confundidos com os francezes o povo e as freiras; mas animava-os a raiva, e a bayoneta,

a coronha da espingarda foram nas suas mãos armas terríveis.

Era horroroso o espectáculo ; mais horroroso se tornou quando os soldados portuguezes interviewaram. A chamma lambia os altares, e ninguém pensava em extingui-la. Os francezes, soltando blasphemias, torpes risos, e obscenidades, arrombavam os sacrarios, ultrajavam as freiras, matavam sem piedade os que ousavam defendel-as. Um soldado de cavallaria achára divertido correr a trote a igreja até ao altar-mór. Os gritos das mulheres, o rumor longinquo da tragedia que se continuava a representar nas ruas da cidade, o crepitar do incendio formavam um concerto verdadeiramente pavoroso.

Foi esta scena de horror e confusão que Jayme viu quando chegou á porta da igreja. Com a espada e as pistolas em punho, com a bocca negra de polvora, os cabellos soltos ao vento, Jayme atravessou a turba que procurava fugir, e correu ao côro bradando por Magdalena. Nenhuma voz lhe respondeu ; elle, entretanto, ebrio de furia, prostrava em torno de si os francezes, que, surpreendidos pela inesperada aggressão, mal podiam defender-se. Mas, passado o primeiro momento de surpresa, a luta começou medonha. Não tendo os mesmos motivos que os portuguezes para se absterem do uso das espingardas, os soldados de Loison dispararam tiros. A multidão, com esta nova causa

de terror, atropellava-se á porta procurando fugir. No meio das sombras nocturnas, o clarão vermelho do incendio fazia ondear nos altares as imagens asceticas dos quadros e as figuras hediondas dos sacrilegos, e no altar-mór o Christo Crucificado, pallido e pendido, presidia a esta scena de desolação e de horror.

Deixando os seus soldados continuarem a lucta, Jayme penetrou no convento, e correu os corredores bradando sempre por Magdalena. Baldada esperanza ! As freiras, surprehendidas, não tinham tido tempo de fugir para o convento, as que não tinham sido assassinadas, haviam corrido pelas ruas, perseguidas pelos soldados. O convento estava mudo, e faziam um singular contraste com a scena tumultuosa da egreja, o silencio tranquillo das cellas, e a placidez dos oratorios, immersos na sombra crepuscular.

Do convento Jayme passou para a rua ; da egreja fugia a multidão, e os soldados portuguezes saiam tambem perseguindo os francezes. Jayme soltou um grito :

— A mim, artilheiros !

Ouviram-n'o os soldados, e agruparam-se em torno d'elle. Jayme fizera um violento esforço sobre si mesmo ; percebera que, n'esse momento supremo, precisava de não se entregar ao desespero que o invadia, de conservar o uso das suas facultades

Tinha alli uns poucos de bravos, que iam ser sacrificados nas ruas; precisava de os salvar e de os ter comsigo para o auxiliarem. Eram apenas doze; mas doze de uma intrepidez a toda a prova, de uma energia insuperavel, militares experimentados, e que tinham já pelo moço ex-alferes uma grande dedicação e um grande respeito, consequencia da superioridade e da resolução que n'esse dia manifestara.

— Rapazes, disse elle, não seremos nós que podemos salvar esta desgraçada cidade, é necessario que nos juntemos para vingarmos estes horrores, depois de termos feito tudo quanto era humanamente possivel para os impedirmos. Algum de vós tem familia aqui na cidade, a que deva protecção?

— Nenhum, responderam os soldados.

— Eu tambem não, tornou amargamente Jayme; minha mãe ausentou-se felizmente para casa de uns parentes seus, a mulher que eu amava ou está perdida irremediavelmente, ou se refugiou em sitio ignoto. Saiámos de Evora, e esperemos ensejo propicio para podermos salvar ou vingar a cidade.

— Estamos promptos, disseram os artilheiros.

— Acompanhem-me pois. Por caso nenhum nos afastemos uns dos outros. Não usemos das espingardas senão em ultimo recurso. Abrámos cami-



nho á arma branca. Treze homens unidos atravessam impunemente uma turba dispersa.

— Quatorze, *si usted quiere*, murmurou timidamente um homem, que acabava de escorregar, como um gato, de um telhado, onde se refugiára, para a rua.

— És tu, Benito, exclamou Jayme; onde tens estado?

— A chacinar nos francezes na egreja, respondeu audaciosamente o hespanhol. *Caramba!* mandei mais de vinte ceiar com o diabo.

— Queres então vir commigo?

— Eu vou para toda a parte com o sr. Jayme, respondeu Benito.

— Mesmo para a batalha?

— Para toda a parte, insistiu o saltimbanco; mas nós agora vamos bater-nos? continuou elle inquieto.

— Não, tornou Jayme suspirando, vamos retirar.

— É pena, acudiu Benito incorrigivel nas suas fanfarronadas, mas é necessario, concluiu elle para que lhe não pegassem na palavra.

Succedeu o que Jayme previra. Protegidos pelas sombras nocturnas, atravessaram os quatorze homens a cidade, onde continuavam a desenrolar-se as terriveis scenas do saque. Vertia sangue o coração de Jayme, vendo as casas incendiadas, ouvindo os gritos dos assassinados, os gemidos das mulheres, os prantos das crianças. Os francezes

tinham arrombado as adegas, e corriam pelas ruas, ebrios de vinho e de sangue. Mais de uma vez, comtudo, a indignação venceu a prudencia, e Jayme com os seus doze companheiros arrancou das mãos dos francezes algumas victimas, e puniu severamente os militares dispersos, que encontrava divertindo-se inclusivamente com os cadaveres, a tal ponto chegára a ferocidade d'aquelles homens. Animado por este successo, Jayme percorreu quasi a cidade toda, procurando sempre Magdalena! N'uma das praças da cidade divisou um grupo de soldados francezes, que arrastavam comsigo uns poucos de padres e de freiras.

Ancioso por encontrar Magdalena, Jayme pede aos seus que o sigam. Sem attentarem na desproporção do numero, avançam os briosos artilheiros. Mas já os francezes tinham encostado os padres, com as mãos atadas, a um muro, e divertiam-se a crival-os de balas, como se atirassem ao alvo. As freiras essas reservavam-n'as para sorte mais cruel.

À luz dos archotes, que dois francezes empunhavam, para illuminarem esta horrida scena, pôde Jayme entre os fuzilados conhecer o bispo do Maranhão, que residia em Evora. Nenhuma das freiras que presenciavam este lugubre episodio era Magdalena; mas o nosso heroe não pôde consentir que na sua presença se estivessem perpetrando

taes crimes. Uma porta da cidade ficava proxima ; Jayme voltou-se para os seus, e murmurou :

— Agora a tiro rapazes, que o campo está bem perto.

Assim que proferiu estas palavras, doze espingardas foram apontadas silenciosamente na sombra, e uns poucos de francezes caíram feridos mortalmente. Apenas os outros tinham tido tempo de soltar um grito de espanto, quando sentiram cair sobre elles, como uma avalanche, um bando de verdadeiros demonios. A bayoneta, a coronha da espingarda, a espada, trabalhavam com vigor. Os francezes tambem pouca resistencia oppozeram. Dispersaram-se, clamando por soccorro. Enquanto os soldados desatavam os padres, que ainda sobreviviam, Jayme interrogou as freiras. Uma d'ellas vira Magdalena, agarrada por quatro ou cinco soldados francezes já ebrios, que a arrastavam para a capella, onde momentos depois se desenvolvia o incendio com mais furia. Não duvidavam de que lá tivesse morrido.

Jayme teve um soluço convulsivo, mas fez um supremo esforço, reprimiu a sua commoção, e murmurou :

— Preciso viver para a vingar.

Ao fundo da rua já apparecia uma companhia franceza em fórma, que vinha perseguir os homens que prolongavam a resistencia na devastada

cidade. Jayme fez um signal, e os seus doze artilheiros partiram a correr em direcção á porta. Instantes depois estavam fóra da cidade, e sumiam-se na noite, no silencio, na espessura de um bosqueito proximo. Os francezes não intentaram dar busca nos arredores; contentaram-se em pôrem em torno das muralhas um cordão de sentinellas. E entretanto Jayme e os seus contemplavam, com dôr profunda, Evora mergulhada na escuridão de uma noite sem luar, mas illuminada de relance e sinistramente pelo clarão dos incendios. Das suas ruas saía um clamor confuso de gritos e de imprecações. Os campos dormiam sob a placidez azulada de um ceo de agosto. Deus parecia sorrir do alto do firmamento. Ouvia comtudo esse clamor confuso, e, ouvindo-o, principiava a lavrar a condemnação de Napoleão Bonaparte.

---

## XI

### OS MILAGRES DE BENITO

Tres dias durou o saque da cidade, sem que Jayme podesse reunir por aquelles arredores o mais pequeno elemento de peleja, nem conseguisse sã-

ber coisa alguma do destino de Magdalena. Conser-vava-se emboscado com os seus homens proximo das muralhas, prompto a auxiliar a fuga dos que tentavam esquivar-se á crueldade dos francezes. Entre esses alguns que vinham desesperados com os actos do exercito de Loison juntavam-se á pequena tropa de Jayme, e pediam armas para se poderem vingar das infamias que se estavam praticando.

Ao terceiro dia emfim, deu Loison ordem para que o saque terminasse. Comtudo os soldados não lhe obedeceram completamente, e ainda no dia seguinte continuaram a sua impia tarefa. Quando se levantaram os mortos, viu-se que tinham sido victimas dos francezes mil e tantas pessoas.

Acabada esta obra nefanda, Loison organisou em Evora uma junta de governo, e partiu para Estremoz, levando comsigo despojos consideraveis. Foi espalhando pelo caminho o terror e a desolação, porque os seus soldados não se contentavam só com roubar, mas estragavam tambem, e, como diz uma testemunha ocular d'estas desgraças, não duvidavam matar um boi para lhe comerem uma perna abandonando o resto.

Emquanto os francezes de Loison se dirigiam para Estremoz, Jayme tratava de organizar a sua guerrilha. Eram os doze soldados o nucleo mais serio, mas Jayme, que queria ter homens escolhidos, e não verdadeiros salteadores, como eram muitos

guerrilheiros, chamou a alistar-se nas suas fileiras todos os que tinham um motivo de odio contra os francezes, todos os que tinham tido ou um pae assassinado, ou uma irmã violada, ou incendiada a casa. Assim juntou cincoenta homens apenas, decididos a tudo, implacaveis, que juraram não se deixar nunca aprisionar, e tambem nunca poupar a vida a um francez que lhes caisse nas mãos. Imagine-se em que pasmoso estado de exaltação não estaria Jayme, para que elle, o homem de nobres pensamentos e espirito esclarecido, proclamasse esta guerra desesperada, feroz, contra os francezes !

Quem visse Jayme depois dos infelizes successos de Evora não reconheceria o delicado e sociavel moço, que se elevava tanto pela sua instrucção acima do nivel medio dos seus collegas do regimento, que merecera que Junot o distinguisse, que soubera conquistar as vivas sympathias do general Thiébault. É que o amor de Magdalena fôra por muito tempo a sua esperança, o norte unico da sua vida, a estrella que lhe illuminava a existencia ; apagando-se-lhe de subito no horisonte essa luz animadora, Jayme sentira ennoitar-se-lhe o espirito, e despertarem-lhe na alma todas as paixões ferozes, como as feras despertam quando desaparece o dia.

« Vingança » era o seu grito unico. Elle que tanto censuraria essa guerra desapiedada, e nada cavalheiresca, que por mais de uma vez manchou o he-

roismo da resistencia da Peninsula, agora compromettia-se por um juramento a não fazer prisioneiros ! É que elle vira as atrocidades de Evora, sentira um desejo ardente, feroz de vingança e uma sede de punir os que praticavam taes crimes, que ainda o devorava. E essas atrocidades de Evora tel-asiam commettido tambem sem provocação os francezes ? Não, a guerra feroz, que o povo lhes fazia, já lhes desencadeiára as más paixões. Na guerra que immensa responsabilidade pesa sobre o primeiro que dá o signal do crime ! porque depois, de represalias legitimas em represalias legitimas, a que barbaridades se não chega !

A esse tempo as insurreições, que tinham brotado isoladamente em muitos pontos do reino, já communicavam entre si, e já compunham a grande revolução nacional. O acontecimento, que principalmente concorrera para que isso se realisasse, foi o desembarque na bahia de Lavo, junto da embocadura do Mondego, de treze mil soldados inglezes, commandados por sir Arthur Wellesley. A noticia da chegada d'este poderoso auxilio encheu de jubilo os portuguezes, e embaraçou muito os movimentos do general Junot. Não podendo fazer face ao mesmo tempo á insurreição portugueza, e á invasão ingleza, Junot viu-se obrigado a concentrar-se na Estremadura. Ao sul do Tejo conservou apenas guarnições em Elvas e Estremoz.

Desembaraçadas as provincias do Alemtejo e do Algarve da oppressão das tropas francezas, conseguiram emfim reunir n'um unico feixe as suas tropas, juntal-as depois ás das provincias do norte ; e, pondo-se Bernardim Freire de Andrade á frente d'esse punhado de gente organizada, manobrou de modo que podesse juntar-se ás tropas de Wellesley. Entretanto as guerrilhas do Alemtejo aggregavam-se ás da Beira, e procuravam por todos os modos inquietar e incommodar os francezes.

A guerrilha de Jayme Altavilla seguira para o norte fazendo caminho com a guerrilha de Monsanto, procurando uns e outros molestar, tanto quanto podessem, o movimento de concentração das tropas imperiaes. A guerrilha de Monsanto tinha um aspecto original. Commandava-a um padre, o reverendo Manuel Domingues Crespo, e acompanhavam-n'o como tenentes outros dois padres, Lourenço Fernandes Pena Garcia, e José Nicolau. De batina arregaçada, chapeo desabado, espadalhão á cinta, sem esquecer um bom par de pistolas, os padres com a pressa tinham apenas esquecido o breviario. Pela manhã diziam missa onde calhava, com a espada encostada ao pé do altar, e as pistolas alli ao pé ; depois caminhavam mais frescos e bem dispostos á caça dos francezes, e os seus guerrilheiros sentiam-se tambem consolados por possuirem assim, reunidos n'uma só cabeça, o poder tem-



poral e o poder espiritual, o commando e a absolvição. Se ganhassem alguma victoria, logo alli tinham quem lhes cantasse o *Te-Deum*; se morressem, tambem alli vinha quem lhes fizesse as exequias. Os guerrilheiros de Monsanto eram os mais felizes guerrilheiros do Alemtejo, andavam descansados a respeito do seu corpo e da sua alma que estavam entregues na mão dos seus chefes.

A guerrilha de Jayme sentia a inferioridade em que se achava com relação á guerrilha de Monsanto, e os mais conspicuos guerrilheiros não poderam esquivar-se a dizel-o ao seu commandante. Aquella distribuição não era justa. Tres padres para a guerrilha de Monsanto, e nenhum para a de Evora ! Os guerrilheiros andavam seriamente preoccupados com isso. Não exigiam tres padres, mas pelo menos um.

Jayme percebeu que, se lhes não dêsse um padre, os seus soldados eram muito capazes de o abandonarem para irem alistar-se nas fileiras sacerdotaes ; mas arranjar um padre, onde e como ? Nem elle tinha cabeça para o andar procurando, nem applaudia que andassem os ministros do altar, os sacerdotes de uma religião de paz, de amor, e de fraternidade, de trabuco em punho, espalhando em torno de si, em vez das benções, a morte. Não podia approvar tão estranho desvairamento, ainda que os padres que elle criminava podiam invocar

uma desculpa sagrada, a do zelo pela independência da patria.

Mas em todo o caso não queria discutir estas materias com os seus subordinados, e o que precisava principalmente era de os conservar. Por isso tratou de satisfazer o seu pedido.

Occorrera-lhe de subito uma idéa. Entre as muitas prendas, que adornavam o intrepido Benito, figurava, como uma das mais conspicuas, a de saber ajudar á missa. O illustre saltimbanco, sem querer abandonar Jayme a quem estimava deveras, sempre viajava a uma respeitavel distancia da guerrilha, allegando que torcera um pé, quando perseguia nas ruas de Evora os francezes aterrados. Ora, como elles agora retiravam para a Estremadura, conservando-se atraz da guerrilha, Benito tinha muitas probabilidades de não ter que os perseguir de novo, expondo-se a torcer o outro pé.

— Benito, disse-lhe Jayme, na mesma noite em que recebeu as reclamações dos seus soldados, tu foste o meu mais fiel companheiro ; preciso de te dar um posto na guerrilha.

— Não senhor, accudiu Benito vivamente, eu não sou nada ambicioso, e demais reconheço a minha insufficiencia.

— Humildade christã ! Bravo ! Ainda isso me confirma na minha opinião. Tu sabes ajudar á missa ?

— *Deo gratias.*

— Optimamente : e pareces-me um homem de paz e de fraternidade ?

— Sanguinario não sou.

— Bom ! Vae-me buscar uma thesoura.

Benito, espantado, foi buscar o que lhe pediam.

— Senta-te ahi, continuou Jayme.

Benito sentou-se.

Com duas thesouradas arranjou-lhe Jayme uma corôa magnifica. Benito deu um pulo, apenas sentiu na cabeça o frio do ferro.

— Ai ! que o senhor meu amo quer-me enfor-car, disse elle.

Jayme, apezar das preocupações do seu espirito, não pôde deixar de rir, vendo o comico terror que se pintava no rosto de Benito.

Logo em seguida passou-lhe uma nuvem pela frente ; aquella exclamação do saltimbanco fôra uma revelação ingenua da mudança que se operára em Jayme. Benito conhecera-o tão bom, tão amavel ; conhecia-o agora tão irritavel, tão feroz, digamos a palavra, que já até julgava possivel que elle lhe pagasse a sua dedicação e a sua humilde amizade, mandando-o enforcar.

— Descança, disse Jayme, quero elevar-te a uma alta posição, mas não tão alta como a que tu imaginaste. Faço-te padre e confessor da guerrilha.

— Eu, padre ! ó senhor meu amo, olhe que tenho mulher e filhos !

— Deixa ter. Quando voltares para Badajoz, levas mais essa aventura de guerra para lhes contares, florendo-a convenientemente. A isso não chegou Sancho Pança, subiu até a governador de uma ilha, mas capellão nunca foi.

— Mas emfim que quer isto dizer, senhor meu amo ?

— Quer dizer que os meus soldados desejam á viva força ter um padre como a guerrilha de Monsanto, e, como elles te não conhecem, que estamos ha dois dias apenas em marcha, e só á noite aqui tens apparecido, promovo-te a sacerdote.

— O senhor meu amo, tornou Benito coçando a cabeça, os padres da guerrilha de Monsanto são ao mesmo tempo padres e combatentes. Pois isso a mim é que me não convinha. Isto é, já se sabe, porque não gosto de confusões : ou bem uma coisa, ou bem outra. Prefiro a guerra ; mas se sou padre, sou padre : não tenho que ver com as balas.

— Descança, meu caro Benito, acudiu Jayme, o teu officio será apenas um officio de paz.

N'essa mesma tarde Benito Picon, revestido de uma batina que Jayme mandara buscar por um dos seus artilheiros que estava na confidencia, foi apresentado á guerrilha como um padre hespanhol, que vinha tomar parte nas campanhas d'esta luta a prol da religião. Os guerrilheiros de Evora ficaram ufanissimos com a sua nova recruta. É sa-

bido que os beatos de lei preferem muito os padres estranhos aos nacionaes ; veja-se o enlevo do beaterio lisbonense pelas irmãs de caridade francezas, pelos padres francezes, italianos, inglezes, e na provincia o enthusiasmo pelos missionarios estranhos á localidade. Por isso os guerrilheiros de Jayme repetiam com orgulho :

— Os de Monsanto teem tres padres, isso é verdade, mas nós temos um que é hespanhol.

Os chefes da guerrilha de Monsanto receberam com dignidade o seu novo collega. Dirigindo-se para elle gravemente, o reverendo Manuel Rodrigues Crespo, de espada, e de pistolas ao cinto, exclamou, com os olhos no ceo :

— *Benedictus sit nomen Domini, frater.*

— Benito Sinomen, não, meu padre, respondeu o saltimbanco, espantado de que o reverendo já lhe soubesse o nome, Benito Picon, um seu criado.

— Que diz elle, padre José Nicolau ? perguntou Manuel Rodrigues voltando-se para o seu alferes.

— Diz, tornou gravemente o interpellado, diz Benito Picon ; em hespanhol é como quem diz *Dominus vobiscum*.

— *Et cum spiritu tuo*, acudiu logo Benito, que se armára com essa phrase atinal para todos os apuros.

— *Amen!* tornou o padre Manuel Rodrigues, que tambem não tinha um dictionario latino muito extenso.

— Qual é o seu nome, irmão ? insistiu José Nicolau.

— *Benito Picon ; ya lo he dicho á usted.*

— *Et cum spiritu tuo*, redarguiu devotamente o padre. E, voltando-se para Manuel Rodrigues, accrescentou em voz baixa:

— Sabe latim como um homem, digo-lh'o eu, capitão.

A observação espalhou-se entre os guerrilhas, que professaram d'ahi em diante o mais profundo respeito pelo saltimbanco.

Marchando para o norte, encontraram os guerrilhas uma pequena força de linha, commandada pelo capitão de cavallaria 12, Manuel de Castro Corrêa de Lacerda, que marchava a unir-se ao exercito inglez. Vendo em torno de si trezentos homens decididos, o valente capitão chamou os chefes, e perguntou-lhes se não queriam mostrar a sir Arthur Wellesley como é que os portuguezes se batiam, praticando alguma acção de nome, antes de se juntarem ao seu exercito. Respondeu-lhe um grito unanime de adhesão. Propoz Lacerda a tomada de Abrantes, apenas defendida por duzentos francezes. Aceitaram os nossos soldados com jubilo a proposta, e a pequena força caminhou em direitura a Abrantes.

Tinham-se os francezes encerrado no castello, postando em S. Francisco uma forte guarda. Ata-

caram-n'a com vigor os guerrilhas portuguezes, e os padres de Monsanto lá iam na frente, combatendo com denodo. Benito Picon declarou devotamente que já que os seus irmãos combatiam por si mesmos e por elle, em compensação elle ia rezar por todos... em latim. Era a sua especialidade, ninguém estranhou o facto. Aqui temos pois o nosso Benito Picon estabelecido commodamente n'uma taverna á beira do rio, preparando-se para a oração com uns poucos de copazios de vinho do Cartaxo, emquanto lá ao longe se ouvia o tiroteio dos guerrilheiros e dos francezes.

Mas entretanto a guarda de S. Francisco, vendo-se ameaçada de ser envolvida, retirou para o castello sempre fazendo fogo. Quando Benito Picon estava no melhor das suas libações, uma bala perdida entra pela taverna, fere levemente o taverneiro que estava tirando vinho de uma pipa, e quebra em cima do balcão umas poucas de garrafas.

O terror de Benito Picon foi indescritivel. No vinho entornado julgou ver um lago de sangue. Sem querer saber de mais coisa alguma, deita a fugir sem pagar e sem saber para onde. O taverneiro, que apenas tivera um raspão no hombro, e que logo recobrára o sangue frio, não quer perder, ainda por cima do seu Cartaxo entornado, o preço do vinho bebido. Corre atraz do freguez. Este julga-se perseguido pelos francezes. Perde de todo a

cabeça, mas faz prodígios de gymnastica. Trepá aqui a uma arvore, além a um telhado, e o peor é que ouvia o tiroteio cada vez mais proximo. Decididamente os francezes ainda eram mais saltimbancos do que elle, porque lhe ganhavam avanço muito pronunciadamente. O pobre Benito nem se atrevia a olhar para traz. Vê emfim uma rua, trepa ao telhado da primeira casa, e vae correndo de gatas pelos telhados, á procura de uma trapeira por onde se podesse metter. Tudo fechado, e os tiros cada vez mais proximos, e as balas inclusivamente já quebravam telhas em torno d'elle ! Benito corria como um possesso. Descortina a pouca distancia uma torre de egreja. Está salvo. Salta como um cabrito montez de telhado em telhado, chega ao tecto da egreja, e dá comsigo no meio de uns poucos de homens armados, que, abrigados com a torre, ou estendidos em cima das telhas, sustentavam um tiroteio violento.

— Eu sou um pobre homem, exclamou elle aterrado e caindo de joelhos ; Benito Picon...

— *Et cum spiritu tuo*, respondeu-lhe uma voz com sensivel inflexão de espanto. O reverendo caiu do ceo ! continuou a mesma voz.

— Milagre ! milagre ! bradam os atiradores. Deus favorece a nossa causa. Milagre ! É santo o padre hespanhol !

Benito Picon olhou em torno de si positivamente



estupefacto. Achava-se no meio de um grupo de guerrilheiros de Monsanto e de Evora, e os ebo-  
renses todos ufanos, beijavam-lhe a manga rasgada  
da batina, e mostravam-n'o com ufanía aos ciosos  
guerrilheiros de Monsanto.

O caso fôra o seguinte. O reverendo Manuel Do-  
mingos Crespo lembrara-se de collocar alguns ati-  
radores escolhidos no telhado da igreja de S. Vi-  
cente, d'onde podiam molestar muito os defensores  
do castello. Assim se fez, enquanto Benito Picon,  
assustado pelos tiros e pelos gritos do taverneiro,  
corria, como vulgarmente se diz, a metter-se na  
bocca do lobo. Os tiros que julgava ouvir pela re-  
taguarda, vinham do sitio para onde se encami-  
nhava, e o desgraçado saltimbanco, saltando de te-  
lhado em telhado, fôra dar comsigo no proprio te-  
lhado da igreja de S. Vicente, onde parecia ter  
caído do ceo a quem não tinha conhecimento da  
sua pericia gymnastica.

O caso foi acclamado por milagroso, e Benito  
Picon, assim que percebeu a historia, guardou a  
mais profunda reserva ácerca da sua peregrinação  
aerea, envolvendo-a no mysterio proprio de quem  
recebe favores especiaes do Omnipotente. Imagi-  
ne-se quanto este milagre exaltaria o animo dos  
soldados e dos guerrilheiros portuguezes. Houve  
logo mensageiro que foi communicar o facto aos  
que combatiam n'outros sitios, e essa narrativa que

fez sorrir Jayme, que encontrou no animo de Corrêa de Lacerda a mais decidida, mas tambem a mais silenciosa credulidade, excitou o entusiasmo dos eborenses, e o ciúme dos padres de Monsanto. D'ahi resultou um tal impeto no combate, que os francezes entenderam que era melhor, em vez de esperarem o assalto, procurarem abrir caminho até ao rio n'uma sortida desesperada e fugirem; mas encontravam diante de si homens extraordinariamente exaltados. Apenas viram vir do castello a briosa e resoluta guarnição, formada em columna, os guerrilheiros saem uns das casas, descem outros do telhado da egreja, agrupam-se tambem em massa compacta e precipitam-se sobre o inimigo.

Benito Picon é que principiou n'este momento a sentir as amarguras da gloria, e os perigos de uma reputação milagreira. Debalde pedia que o deixassem agradecer na egreja ao Omnipotente os favores que Elle lhe outhorgara. Os guerrilhas julgavam que lhes fugiria a victoria, se Benito lhes faltasse. Armaram-lhe uma charola, e levaram-n'o ao combate em andor. O pobre saltimbanco estava por conseguinte ainda mais exposto do que os outros. Não se é santo impunemente. As balas zuniam em torno d'elle, e o pobre Benito não fazia senão agachar-se, levantar-se, agitar-se de mil maneiras para evitar os mensageiros da morte. Os homens que o levavam ás costas eram solidos, e se-

guravam-n'o com intrepidez. Tão feliz foi o nosso Benito que nenhuma das balas o tocou. É verdade que ellas já eram raras. Nas margens do Tejo combatia-se principalmente á bayoneta. Os francezes lutavam heroicamente para abrirem caminho, os portuguezes exaltados pelejavam com elles corpo a corpo. Mas a fama dos milagres do padre hespanhol já se espalhara na villa, e inflammara o animo dos devotos abrantinos. Corriam todos a combater ao lado dos guerrilheiros, com as armas que encontravam, e os francezes, que tinham principiado a combater contra uns trezentos homens, achavam-se envolvidos finalmente por perto de cinco mil.

Não havia remedio ; a fortuna trahia a bravura ; cento e dezeseite soldados francezes entregaram as armas rendendo-se prisioneiros.

É impossivel descrever o enthusiasmo com que o nosso Benito Picon foi acolhido em Abrantes ; as mulheres precipitavam-se para lhe beijarem a manga da batina esfarrapada, pediam-lhe reliquias ; os homens contemplavam-n'o com veneração, os padres de Monsanto mordiam-se de inveja, Jayme e os seus artilheiros sorriam-se. O bom do Benito, vendo-se já em terreno seguro, não hesitava em contar maravilhas da sua ascensão ao ceo, e, animado por alguns copazios de vinho generoso, ia dando taes largas á imaginação que, se não é a intervenção de

Jayme, que mandara procurar Benito por toda a parte, e que o foi encontrar n'uma taverna, pré-gando um sermão, e explorando, com um riso de Sileno, a sua propria lenda, porque já promettia o ceo a pataco por cabeça, se não é a intervenção de Jayme que o livrou de terminar a sua carreira de santo debaixo da mesa da tasca, os milagres de Benito vinham a produzir uma roda de pau no thaumaturgo, porque elle já ia abusando da credulidade popular.

Em todo o caso conseguiu retirar-se com a sua reputação intacta, e entrou, muito satisfeito de si, na casa onde Jayme tinha sido aboletado.

Havia motivo para ufania. Benito foi n'esse memoravel combate heroe sem querer e santo sem o saber.

---

## XII

### UMA OPERA DE MARCOS PORTUGAL

Foi rapida e feliz a primeira campanha do exercito anglo-portuguez contra os soldados imperiaes. Sir Arthur Wellesley, á frente dos seus treze mil

inglezes, auxiliados por algumas forças portuguezas pertencentes a infantaria 12, 21 e 24, a caçadores 6, a artilheria 4, a cavallaria 6, 11, 12, e guarda real da policia, derrotou na Roliça os seis mil soldados do general Delaborde. Na batalha do Vimeiro foi derrotado todo o exercito francez, commandado pelo proprio duque de Abrantes, á excepção de tres mil e quinhentos homens, que, debaixo das ordens do general Travot, tinham ficado de guarnição a Lisboa.

Percebeu Junot que era impossivel sustentar-se mais tempo em Portugal com as diminutas forças de que dispunha, tendo de lutar contra a insurreição do reino, contra as forças inglezas, ainda augmentadas com a divisão Moore, que desembarcara recentemente, não podendo esperar soccorros do exercito francez que pelejava na Hespanha. Encontrou por tanto em negociações com o inimigo, e mais feliz no campo diplomatico do que nas lides militares, obteve uma capitulação vantajosissima, se attendermos á situação precaria em que estava collocado. Essa capitulação, conhecida pelo nome de convenção de Cintra, foi asperamente censurada em Inglaterra, protestaram contra ella os generaes portuguezes, e a junta do Porto; estigmatizou-a emfim Byron em alguns versos immortaes do seu Childe-Harold.

Jayme, que se aggregara ás tropas de Bernar-

dim Freire de Andrade, não pelejara nos combates da Roliça, nem do Vimeiro, com o seu general entrara em Santarem, com elle partira emfim para Lisboa.

O aspecto da cidade não era alegre, apesar de ver terminada a oppressão debaixo da qual gemia. A capitulação de Cintra discontentava toda a gente; os inglezes nem tinham pensado nos interesses d'este paiz, que diziam defender. Não se estipulara a restituição de tantos objectos roubados que os francezes levaram tranquillamente consigo, em nada se tinham importado os negociadores da convenção com a indemnisação necessaria a um paiz, que fôra victima de tantas exacções. Portugal, com a capitulação de Cintra, não lucrara senão ver-se livre momentaneamente da invasão franceza; mas nem havia reparação para tantos males que padecera, nem satisfação para tantos ultrages.

Para levar ao seu auge a surda irritação do povo da capital, a bandeira, que substituíra a signa tricolor, não fôra a bandeira das quinas, fôra o estandarte inglez. Explicavam os generaes inglezes aos que lhes falavam com tristeza n'esse facto, que impressionava dolorosamente os lisbonenses, que era a consequencia inevitavel, mas transitoria do estado excepcional do porto de Lisboa, considerado porto neutro, visto que não houvera declaração de guerra trocada entre Portugal e a França e os seus

aliados, de forma que, se Lisboa não tivesse o aspecto de uma cidade tomada pelos inglezes, a esquadra russa que estava no Tejo, commandada pelo almirante Siniavin, podia invocar as leis do direito marítimo internacional, e sair tranquillamente sem assignar capitulação.

Estas razões eram attendíveis, mas não facilmente comprehendidas pelo povo, que não via senão o facto material, que o considerava como um attentado contra a nacionalidade portugueza, e que dizia á bocca cheia que Portugal não se livrara da oppressão franceza, senão para cair debaixo do jugo inglez, que escapara á tyrannia de Junot, para ter de acceitar submisso o protectorado desdenhoso de Wellesley.

Segundo os termos da capitulação de Cintra, os navios inglezes deviam transportar para França as tropas francezas. Emquanto não chegavam pois os transportes necessarios, Junot, que chamara a Lisboa todos os destacamentos do seu exercito, acampou com elles em varios sitios da cidade.

Uma noite do principio de setembro vagueava Jayme Altavilla, immerso nos seus pensamentos, pelas ruas de Lisboa. Pungia-o uma tristeza profunda; agora que lhe faltava a excitação da peleja, a ardente anciedade do combate, sentia o immenso vazio da sua vida, sem aspirações, sem esperanças, vida incerta, que só o demonio da guerra podia

agitar com o sopro das paixões ferozes, dando-lhe uma animação fatal, como a que o ebrio pode procurar no alcool puro, quando já não ha outro liquido que o galvanise.

Estava uma noite de luar esplendida; nas aguas do Tejo espelhava-se o rosto formosissimo da rainha das sombras, e com a sua irradiação formava pelas aguas fóra uma como que via lactea, que ondulava com os franzidos assetinados que a brisa dava á placida superficie do rio. Reinava um silencio completo na cidade adormecida. Só se ouvia de longe a longe o *sentinelle prenez garde á vous* das tropas francezas, postadas no Terreiro do Paço e no Rocio. Havia no ceo, na brisa, no luar, não sei que frémits amorosos, que voluptuosa languidez. Jayme sentia dilatar-se-lhe o coração ao sopro d'aquelles effluvios enamorados que vagamente o acariciavam; sentia despertar-lhe no peito a mocidade que elle tanto se esforçava por comprimir, por abafar debaixo do peso dos odios, dos rancores, de todas as paixões que esterilizam, que murçam, como o sopro do vento do deserto, as purissimas flôres da alma.

Oh! como elle sonhava ao contemplar a placidez d'aquella noite de luar, os frémits d'aquellas aguas prateadas, a serena immobildade dos montes, que ao longe, na margem esquerda do Tejo, recordavam sobre o fundo azul escuro do ceo as suas fron-



tes escavadas, como elle sonhava, ao escutar o marulho das pequenas ondas do rio que vinham expirar brandamente a seus pés na areia da praia, ao ouvir esses vagos murmurios da noite, entre os quaes podia distinguir o frémito voluptuoso de uma guitarra, em cujas cordas palpitava uma d'estas canções melancolicas e amorosas, filhas da suave inspiração da musa popular, como elle sonhava que immenso enlevo seria o seu, se podesse, só-sinho com Magdalena, sentados ambos, com as mãos enlaçadas, á popa de um bote que fosse cortando as aguas prateadas, embeber os seus olhos nos d'ella, respirar o perfume das suas tranças, colher nos seus labios um beijo que a endoideceria, e falar-lhe longamente no amor que lhe transbordava do coração.

E, ao lembrar-se quanto contrastava o presente despovoado de esperanças com esses sonhos que o embalavam, ao pensar que essas mãos, que queria apertar nas suas, estavam geladas e frias n'algu-  
ma cova ignorada, se o incendio as não fizera em cinzas, que d'esse adoravel corpo de Magdalena já não restava talvez nem o pó impalpavel que o vento dispersa, ao pensar que a alma querida já se refugiara no ceo, roubando-lhe a elle para sempre a ventura, a tranquillidade, e essa luz serena que banha as almas e faz n'ella desabrochar as flores do affecto e da bondade, ao pensar em tudo isto, Jay-

me sentia os soluços affogarem-lhe a garganta, sentia as lagrimas acudirem-lhe do coração aos olhos, e uma dôr profunda traspassar-lhe o peito.

Fugiu da margem do rio. Era perfido aquelle brando luar, eram perfidas aquellas ondas arru-lhadoras; todos esses effluvios da noite lhe coavam nas veias esse doce e languido veneno que é o encanto dos namorados, mas tambem o desespero dos que o sentem inocular-se-lhe no sangue, quando estão sós no mundo, quando teem de apagar com as lagrimas da saudade o fogo d'esses vagos desejos, a chamma d'esse indefinido affecto.

Fôra no cães de Sodré que elle estivera contemplando o rio e a noite, e avivando com esse espectáculo as suas saudades sempre reverdecidas, as suas dolorosas recordações. Depois subiu pela rua do Ferregial em direcção ao Chiado. Quando vinha mais embebido nos seus pensamentos, ouviu de repente uma voz deliciosa, que cantava uma aria italiana de uma suavidade ineffavel. Jayme parou extasiado. Olhou em torno de si e viu que estava ao pé do theatro de S. Carlos. Havia recita; assim o desejára o general Wellesley, que queria festejar a capitulação de Cintra, e queria que os portuguezes a festejassem tambem, embora estivessem com poucas tendencias para isso.

Jayme parou a escutar; não conhecia a musica, mas conhecia o estylo. Era a suavidade ineffavel e

amena do nosso compatriota Marcos Portugal, d'esse musico tão apreciado lá fóra quanto desconhecido aqui. Enquanto na Italia o maestro Portugallo é considerado como um dos primeiros, ao passo que, ainda em mil oitocentos e vinte e tantos, Sthendal, viajando na Italia, ouvia nos mais escolhidos concertos cantarem os primeiros artistas trechos de Rossini, Cimarosa, Gluck, Mozart e *Portogallo*, na sua patria este insigne compositor nem sequer logra a dita de ter uma ou outra vez as suas operas representadas, e só o seu admiravel *Te-Deum* é conhecido pelos *dilettanti* actuaes.

N'esse tempo ainda não se praticára essa injustiça; Marcos Portugal vivia, estivera na Italia; as suas operas, applaudidas por todas as platéas do mundo, tinham entrado no repertorio de todos os grandes cantores; as empresas de S. Carlos não tinham remedio senão represental-as.

Jayme lutou por algum tempo contra essa magia dos sons, que o fascinava e o attraia; fugira das commoções da noite vindo cair nas seducções ainda mais perigosas da musica. Mas porque havia de elle fugir-lhes? Não era uma covardia tremer das agonias intimas que dispertavam na sua alma, quando estes encantos da natureza e da arte lhe actuavam no espirito, e lhe reverdeciam a dôr que o lacerava? Ah! que importava a tristeza, a amargura, a saudade! As lagrimas são sagradas, as la-

grimas consolam. Preferir a estas agitações a indolencia, a inercia, a lethargia, a paralyção da alma, é uma fraqueza, é um verdadeiro suicidio moral! Jayme revoltou-se contra si mesmo, quiz saborear a amarga voluptuosidade do padecer, quiz cravar n'alma bem fundo os espinhos da saudade, comtanto que sentisse ao mesmo tempo o que ha de delicioso n'esse pungir acerbo. Sem hesitar mais tempo, Jayme comprou um bilhete e entrou na platêa.

A peça que se estava cantando era o *Demophoonte* de Marcos Portugal. Tinha sina essa opera de ser cantada por ordem superior, e de festejar acontecimentos que eram para os portuguezes ou dolorosos ou indifferentes. Recebendo no dia 15 de agosto, anniversario do imperador, a noticia do desastroso combate da Roliça, Junot nem por isso quiz que deixasse de se festejar com toda a solemnidade esse faustoso dia; para que nada faltasse ás pompas do anniversario, Junot mandou chamar ao seu palacio o maestro Marcos Portugal, que dirigia S. Carlos juntamente com o maestro Fioraventi.

Veiu o musico portuguez, e encontrou n'um dos magnificos salões do palacio Quintella o duque de Abrantes recostado com tanto socego, como se não estivesse a findar por dias o seu ephemero poder.

No vão de uma janella Travot, que tinha de ficar governando Lisboa, falava animadamente com Kellermann, que o ouvia pensativo e silencioso.

— Maestro, disse Junot, não tem lá pelo theatro nenhuma opera nova, que se possa cantar hoje, para celebrar o fausto natalicio de sua magestade Napoleão I, imperador dos francezes e rei de Italia ?

— Não, sr. duque, respondeu Marcos Portugal, que era n'essa epoca um homem dos seus quarenta e tantos annos, e ainda que a tivesse como queria v. ex.<sup>a</sup> que os artistas a cantassem já esta noite ?

— Ora adeus ! tornou Junot, com uma pachorra um tanto ironica. Tudo é possivel com um ensaiador como o maestro, e com cantores de tanto talento como a Eckart, Nery, Calderini, Bianchi. E depois, oiça lá, continuou Junot, sempre com o mesmo sorriso ironico, parecera-me ouvir dizer que estava a ensaios uma opera sua, maestro, um *Demophoonte*, que eu ouvi em Milão quando era simples ajudante de campo do general Bonaparte que commandava o exercito de Italia. É verdade isto que me disseram ?

— É sim, senhor, respondeu o maestro com mau modo por se ver apanhado em flagrante delicto de mentira, mas eu, como auctor da opera, é que não consinto que ella se cante hoje...

— Que é lá isso, maestro ? acudiu Junot endireitando-se no canapé ; porque é que não consente que se cante hoje ?

— Porque não quero que a minha musica seja

cantada sem os ensaios convenientes, balbuciou Marcos Portugal.

— Ah! muito bem, tornou Junot sempre com a mesma fingida *bonhomia*, sou bastante amigo das artes e bastante admirador das suas obras, maestro, para não querer ter a responsabilidade do *fiasco* de uma sua peça. Mas então o *Artaserce*. Já foi cantado em Lisboa; cantou-o a Eckart. N'essa não pode haver duvida.

— Faltam-me outras figuras, redarguiu Marcos Portugal, que se fazia de mil côres, por se ver obrigado a comprimir a irritação que o devorava. Mas tenho prompto para ser cantado, acudiu elle vivamente, o *Artaserce* de Cimarosa.

— Eu não digo mal de Cimarosa, acudiu Junot sempre sorrindo; o maestro napolitano é um musico muito apreciavel. Macdonald não quer ouvir falar n'outro artista. Veiu de Napoles enthusiasmado com o hymno da republica parthenopéa, republica que elle defendeu depois da prisão de Championnet, e põe nas nuvens Cimarosa, mais por ser auctor do hymno do que por ser auctor do *Matrimonio secreto*. Mas para um dia solemne como este, é melhor ou uma opera nacional, o que é facil, visto que este reino tem a ventura de possuir um dos primeiros musicos da Europa — Marcos Portugal inclinou-se — ou então uma opera franceza.

— Ah! sr. duque, acudiu vivamente Marcos Por-

tugal, está v. ex.<sup>a</sup> servido ; podemos dar uma opera que não é precisamente de auctor francez de nascimento, mas pelo menos de francez adoptivo, temos prompto para ser representado o *Orpheu e Eurydice* de Gluck.

— De Gluck! exclamou Junot levantando-se com uma especie de indignação, verdadeira ou fingida; pois o maestro ousa falar-me n'um musico alemão, a mim que detesto essa cantoria a que os germanos chamam musica. E o maestro não sabe que o grande homem partilha esta minha opinião, e que na grande contenda de Paccini e de Gluck foi o imperador sempre um dos mais furiosos piccinistas? Gluck! Gluck! Se o deixo, era capaz de me propôr Mozart.

Marcos Portugal sorriu; Junot pautava fielmente as suas opiniões lyricas pelas de Napoleão; era ajudante de campo do imperador até em musica.

— Mas acabemos com isto, acudiu Junot seccamente; pode pôr em scena a sua *Morte de Semiramis*?

— Sr. duque, respondeu Marcos Portugal, fazendo-se ligeiramente pallido, já não tenho em Lisboa a Catalani para me cantar o *Son regina*.

— E não quer que a Eckart lh'o profane, tornou Junot rindo; bem, bem, meu caro maestro, coisas de coração comprehendendo-as eu perfeitamente, e não quero magoal-o, maestro, fazendo-o ouvir cantar

pela Eckart uma aria que a Catalani illustrou. Mas n'esse caso melhor será que voltemos á nossa primeira idéa; o *Demophoonte* já vae muito adiantado nos ensaios, e, ainda que não seja cantado na primeira noite como o seu auctor desejaria, um publico de militares na vespera de uma batalha é pouco exigente, e descance que ha de ter uma ovação!

— Mas general, só por milagre...

— Supponhamos que é necessario um milagre para que o *Demophoonte* sejá hoje cantado, tornou Junot com seriedade; nós os generaes francezes temos um segredo especial para produzir milagres. Falámos ainda agora em Macdonald e em Championnet; sabe de certo, sr. Marcos Portugal, como foi que Championnet obrigou S. Januario em Napoles a fazer o seu milagre annual. Tenho a vaidade de me não suppôr menos habil do que o meu chorado collega, o vencedor de Civita-Castellana; portanto o milagre de S. Carlos ha-de-se fazer, e esta noite ha de ser cantado o *Demophoonte*. Adeus sr. Marcos Portugal.

E, voltando-se para os seus dois subalternos que conversavam ainda ao canto da janella:

— Kellermann, disse elle, depois da parada ha de marchar immediatamente para Torres Vedras; Travot, amanhã pela manhã, antes de partir, passe revista á guarnição que fica em Lisboa debaixo do seu commando.



Enquanto elle dava estas ordens, Marcos Portugal, pallido, com os dentes cerrados, ficára immovel no sitio onde Junot o deixára; a allusão a Championnet indicára-lhe perfeitamente a sorte que o esperava. Championnet ameaçára os conegos de S. Januario de os fuzilar se o milagre se não fizesse; Junot não hesitaria em o mandar fuzilar a elle se o *Demophoonte* não subisse á scena.

Depois de ter visto n'um relance as consequencias da sua recusa, e os meios que tinha para cumprir as ordens do general em chefe, Marcos Portugal, abaixando a cabeça machinalmente porque Junot voltava-lhe as costas, saiu da sala.

D'ahi a pedaço a Eckart soltava altos gritos, e ameaçava ter um ataque nervoso, Gaetano Nery asseverava *Corpo di Bacco* que lhe era impossivel cantar o papel, mas Marcos Portugal lembrava a Gaetano Nery a historia do milagre de S. Januario, advertia a Eckart de que os generaes de Napoleão estavam costumados a não serem de uma delicadeza extrema com as senhoras, e que M.<sup>me</sup> de Staël não podera gabar tanto Bonaparte, como M.<sup>me</sup> de Sévigné gabára Luiz xiv, e portanto d'ahi a uma hora orchestra e cantores estavam a postos para um ensaio geral, dirigido com rara intelligencia pelo auctor da opera, a quem o maestro Fioraventi coadjuvava fraternalmente.

Foi assim que na noite de 15 de agosto de 1808

se pôde cantar pela primeira vez o *Demophoonte* em Lisboa.

Junot cumpriu a sua palavra, e o *Demophoonte* obteve uma ovação, apesar de algumas hesitações da orchestra, e de algumas desafinações dos cantores secundarios.

As operas não teem opinião politica, e o *Demophoonte*, que festejára o anniversario do imperador Napoleão, saudava agora a derrota das tropas imperiaes. A sala comtudo estava quasi deserta; os portuguezes, descontentissimos com a convenção de Cintra, não julgavam dever acompanhar os inglezes no seu jubilo, e o *Demophoonte*, que tinha sina de ser cantado por ordem superior, subira á scena porque assim o quizera expressamente o estado maior britannico.

A platêa estava cheia quasi exclusivamente de officiaes do exercito auxiliar; os camarotes conservavam-se pela maior parte vazios. Jayme tambem nem para elles relanceou os olhos. Sentára-se a um canto da platêa, e, embalado pelas suavissimas melodias de Marcos Portugal, o seu espirito pairava na região aérea dos sonhos, saboreando a saudade esse

Gosto amargo de infelizes,  
Delicioso pungir de amargo espinho .

como Garrett havia de dizer annos depois.

Chamou-o á realidade uma subita interrupção da orchestra; ouviu em seguida brados de indignação, alguns murmurios na platêa, gargalhadas de officiaes, e um grito da Eckart, que decerto não vinha no seu papel. Jayme estava escutando a opera com os dois braços encostados ao banco da frente, e a cabeça entre as mãos. Ergueu-se com espanto, e pôde então ver o que occasionava este incidente.

Os officiaes inglezes não se tinham contentado, para festejarem a sua victoria, com as demonstrações publicas; tinham tambem feito em abundancia libações particulares. Alguns d'elles, não se contentando em irem para a platêa, tinham invadido os bastidores de S. Carlos, sem que o porteiro ousasse impedir-lhes a entrada. No meio da peça tinham apparecido em scena, cambaleantes, risinhos, misturando-se com os comparsas, e accrescentando com os seus uniformes vermelhos um novo matiz aos trages gregos da peça. Não estava ainda muito longe o tempo em que os espectadores se sentavam no palco ao lado dos actores, e em que estes faziam o papel de Achilles com a cabelleira empoadada. Portanto a appareção dos officiaes apenas despertou sorrisos sem produzir escandalo, nem os espectadores estranharam muito que Demophoonte tivesse companheiros no exercito britanico. Um dos officiaes porém, cuja embriaguez se exacerbára com a multidão das luzes, quiz repre-

sentar na peça um papel mais activo, e, approximando-se da Eckart, embirrou que lhe havia de dar um beijo. A actriz gritou, a orchestra levantou-se indignada, Gaetano Nery fugiu prudentemente para os bastidores, os officiaes da platêa acharam immensa graça ao seu compatriota, e logo se organisaram apostas, dizendo uns que o tenente Sorrystone beijava a Eckart, outros que a não beijava.

Jayme teve um repellão de colera ao ver a sem-ceremonia com que a officialidade britannica insultava o povo portuguez, sem-ceremonia que o proprio sir Arthur Wellesley teve de cohibir e de reprehender severamente n'uma ordem do dia. O seu primeiro impulso foi o de se atirar ao tablado, e prostrar com dois sôcos o insolente britannico. A reflexão mostrou-lhe a imprudencia e o absurdo d'esse desforço, e entendeu que o melhor era ir esperar M. Sorrystone á porta do palco, e pedir-lhe em regra uma satisfação para quando tivesse a sua cabeça septemtrional menos carregada com os fumos do vinho do Porto.

Quando, saindo da platêa, entrava no salão, deu de rosto com uma senhora que descia dos camarotes, dando o braço a um homem ainda moço e vestindo com elegancia á paizana. Jayme desviou-se para os deixar passar. A senhora levava o rosto coberto com um espesso véo; mas, ao abrir-se a

porta, o vento da noite levantou as prégas do crepe, e Jayme soltou um grito. As feições d'essa senhora eram a perfeita copia das feições de Magdalena.

A impressão foi tão forte que Jayme não reflectiu, e, julgando ver diante de si a sua noiva, bradou : « Magdalena ! »

A phantasia de Jayme, sobreexcitada por tão estranha semelhança, fel-o suppôr que vira a senhora desconhecida estremecer, ouvindo a sua voz. Se Jayme se não enganou, foi esse o unico signal que a senhora deu de que sentira tão perto de si o som de uma voz humana. Sem se voltar sequer, e dando sempre o braço ao cavalheiro que a acompanhava, sumiu-se na sombra do largo.

Jayme esteve um momento immovel ; depois, cedendo a um impeto irresistivel, correu atraz do elegante par. Nem já pensava no tenente Sorrystone. Entrando no largo, Jayme não viu pessoa alguma. Chegou á bocca de todas as ruas, que alli desembocam ; as ruas estavam desertas. Comoapparecêra tão depressa o par desconhecido ? Jayme, na incerteza do caminho a seguir, correu a bom correr na direcção do Chiado. Se os não visse alli, tomaria pelas outras ruas. Chegando ao pé da igreja dos Martyres, olhou para ambos os lados, e não viu senão uma patrulha de cavallaria da guarda da policia. Desesperado, voltou para traz,

e, com supremo espanto, divisou ao longe, á escassa luz dos candieiros estabelecidos pelo intendente Pina Manique, dois vultos que já desciam a rua do Ferregial, que vira momentos antes deserta. Seriam elles ? Impossivel ; só se tivessem esperado escondidos n'um recanto da arcada que elle passasse, para sairem depois, e tomarem exactamente na direcção opposta á que elle seguira. Mas, para acreditar semelhante coisa, era necessario suppôr que elles sabiam que eram seguidos, e que tinham razões para evitarem a pessoa que os seguia. Mas elles nem haviam dado signal de terem reparado em Jayme ! Em todo o caso, este seguiu em direcção á rua do Ferregial, e, ainda que elles caminhavam com rapidez incomprehensivel, ganhou-lhes avanço. Quando se aproximou um pouco, pôde reconhecer a figura elegante e um pouco militar do desconhecido, e as formas esbeltas da gentil senhora. Devia ser assim Magdalena, se trocasse pelo traje secular os seus longos habitos de monja. Um estranho presentimento pungia o coração de Jayme. Quem seria aquella senhora ? Como se explicava tão estranha semelhança ? O nosso heroe corria a bom correr, e estava-os quasi apanhando, quando chegaram ao largo do Corpo Santo.

Elles sentiam-n'ó proximo, e, sem correrem, parecia que resvalavam na descida, como os patinadores no gelo, ou como dois phantasmas de lendas

alemãs. Por momentos, Jayme sentiu despertarem-lhe no espirito as superstições da sua infancia, que a leitura do *Diccionario philosophico* afugentara. É que a aventura tinha um sabor estranho que deixava o espirito perder-se em mil conjecturas. O destino mysterioso de Magdalena, a apparição subita d'esta mulher que era a sua viva imagem, mas em circumstancias que tornavam completamente impossivel ou pelo menos quasi inacreditavel a identidade, tudo isto entontecia Jayme, e fazia-o suppôr que era victima de um pesadelo atroz.

Entrando no largo do Corpo Santo, viu-se Jayme obrigado a affrouxar a carreira. No largo de S. Paulo e no Terreiro do Paço, estavam tropas francezas, e portanto na rua do Arsenal rondava um grande numero de patrulhas da guarda da policia. Um homem a correr despertava suspeitas, era preso ou pelo menos demorado, e lá perdia Jayme o rasto dos dois desconhecidos.

Determinou-se portanto a seguil-os a pouca distancia, alargando o passo quanto pôde, mas affectando os modos de um homem que recolhe tranquillamente para sua casa. Os dois espectadores do theatro lyrico enfiaram pela rua do Arsenal, largo do Pelourinho, e seguiram direitos ao Terreiro do Paço. Jayme seguiu-os com supremo espanto; iam metter-se no acampamento francez! Não

tardaram effectivamente a encontrar uma sentinella que bradou :

— *Qui vive?*

O desconhecido respondeu-lhe algumas palavras em voz baixa, e a sentinella deixou-o passar.

— É francez, murmurou Jayme estupefacto; e ella?

Sem attender a coisa alguma, o nosso heroe não pensou senão em encontrar a palavra d'este enigma que o vinha torturando. Quiz continuar a seguil-os, mas o *Qui vive?* da sentinella fel-o parar um instante.

— *Ami*, respondeu Jayme, fiando-se no seu conhecimento da lingua franceza, e continuando a caminhar.

— *Qui vive?* tornou a sentinella com uma voz que revelava muito máo humor, e levando a espingarda á posição de preparar.

— *Je veux parler á votre officier*, respondeu Jayme.

— *Qui vive?* tornou a sentinella implacavel e apontando a arma.

— *Mais...* ia a dizer Jayme.

O soldado não lhe deu tempo.

— *Allez au diable*, resmungou elle, e, sem mais contemplações, disparou.

Jayme soltou um suspiro e caiu. A bala ferira-o em pleno peito. Ao som do tiro correram algumas patrulhas de cavallaria.



— *C'est pour apprendre á ces pekings-lá les usages militaires*, disse a sentinella tornando a carregar tranquillamente a espingarda.

As patrulhas tinham ouvido os tres *Qui vive?* da sentinella, não poderam portanto senão descompôr em bom portuguez o sanguinario soldado, que desabafava em homens desarmados a raiva da capitulação. Todo o vocabulario de injurias da lingua portugueza, que é abundante, como se pôde ver nas polemicas da imprensa illustrada, foi despejado pelos cavallarias da patrulha contra a sentinella que não lhes respondia palavra.

Depois d'isso transportaram Jayme para uma casa proxima, e foram chamar um medico. O medico veio e declarou que Jayme não estava morto, mas que pouco lhe faltava, declaração que fez com que tornasse a correr dos labios dos soldados da policia uma torrente de injurias contra os soldados de Junot.

Tinham razão; esse facto demais a mais não fôra o unico. Os soldados francezes tinham fuzilado sem piedade quem se aproximava dos seus acampamentos. Era com essas amabilidades que elles se despediam d'esta desgraçada terra, onde, verdadeiros *condottieri*, não tinham feito senão deshonrar o nome da sua patria.

## XIII

## O PECCADO DE MAGDALENA

Apezar de inverosímil, era verdadeiro o que Jayme por um momento suppozera. Esse vulto feminino, que seguira desde o theatro de S. Carlos até ao acampamento dos francezes no Terreiro do Paço, era effectivamente o vulto de Magdalena, de Magdalena que não morrera, de Magdalena que passára, por uma estranha aventura, da gelida atmosphaera do convento ao tepido ambiente de uma sala de opera, que trocára a estamenna pela seda, a prece resmoneada entre velhas pelo prazer e a companhia de um moço elegante, que lográra enfim o que sempre tanto desejára, mas á custa do peccado.

Jayme fôra bem informado pela freira que interrogára em Evora. Quando os soldados francezes entraram na egreja, e que as pombas do Senhor se dispersaram como um bando de verdadeiras pombas quando o milhafre apparece nos ares, Magdalena fôra arrastada por tres ou quatro dos asaltantes para o lado de uma das capellas. Debalde ella atroava os ares com os seus gritos; a presa era tão bella que nenhum dos francezes se sentia disposto a abandonal-a. Mas os brados da pobre

menina attrairam um moço official, que de certo não entrára na igreja para resar, mas que em todo o caso quiz proteger a gentil freirinha.

— Larguem a rapariga, disse elle para os soldados com aspecto severo; é digno de francezes violentarem uma mulher?

— Meu tenente, é que não ha tempo de lhe escrevermos cartinhas com corações inflammados, acudiu rindo brutalmente um dos militares. O general está com pressa.

— E eu tambem, tornou seccamente o joven official. Larguem essa mulher, repito.

— O general Loison deu-nos tres dias de saque, tornou com um ar um tanto insolente o orador do grupo, e aqui ninguem manda mais do que elle.

— Ah! concedeu-lhes o saque, tornou o tenente, pois tambem eu fui contemplado. Quero essa mulher para mim.

— Meu tenente, continuou o insubordinado que era um robusto granadeiro, n'estas alturas os galões não servem.

— Mas servem os pulsos, redarguiu o official.

E, com um vigor inacreditavel, agarrou no soldado desobediente, e atirou com elle para o meio da igreja como quem atira uma pedra.

Esta prova de robustez despertou rapidamente no espirito dos soldados os adormecidos instinctos

de disciplina, e os companheiros do castigado affastaram-se silenciosamente.

— Minha linda menina, acudiu o official dirigindo-se a Magdalena com toda a galanteria, aonde quer que a conduza? Advirto-a porém, continuou elle dardejando-lhe um olhar inflammado, que não lhe promettia muita segurança, que havemos de ir pelo caminho mais comprido, *le chemin des amoureux*, como nós dizemos em França.

— *Amoureux déjà!* respondeu sorrindo Magdalena que conhecia muito a lingua franceza, pela convivencia que tivera com a familia de Jayme; *c'est aller un peu vite en besogne*.

— Ah! demais a mais é espirituosa, tornou o official francez, cingindo-a pela cintura e apertando-a ao peito apezar dos esforços que ella fazia para resistir. O quê?! pois estavam encerrados n'um claustro tantos thesouros de formosura, e de intelligencia; estava condemnada a perpetua reclusão quem devia ser o encanto da sociedade. Diz-me o seu nome, anjo querido?

— Magdalena, respondeu a freira, a um tempo embaraçada e encantada com as maneiras desenhadas e audaciosas do official.

— Magdalena! tornou o moço tenente, era o nome da doce peccadora de amor, da mulher a quem muito foi perdoado, porque muito amou.

Magdalena sentia-se estremecer debaixo da pa-

lavra ardente e atrevida do joven official. Este levava-a pelas ruas mais desertas, desviava-a do estrondo e da confusão do saque, poupava-lhe cuidadosamente o horroroso espectaculo das violencias, da matança, dos incendios da cidade.

O lindo rosto da freira impressionara-o devéras. Eugenio de Seigneurens não era homem que seguisse o exemplo de Petrarcha, nem tivera nunca predilecção muito notavel pelo amor platónico; mas também tinha delicadeza bastante para não querer saborear o prazer brutal da violencia. Soubera aproveitar habilmente a situação, em que Magdalena se encontrava, para saltar todos os preliminares habituaes de uma declaração amorosa; o terreno ardente em que um namorado não ousa arriscar-se, senão depois de o animar a isso o acolhimento da mulher que adora, era exactamente o terreno em que Eugenio se podia collocar sem temer que lhe levassem a mal o atrevimento. Essa linguagem ousada parecia respeitosa, comparada com as brutalidades que Magdalena ouvira momentos antes.

Quando porém o tenente de Seigneurens quiz ultrapassar certos limites, o pudor de Magdalena reagiu instinctivamente, e, caindo aos pés de Eugenio, com os olhos banhados em lagrimas, supplicou-lhe que a respeitasse. Mas os seus olhos pareciam pedir ao tenente não só que não abusasse

da força e do direito brutal do saque, mas também que não se aproveitasse da sua fraqueza. Magdalena não se sentia capaz de resistir a esse gentil moço que lhe dizia que a amava, não com a timidez de Jayme, com a adoração vaga e etherea do seu companheiro de infancia, mas com olhos brilhantes de desejo, com ardor contagioso, com uma paixão que a inflammava a ella também fazendo-lhe sonhar delicias desconhecidas.

Era por isso que o vulto de Jayme não acudia ao pensamento de Magdalena, nem as lembranças do seu amor lhe serviam de escudo contra a tentação que a salteava. Eram tão differentes aquelles dois sentimentos ! o amor de Jayme dirigia-se a um anjo, o de Eugenio dirigia-se exclusivamente á mulher ; não era um amor incorporeo e respeitoso como o do moço portuguez, era um amor fervido, sensual, que se inflammava em todos os ardores da mocidade, e que correspondia a umas vagas aspirações, a uns languidos sonhos de Magdalena, que o claustro não suffocava, ou antes mais contribuia para accender com o seu mysticismo voluptuoso, com os seus extasis perturbadores. O amor divino, tal como o pintam os auctores mysticos, tem umas terriveis similhanças com o amor carnal ; exalta a imaginação, secca os labios, desperta os sentidos em vez de os adormecer com o culto santo, nobre e puro e são da verdadeira castidade.

Ao ver a seus pés aquella linda mulher, pedindo-lhe que a não tratasse como uma d'essas mulheres da rua, que a devassidão macula e abandona depois na lama aonde as foi buscar, Eugenio de Seigneurens sentiu-se verdadeiramente impressionado. O coração pulsou-lhe com violencia; as auras do amor, brandas e suaves, acariciaram-lhe a fronte e dissiparam-lhe os fumos d'aquella torpe embriaguez, que n'elle tinham produzido as excitações do saque e as violencias da conquista. Debruçou-se para Magdalena, levantou-a, beijou-lhe a mão respeitosa e conduziu-a para uma rua proxima do palacio que Loison escolhera para seu quartel general.

Ahi procurou uma casa que lhes dêsse abrigo, e encontrou o que lhe convinha; era uma casa modesta, onde duas pobres velhas aterradas resavam diante de um oratorio. Engenio entregou-lhes Magdalena, promettendo pagar-lhes generosamente. As velhas, que primeiro tinham posto as mãos na cabeça, vendo entrar uma freira acompanhada por um official francez, sentiram desvanecerem-se-lhes os escrúpulos, quando Eugenio de Seigneurens lhes fez scintillar aos olhos uma peça de oiro. O tenente, para mais cautela, e afim de que os soldados francezes não salteassem a casa, pediu ao commandante da guarda do palacio onde Loison estava aquartelado que destacasse para alli uma sentinella,

e tratou depois de procurar trages seculares com os quaes podesse Magdalena acompanhá-lo.

Durante esses tres ou quatro dias que os francezes se demoraram em Evora, não deixou Eugenio de ir passar umas poucas de horas com Magdalena, e cada vez mais se encantava com a formosura, com o espirito da gentil freirinha, e esta, que de vez emquando suspirava pensando em Jayme, e que tivera mesmo a lealdade de contar o seu passado ao official francez, sentia-se fascinada pelo ardente amor que este lhe mostrava, e quando o tinha diante de si, quando elle lhe apertava as mãos entre as suas, remorsos, recordações, tudo se apagava no seu espirito, e não tinha olhos senão para Eugenio, e o coração, invadido por um sentimento completamente novo, palpitava-lhe com violencia.

Não fôra amor o que ella sentira por Jayme; nunca sentira ao lado do seu companheiro de infancia a perturbação que sentia ao lado de Eugenio. Consagrava a Jayme a tranquillã affeição de uma irmã; tinha pena de não viver junto d'elle, interessava-se pela sua prosperidade, sentia um grande jubilo, quando o tornava a ver, mas essas chammas devoradoras, esse desejo vivissimo de apertar ao peito um ente estremecido, essa languidez em que se embebia, tudo isso sentia-o ella brotar em si pela primeira vez.



Não seguiremos passo a passo esses amores; quantas vezes se tem descripto a queda de uma mulher, quantas vezes se tem visto, ao sopro ardente da paixão, tismarem-se as azas de um anjo, e a mulher, em cuja candida fronte se reflectia a innocencia, e se projectava a sombra das azas do seraphim zeloso que a velava, entrar emfim louca, fascinada, no mundo das peccadoras, onde, depois de passageiros enlevos, se acorda tendo-se á cabeceira o remorso e a vergonha!

Como foi que Eugenio de Seigneurens venceu as resistencias que lhe oppunha o instincto da mulher, educada castamente no seio da familia? Podiam dizel-o apenas as paredes d'essa casa isolada no meio das tempestades da guerra, e que ouviram as ardentes supplicas do official francez, e que presenciaram as lagrimas de Magdalena chorando, como as filhas de Israel, a sua virgindade perdida. O que é certo é que, quando o exercito francez partiu de Evora, Magdalena já não podia esconder a sua fronte pallida senão nos braços de Eugenio. A mulher, que jurára amor eterno a Jayme, eterna fidelidade a Christo, trahira os seus dois juramentos, e pertencia em corpo e alma ao homem que a seduzira.

Para poder seguir com mais facilidade o seu amante, Magdalena pediu a Eugenio que lhe arranjasse trajos masculinos. A filha dos condes de Villa

Velha montava bem a cavallo ; fôra creada a galopar nas vastas planicies do Alemtejo. Eugenio era official de dragões. Os seus camaradas sabiam que o novo recruta era mulher ; felicitaram Eugenio ironicamente, e começaram a borboletear em torno da conquista do seu collega, para succederem ao tenente nas boas graças da portugueza. Quando porém viram que Seigneurens votára a essa menina um amor sério e profundo, respeitaram aquella ligação, e, tratando familiarmente a sua companheira de marcha, nunca deixaram de ter por ella todas as attenções devidas a uma senhora, que se preza.

Quando Junot, depois da derrota do Vimieiro, se viu forçado a assignar a capitulação de Cintra, e que Magdalena soube que Eugenio tinha de sair de Portugal, a pobre menina sentiu-se lacerada por uma dôr pungentissima. O seu destino estava já preso fatalmente ao destino do official francez. Tinha de o acompanhar para França, e dizia comsigo que assim era melhor, porque em Portugal a sua posição seria insustentavel. Mas abandonar para sempre a sua patria, perder completamente a esperança de tornar a ver seus paes, de tornar a saber d'elles, quebrar todos os laços de familia, sem poder formar uma familia nova, partir para um eterno exilio, para onde levava tambem o grilhão que lhe algemava a existencia, sentir-se condemnada á perdição, ella que fôra

sempre tão ativa, de tão elevadas predilecções, de tão finos sentimentos! Entrevendo, á luz de um relampago, esse horrído futuro que a esperava, Magdalena sentia-se desfallecer. Desgraçada! Na barraca de campanha, para onde fôra com Eugenio, quando os francezes acamparam no Terreiro do Paço, chorou lagrimas amargas sobre a sua triste sorte, e, entrando n'este momento Eugenio, saltou-lhe ao pescoço, dizendo :

— Oh! não me abandones, que eu não tenho mais ninguém n'este mundo.

Eugenio enxugou-lhe as lagrimas com mil beijos, e propoz-lhe acompanhá-lo n'essa noite a S. Carlos. Como, durante o dominio francez, andára quasi sempre pelas provincias, o moço official conhecia pouco Lisboa, e tinha vontade de ver o theatro que passava por um dos melhores da Europa, e onde estivera bastante tempo a Catalani, que andava agora enthusiasmando as platéas de França e de Inglaterra. Magdalena aceitou com jubilo; era uma distracção, e uma d'essas distracções por que tanto almejára, ella que adorava o brilho, o movimento, o espectáculo, o redemoinho da sociedade.

Vestiu-se elegantemente, porque Eugenio, em Evora, comprára por vil preço aos soldados riquissimos fatos femininos, roubados no saque, e, dando o braço ao tenente, que, depois de se vestir á pai-

zana, obtivera do seu coronel licença para sair do acampamento e lhe promettera a maxima prudencia, dirigiu-se com elle para a Opera de Lisboa.

A recita não fôra das mais proprias paraprehender uma noviça no mundo da elegancia. A sala parecia um acampamento. Magdalena comtudo inebriou-se com as delicias da musica, e foi com verdadeira pena que se levantou para sair, no meio do segundo acto; porque Eugenio lhe lembrou que promettera ao seu coronel estar antes das dez horas no Terreiro do Paço.

Saiu, e, como vimos, encontrou Jayme; a impressão, que a salteiou ao vel-o foi intraduzivel. Sentiu-se desfallecer, e teve de se encostar com força ao braço do tenente para não cair. Estremeceu ouvindo a voz de Jayme, e, apenas saiu para fóra da porta, puchando vivamente Eugenio para um recanto da arcada, murmurou-lhe ao ouvido :

— É Jayme, esconde-te!

— Esconder-me, fugir d'elle! estás louca? bradou Eugenio, ferido na sua dignidade militar, e dando um passo para a porta.

— Oh! pelo nosso amor! exclamou Magdalena com a voz cheia de lagrimas, e agarrando, com quanta força tinha, no braço do joven official, não me percas que eu morro de vergonha!

N'esse momento saía Jayme, e corria, como vimos, em direcção ao Chiado. O resto sabem-n'o os

leitores. Eugenio e Magdalena pozeram-se logo a caminho da rua do Ferregial; seguiu-os Jayme ancioso, e, por não saber a senha do acampamento francez no Terreiro do Paço, esteve dois mezes entre a vida e a morte.

Curou-se emfim; salvaram-n'o a sua mocidade e a sua robusta compleição. A alma é que estava dolorosamente ferida. A incerteza pungia-o. Debalde interrogou todas as pessoas que em Lisboa tinham tido relações com os francezes; ninguém lhe soube dizer quem seria essa senhora que elle vira. No coração do pobre moço luctavam as mais violentas paixões. Ora lhe renascia a esperança de que estivesse viva Magdalena, ora essa mesma esperança lhe lacerava o coração, pensando a que estado de aviltamento ella teria descido para que elle a encontrasse no sitio e na companhia em que a vira! Então dizia comsigo que antes queria saber que estava morta; mas o que era certo, era que esta horrivel incerteza viera roubar-lhe a unica consolação que lhe restava, a de prestar um culto no intimo da alma á doce memoria da sua adorada Magdalena.

E esta, entretanto, no dia seguinte áquelle em que estivera em S. Carlos, partia para França com o seu amante. Não soubera do ferimento de Jayme; ficára inquieta ouvindo o tiro, mas Eugenio persuadira-lhe que as sentinellas faziam fogo

com polvora secca para afugentarem os importunos.

Ao sair a barra, a bordo do navio inglez que fazia parte da esquadra, que, segundo os termos da convenção de Cintra, levava para as costas de França as tropas de Junot, Magdalena, que ficára no tombadilho, vendo fugir no horisonte o vulto magestoso de Lisboa, depois as montanhas de Portugal, que a pouco e pouco se foram esfumando no horisonte, Magdalena não pôde conter uma torrente de lagrimas, que lhe inundou as faces.

— Adeus terra do meu berço, soluçou ella, adeus, não tornarei mais a ver-te, e quer o meu destino que a minha maior ventura seja o saber que me suppõem morta todos aquelles que amei, todos aquelles a quem tive affecto!

— A minha patria será a tua, murmurou por traz d'ella a voz apaixonada de Eugenio, e, á força de carinhos procurarei substituir no teu coração o logar d'aquelles de quem te separa agora a tyrannia cruel de uns votos impios que Deus não pôde sancionar.

— Ah! sim, Eugenio, bradou Magdalena lançando-lhe os braços ao pescoço, sim, restas-me só tu, meu querido amor!

E desfez-se em pranto que Seigneurens procurou enxugar com palavras meigas e consoladoras.

Que triste é o amor, por mais verdadeiro, por mais ardente que seja, quando os remorsos o acompanham !

---

#### XIV

#### MORTE DE BERNARDIM FREIRE — ENCONTRO DE MAGDALENA

A retirada das tropas de Junot não livrou definitivamente Portugal das invasões. Fôra esse pelo contrario apenas o prologo da grande guerra da Peninsula. Napoleão, descontente com os revezes que as suas tropas soffreram exactamente no paiz, cuja conquista suppunha mais facil, por isso que o via sem governo, sem exercito, resolveu elle mesmo vir a Hespanha para domar a insurreição. A victoria acompanhava-o fielmente. Os hespanhoes, derrotados em Somo-Sierra, tiveram de lhe deixar livre o caminho de Madrid, os inglezes, asperamente escarmentados na Corunha, tiveram de embarcar á pressa, e Arthur Wellesley em Portugal recebeu por um momento ter de se medir com o gigante, quando ainda a fatalidade dos acontecimentos lhe

não preparára um Waterloo. Mas a guerra da Austria veio salvar a península hispanica. Napoleão teve de correr á Alemanha, e de deixar a continuação da guerra hespanhola entregue aos seus logar-tenentes. Não tardou que o marechal Soult, que fôra encarregado de completar e aproveitar a victoria ganha pelo imperador sobre o general Moore, se dispozesse a entrar em Portugal para tirar aos inglezes essa magnifica base de operações.

Emquanto Soult nos ameaçava pelo norte, ameaçava-nos Victor a lèste. Wellesley sempre prudente, e continuando a ter muito pouca attenção pela sorte dos seus alliados, conservou-se proximo do mar, e deixou que as forças portuguezas defendessem como podessem a fronteira.

Ora as forças portuguezas consistiam n'um punhado de tropas regulares, e em muitas milicias, e muitos paizanos armados, que eram magnificos auxiliares para o exercito inglez, mas que, isolados, de pouco podiam servir. Commandava as nossas forças no Minho o general Bernardim Freire de Andrade, em Traz-os-Montes o general Silveira, e o grosso do exercito estava entre o Mondego e o Tejo, debaixo das ordens do general Miranda Henriques.

Tomára entretanto o governo portuguez uma resolução prudente, que fôra a de confiar o commando



em chefe do nosso exercito ao major general britânico William Carr Beresford, official rigido e severo, da mesma escola do conde de Lippe, e que, exactamente como o conde de Lippe, foi um optimo disciplinador e um optimo reorganisador das nossas forças militares.

Mas esse tambem estabeleceu o seu quartel general em Thomar, começou alli os seus trabalhos de organização, e deixou os generaes portuguezes defenderem, como podessem, as fronteiras do norte contra o duque de Dalmacia.

Apenas viu o seu paiz ameaçado de novo, Jayme reuniu os seus guerrilheiros, disse-lhes que os movimentos de Victor no Alemtejo nunca podiam ser muito importantes, que o perigo principal estava ao norte, e concluiu perguntando-lhes se estavam determinados a segui-lo ao Minho, onde os combates não faltariam.

Responderam-lhe unanimemente que o seguiriam até ao inferno, se isso fosse necessario, e Benito, que se dava perfeitamente em Lisboa, e quẽ já pensára em mandar vir para Portugal a sua familia, disse que acima de tudo estava o acompanhar o seu salvador, que o não largava por coisa alguma d'este mundo.

Reuniu-se portanto a guerrilha da morte, e partiu para o Minho, com o firme desejo de continuar na sua implacavel caçada aos francezes.

Soult invadira Portugal em duas columnas, uma commandada por elle mesmo, que entrava pelo Minho, outra, commandada pelo general Franceschi, que devia entrar por Traz-os-Montes.

O que tornou sobretudo facil no norte a tarefa das tropas francezas foi a indisciplina dos portuguezes. Em Traz-os-Montes e no Minho os generaes não encontravam obediencia nos seus soldados. O general Silveira entendeu que não devia defender Chaves; mas os milicianos, que não queriam saber de combinações estrategicas, amotinaram-se, accusaram o general de traidor, e tanto fizeram que Silveira resolveu-se a deixar na praça os tumultuarios defenderem-n'a como entendessem, enquanto elle retirava com as tropas que conservavam a subordinação.

A previsão do general Silveira realisou-se completamente, porque, apenas o general Franceschi chegou diante de Chaves no dia 12 de março, a praça não fez resistencia e a guarnição ficou prisioneira. Silveira teve pouco depois a gloria de poder mostrar aos seus insubordinados soldados que não era a fraqueza, mas um bem entendido calculo, que o levára a abandonar Chaves, porque, apenas o general Franceschi marchou a reunir-se a Soult, deixando na praça transmontana uma pequena guarnição, Silveira atacou-a logo no dia 20 de março, e retomou-a depois de uns poucos de dias de renhida luta.

Jayme juntára-se com a sua guerrilha ás tropas de Bernardim Freire de Andrade, e com ellas combatera valentemente, fazendo ao mesmo tempo quanto mal podia ao inimigo, a ponto que a sua guerrilha já era conhecida e odiada dos francezes. Para a dominar e reconhecer no meio dos combates, adoptára Jayme uma especie de uniforme ligeiro, que principiava a ser o terror dos soldados de Soult, quando no meio de uma fadigosa marcha viam de subito apparecer os guerrilheiros da morte. D'aquelles não havia a esperar quartel, mas não o pediam tambem. Os prisioneiros francezes eram fusilados sem piedade, e ás vezes, devemos dizel-o, ainda que Jayme não auctorisasse esse procedimento, com requintes de barbaridade. Em compensação, quando algum d'elles caia prisioneiro dos francezes, nem sequer esperava a punição, fazia logo saltar os miolos com uma pistola.

A reputação da guerrilha attraiu-lhe muitos recrutas; Jayme porém não aceitava senão os mais escolhidos, e os necessarios para ter sempre completa a sua força de cincoenta homens. Com elles fazia maravilhas, e conseguiu coisas que não obtinham regimentos inteiros de milicias, ou de tropas de linha, bandos de milhares de paizanos, sem cohesão nem disciplina.

Entretanto, e apesar dos obstaculos que as guerrilhas lhe oppunham, Soult avançava sempre, e en-

trava no Minho, levando-as adiante de si. Os bandos indisciplinados dos portuguezes fugiam, soltando clamores de desespero e accusações de traição. No dia 17 de março Bernardim Freire de Andrade, que procurava fazer convergir a gente collecticia, que commandava, para a cidade do Porto, afim de a defender contra os ataques de Soult, chamou em Tobosa, onde estava, Jayme a quem ganhára um certo affecto.

— Meu amigo, disse-lhe o general, tome dez homens da sua guerrilha, e vá ver se me pôde trazer algumas noticias dos movimentos dos francezes. Estou com receio que elles já me cortassem do Porto.

— Não é provavel, meu general, respondeu Jayme. Soult vae-nos levando adiante de si, mas de certo não conseguiu ainda tornear-nos. Estamos dispersos n'uma grande extensão de terreno.

— Para alguma coisa serve a indisciplina, tornou Bernardim Freire sorrindo melancolicamente. Ah ! mas pôde crer, Jayme, que nunca fiz maior sacrificio á minha patria do que este que lhe estou fazendo, commandando semelhantes soldados.

— Está dando provas de que é um bom e generoso cidadão.

— E a patria recompensa-me maravilhosamente, redarguiu Bernardim Freire um pouco exaltado. Sabe quaes são os decretos que a junta de regen-

cia vae promulgar, segundo me dizem cartas dignas de fê que recebo de Lisboa? Vae condemnar a pena de morte, confisco de bens, privação de todas as honras, fóros e privilegios, os officiaes da legião lusitana que estiverem servindo ás ordens de Soult! Declara infames seus filhos, e seus netos, ordena que se lhes não dê quartel em combate, que os mate quem os encontrar nas estradas, que em caso algum elles possam gosar dos beneficios de capitulação, ainda que sejam expressamente comprehendidos n'ella.

E Bernardim Freire passeiava agitado e vermelho de colera pela sala da estalagem, onde estava conversando com Jayme, que o ouvia silencioso e triste.

— Entende, sr. Altavilla? se um dia encontrar por essas estradas meu primo Gomes Freire de Andrade, o heroe de Tripoli, de Oczakoff e do Rousillon, que fosse obrigado pelo imperador a servir nas tropas do duque de Dalmacia, e que aproveite o primeiro ensejo favoravel para passar para a sua patria, não o attenda, mande-o immediatamente fuzilar, atire-lhe como a cão damnado. Bem vê que os officiaes da legião lusitana estão servindo nas tropas francezas muito por sua vontade! Não foi o principe regente que fugiu de Portugal, recomendo-lhes que tratassem como amigos os francezes, que obedecessem a Junot, não foi a re-

gencia, que ahí promulga esses decretos que os entregou ao imperador Napoleão, obedecendo servilmente ás ordens do seu representante em Lisboa ! Não foi o general inglez, que aconselhou provavelmente essas severidades, que os abandonou á França, não estipulando uma troca sensata, justa, racional, que Junot nem poderia deixar de acceitar ! E não foram os nossos alliados que deixaram sair de Portugal sem condições as tropas derrotadas de Junot, que deviam ter ficado prisioneiras de guerra ; não senhor ! foram elles, foram os officiaes da legião lusitana que não quizeram regressar a Portugal, foram elles que se condemnaram a perpetuo exilio... e morram por ella, e sejam reduzidos á miseria, e recaia a sua infamia sobre os seus filhos e os seus netos ! Ah ! canalhas !

— Mas, general, não se afflija !

— Não me afflija, não quer que me afflija ! Pois esses desgraçados, que a sua patria abandona, mas que lhe conservam amor, não podendo regressar ao seu paiz, atravessando, como fugitivos, a Alemanha, a França, a Hespanha, pedem talvez para que os encorporem no exercito de Soult, sabendo que lhes será aqui mais facil passarem para as nossas fileiras, e, quando elles, conseguindo enfim o que tanto desejam, me apparecerem no acampamento, radiantes de alegria e de patriotismo ! quando eu os quero apertar nos braços com enthusiastico

affecto, esses senhores da regencia, que engraixaram as botas de Junot, mandam-me que os fuzile como traidores!

— É uma infamia, é! murmurou Jayme.

— Se é uma infamia! e veja que gentilezas jesuiticas! *Não poderão gosar os beneficios de uma capitulação, ainda que sejam expressamente comprehendidos n'ella!* Isto é o cumulo da torpeza! Ordenarem-me que dê a minha palavra de honra, e que a renegue depois! Autorisarem-me a comprehender estes desgraçados nas capitulações, mas prohibindo que essas capitulações sejam cumpridas! Bem se vê que temos um inglez preponderante no governo! São as tradições de Nelson, Jayme, são as tradições de Nelson! Dão-nos por modelo a capitulação de Napoles em 1799, e a execução covarde e desleal do almirante Caracciolo!

— Mas não se exalte assim, general, interrompeu Jayme affectuosamente.

— Não me exalto, não, redarguiu Bernardim Freire, deixando-se cair sentado n'uma cadeira, e com vaga melancolia na voz; não me exalto, não, mas tenho um presentimento de que não tardarei a ver-me livre d'estas miserias. A regencia chama traidores aos officiaes portuguezes, e mando-nos que obedecemos a um official inglez, como mais digno de commandar-nos. Dá um bom exemplo! Essa gente que dizem que eu commando, essa turba colle-

cticia que tumultúa ahi por essas aldeias, **nem eu** sei por onde, já me accusa de traidor, ja grita **que** estou vendido ao inimigo, porque não faço **senão** retirar, dizem elles ! Provavelmente queriam **que** os levasse a Paris ! Emfim, Jayme, seja o **que** Deus quizer ! Procure trazer-me noticias certas da posição do inimigo. Eu naturalmente não consigo levar ao Porto essa turba indisciplinada que **me** acompanha ; quero em todo o caso cumprir o meu dever.

— Não desanime, general, acudiu Jayme comovido. O futuro lhe fará justiça. Descance **que á** noite ha de estar completamente informado da posição do inimigo, ou então não me tornará a ver.

— Não o tornarei a ver, talvez, disse Bernardim levantando-se, mas não é como imagina. Vá, cumprâmos o nosso dever e deixemos o resto. Não parta sem me dar um abraço. É o unico homem, que me tem mostrado n'esta triste campanha uma leal amizade !

E Bernardim Freire, movido por um secreto sentimento, apertou ao peito Jayme, despedindo-se d'elle como quem se despede para sempre de um amigo. Quando se separaram, os dois valentes militares tinham os olhos marejados de lagrimas.

Nenhum d'elles poderia dizer o que motivara essa subita commoção.

Jayme partiu com os dez artilheiros, que eram,



para assim dizermos, os dragões do seu exercito de cincoenta homens. Quando era necessario, como tinham servido em artilheria, montavam a cavallo, e partiam á descoberta; depois combatiam a pé, como os seus camaradas.

Eram doze ao principio; dois tinham encontrado a morte no campo de batalha.

— Já de noite, voltou Jayme a Tobosa, vinha perfeitamente informado. Com grande espanto seu encontrou porém a aldeia silenciosa. Nem parecia que alli tinham estado uns poucos de mil homens.

— Que é do exercito? perguntou elle ao dono da estalagem, onde estivera o quartel-general de Bernardim Freire.

Em torno da vasta lareira, conversavam animadamente uns poucos de aldeões.

— Onde irá elle se bem correr, respondeu o estalajadeiro.

— E o general não deixou ordens ou alguma indicação para mim?

Os aldeões desataram a rir; mas Jayme franziu o sobr'olho, e os homens pozeram-se sérios.

Haviam visto á porta brilhar as espingardas de tres ou quatro soldados que se tinham apeiado.

— O general já não é general, tornou o estalajadeiro, as tropas prenderam-n'o e levaram-n'o para Braga.

— Ah! canalhas, era o que elle presentia. Ra-

pazes, continuou voltando-se para os seus **compa-**  
**nheiros**, uma galopada até Braga. Vejamos **se po-**  
**demos** salvar o nosso pobre general.

Os soldados, que se tinham apeiado, **saltaram**  
n'um pulo para os selins; e d'ahi a momentos **pas-**  
**saram** n'um doido galope, por diante das janellas  
da estalagem, os onze valentes que iam tentar **uma**  
façanha impossivel.

Parecia uma cavalgada phantastica das lendas  
alemãs; as arvores fugiam ao seu lado, como **vi-**  
**sões** sobrenaturaes, as pedras do caminho fe-  
riam lume, percutidas pelas ferraduras dos caval-  
los.

Afinal divisaram Braga muito ao longe; não ti-  
nham dado um momento de descanso aos cavallos.  
À medida que se aproximavam, iam notando que,  
apezar da hora adiantada da noite, vagueavam lu-  
zes pela cidade, e ouvia-se nas ruas um clamor si-  
nistro.

Quando entraram, viram um espectaculo hor-  
roroso; uma turba immensa, entre a qual iam mui-  
tos homens com archotes, arrastava pelo chão o  
cadaver, atrozmente mutilado, do pobre Bernardim  
Freire. Homens e mulheres soltavam immundas  
vociferações, insultando ainda aquelles restos quasi  
informes.

Jayme perdeu a cabeça; agarrou violentamente  
n'um homem que berrava mais do que todos, e

ria e cantava com estrondo, e, puxando-o para si, disse com voz abafada :

— Quem foi que fez isto, miseravel ?

O homem soltou um grito e caiu de joelhos. Jayme reconheceu-o.

— O que ! bradou elle, tu Benito, mettido n'esta saturnal infame !

— Silencio, sr. Jayme, bradou o saltimbanco reconhecendo-o tambem, e levantando-se vivamente, silencio que se perde e me perde.

— Silencio porque, infame e covarde ? bradou Jayme. Onde está a guerrilha ?

— Vae alli no cortejo. Os nossos homens foram dos primeiros a saltar no jacobino.

— No jacobino ! jacobino, Bernardim Freire, o mais leal portuguez que eu tenho conhecido ! E os meus soldados mancharam-se com este crime. Faço saltar os miolos ao primeiro que me apparecer. E tu, Benito, vae-te, desaparece da minha presença, não te quero ver mais !

— Ó sr. Jayme, tornou o pobre saltimbanco, perdoe-me, por quem é. Cuida que eu não tenho horror d'estas scenas ? Mas então que quer ? O povo, assim que tomou o gosto ao sangue, via tudo vermelho, e a mais leve suspeita bastava para o exaltar. Se eu não fizesse côro com os outros padres, não desconfiavam logo de mim ? Nada ; gritei mais do que elles, vociferei, clamei

que matassem, que despedaçassem! tudo por medo, sr. Jayme, por medo unicamente. E o sr. Jayme tenha prudencia, senão matam-n'o. Ora oiça-os! oiça-os!

O cortejo sinistro parára; ouviam-se gritos afflictivos. Uma outra mó de povo vinha em sentido opposto, arrastando consigo o quartel-mestre-general Custodio Gomes Villas Boas.

— É jacobino tambem! estava vendido como o outro! mata! bradavam os homens que o traziam, e que, vistos á luz vermelha dos archotes, com as mangas arregaçadas, com as mãos cheias de sangue, pareciam uns verdadeiros demonios.

— Mata! respondeu a turba contentissima por ter mais uma presa que devorasse.

— Mata! bradou instinctivamente Benito.

— Cala-te, miseravel, disse Jayme apertando-lhe as guellas, cala-te ou morres ás minhas mãos.

Quando, largando o aterrado saltimbanco, Jayme voltou os olhos para o sitio onde vira o desgraçado quartel-mestre-general, já Custodio Gomes tinha desaparecido. N'um abrir e fechar de olhos a turba despedaçára-o. O desgraçado vira em torno de si uns rostos inflammados por uma brutal sede de sangue, vira estenderem-se para elle dezenas de mãos encrespadas, como garras de fera; n'um instante um braço possante lhe afogára a garganta, outro rasgára-lhe as carnes com uma navalha. Em

menos tempo do que levamos a dizel-o, o corpo de Custodio Gomes formava uma chaga unica. Ao menos a raiva da multidão abreviára os padecimentos do infeliz.

— Já fizeram o mesmo a uns poucos de officiaes e de juizes, disse Benito em voz baixa para Jayme, e os padres são os que mais os incitam. Ah! senhor, que horrorosa scena!

Jayme percebeu que lhe era impossivel lutar com essa multidão cega e endoidada. Sacrificaria inutilmente a sua vida e a dos dez soldados que não estavam menos indignados do que elle.

Tristemente fez-lhes um signal, e dirigiu-se para uma estalagem. Á porta estava um homem com os braços tintos de sangue conversando com o estalajadeiro.

— É verdade, dizia este, um viajante que chegou agora de Santo Thyrso conta que lá fizeram o mesmo a D. João Correia de Sá, e a Manuel Ferreira Sarmento.

— Ah! bons patriotas; é dar-lhes para baixo, só Lourenço, andam aqui a vender-nos aos jacobinos.

— Deixa passar, disse Jayme seccamente.

O homem não se apressou muito a arredar-se.

— Ah! tu não ouves! tornou Jayme que sentia um fremito nas mãos.

E, agarrando no assassino, atirou com elle para

traz de si com quanta força tinha. O homem surpreendido bradou :

— Que diabo de bruto...

Não pôde terminar a phrase; o artilheiro, que se seguia a Jayme, passou-o com a mesma sem-ceremonia para o seu camarada, e assim foi até ao decimo. Este não esteve com mais contemplações, e ferrou com elle no meio da rua.

— Ah ! senhores, que imprudencia ! bradava Benito assustadissimo.

O homem levantou-se, apalpou as costellas, viu que ainda estavam inteiras, e partiu em silencio.

Quando chegou a alguma distancia, voltou-se e bradou :

— Canalha de jacobinos ! deixem estar que eu os arranjo !

Respondeu-lhe uma gargalhada dos artilheiros, e um suspiro de Benito.

Jayme podia ter pago caro o desabafo que se permittira, se não fosse já tarde, e se o povo não estivesse fatigado. Mas a aurora vinha já proxima, e os assassinos de Bernardim Freire e de Custodio Gomes procuravam no somno o descanso da exaltação em que tinham andado. No dia seguinte chegou a toda a pressa o general barão de Eben para tomar o commando d'aquellas tropas collecticias. Muitos dos homens que tinham tomado parte no crime, passado o primeiro momento de ebbie-

dade, sentiam-se envergonhados da atrocidade que tinham commettido. Jayme violentamente indignado reunira a sua guerrilha na sala da estalagem, e perguntára-lhes se elles eram defensores da sua patria, ou bandidos sem fê nem lei, e assassinos ignobeis. Os guerrilheiros escutaram-n'o de orelha caída. Houve um porém mais atrevido, que lhe disse :

— É o capitão mesmo quem nos manda matar os francezes como se mata um cão ; não admira portanto que fizessesmos o mesmo aos afrancezados.

Jayme teve um repellão de colera, e o seu primeiro movimento foi o de tirar uma pistola do cinto, e fazer saltar os miolos do insolente, mas acudiu-lhe a reflexão, que lhe disse que elle era effectivamente o culpado da ferocidade d'aquelles homens. Desde que elle, incitado pelo sentimento da vingança, deixára de fazer guerra cavaheiresca, não admirava que os homens que o seguiam, e que elle transformára em demonios, fizessem sentir aos proprios chefes a barbaridade que elles lhes desenvolviam.

— Bem, disse Jayme, de hoje em diante não me affastarei nem um instante da guerrilha ; e saberei manter a disciplina pelos mesmos meios que vocês empregam contra os seus generaes. O primeiro que ultrapassa as minhas ordens, tem os miolos estampados n'uma parede. Vão-se armar.

Procurava entretanto o barão de Eben organizar a defeza de Braga; mas as tropas que commandava eram incapazes de resistir aos disciplinados regimentos francezes. Tinha talvez dezeseis mil homens debaixo das suas ordens, bem poucos eram os que pertenciam a tropas regulares. Por isso no dia 20 de março, depois de um combate tumultuario, o barão de Eben teve de abandonar Braga, fugindo precipitadamente na direcção do Porto, perseguido de perto pela cavallaria franceza. Ainda na Falperra tentou resistir, mas foi de novo derrotado.

Soult, deixando o general Hendelet em Braga, avançou com o resto do exercito dividido em tres columnas, a primeira commandada por Franceschi e Merenet na direcção de S. Justo, a segunda commandada pelo proprio Soult na direcção da Barca de Trofa, a terceira, commandada pelo general Lorge na direcção da ponte do Ave.

A passagem d'este rio foi defendida com algum successo pelo barão de Eben. A ponte, situada na Barca de Trofa, tinha sido cortada, e Soult depois de tentar a passagem do rio, incommodado pelo fogo bem sustentado das guerrilhas, desistiu, e seguiu ao longo do Ave para o ir passar em S. Justo. Festejaram os portuguezes com grande enthusiasmo essa especie de victoria, e Jayme, pedindo licença ao barão de Eben, que promptamente



lh'a concedeu, atravessou o rio com a sua guerrilha, e foi perseguir a rectaguarda dos francezes.

Não esperavam estes esse atrevimento dos portuguezes, e quando a guerrilha de Jayme, seguindo por entre os arvoredos, deu uma descarga sobre a guarda das bagagens, espalhou-se um panico verdadeiro, e a escolta dispersou-se fugindo a galope em todas as direcções. Alguns homens tinham ficado mortos, outros feridos, e um joven francez, vestido com um uniforme de phantasia, soltava gritos afflictivos, porque ficara com a perna presa debaixo do cadaver de um cavallo. Os guerrilheiros correram a dar cabo d'elle em conformidade com a lei da guerrilha; mas Jayme, que estava tendo sentimentos mais humanitarios, adiantou-se a elles e ajudou o rapazito a desembaraçar-se do cavallo.

— Não posso levantar-me, disse o rapaz em excellente portuguez.

Jayme, espantado, ergueu-o nos braços com grande facilidade, mas soltou um grito de assombro, vendo os cabellos do joven militar, ao soltarem-se do bonnet, escorrerem-lhe em ondas pelas costas. Era uma mulher.

Ainda ahi não pararam os seus espantos, porque ao ver o rosto da amazona, ficou estupefacto reconhecendo Magdalena.

— Tu aqui, tu!... bradou o guerrilheiro.

— Jayme! exclamou a pobre menina escondendo o rosto nas mãos, e com uma expressão de supremo terror.

Jayme nem atinava com palavras que exprimissem os pensamentos que lhe tumultuavam no espirito. Era um mixto de alegria, de assombro, de raiva.

— Viva, dizia elle, estás viva! E eu que tanto te chorei, que tanto procurei vingar-te. E encontro-te aqui no exercito francez... perdida... Eras tu que eu encontrei em S. Carlos!... Tu, o meu amor, o meu enlevo, a mulher a quem consagrava um culto! Encontro-te assim, vestida d'esse modo, acompanhando o exercito francez! Oh! meu Deus, meu Deus!

Magdalena caira sobre um joelho, e chorava convulsamente.

— Jayme, perdôa-me! dizia ella. Foi a fatalidade, foi esta horrivel guerra que me perdeu! Encontrei-me só, desamparada, aceitei a protecção que me offereciam. Quiz-me livrar da soldadesca... Ah! porque me não mataram elles antes?

— Porque te não matei eu? disse Jayme, soltando um verdadeiro rugido, porque não ateei o fogo d'aquella horrenda egreja, para que as labaredas consummissem tanta abominação, tanta torpeza! Perdida! perdida para sempre! Mas, o que és tu emfim n'este exercito? és uma vivandeira infame? Até onde desceste, Magdalena?

— Porque me offendes, Jayme ? disse Magdalena erguendo-se com altivez. O que fiz por Eugenio não estava prompta a fazel-o por ti ? Não sabias que eu odiava o convento ? Não me dizias tu mesmo que era uma profanação orar a Deus com o pensamento tão longe do claustro ?

— Sim, dizia-te isso, tornou Jayme, porque julguei que me tinhas amor, porque julguei que teus paes te haviam tyrannizado, obrigando-te a quebrares os laços que te prendiam a mim, para te encerrarem no convento ! E eram elles que tinham razão, conheciam, melhor do que eu, a tua indole ! Tu não amas senão o que brilha e seduz ; és uma infernal garrida. Seguias-me para fóra do convento como seguirias qualquer outro, como seguiste esse official francez de quem fallas, se é que ainda estás com o primeiro que te manchou, se é que não tens passado de mão em mão, abandonada e desprezada por esses que se enlevaram na tua formosura fatal.

— Não me insultes, Jayme, repito-te ; e sobretudo não insultes Eugenio, tornou Magdalena com a voz fremente e os olhos inflammados. Segui-o porque o amei, porque o amei como nunca te amára a ti, porque foi o primeiro homem que me fez pulsar o coração...

— Então mentias-me ? bradou Jayme exasperado. Mentiam os teus juramentos ? mentiam as tuas palavras ? mentiam os teus olhares ?

— Não mentia, illudia-me a mim mesma ; não sabia ainda o que era o amor. Tomava por amor a placida afeição, a afeição fraternal que te consagra. Quando Eugenio me appareceu, quando senti a tempestade da paixão que me devastava o peito, foi que percebi a differença immensa que havia entre os dois sentimentos que me tinham povoado a existencia. Segui-o para fóra do convento, e isso não admirava, porque eu nem tinha já asylo, nem queria de modo algum voltar para o claustro gelido que me daria a morte ; mas segui-o tambem depois para longe da patria, e por ahi pôdes ver o amor que lhe consagro ; e, quando o seu regimento foi mandado para Hespanha, segui-o ainda, segui-o com estes trajos, para não o deixar nem sequer nos combates, porque é elle a luz da minha existencia, o meu norte, o meu primeiro e unico amor !

— Oh ! cala-te, Magdalena, exclamou Jayme agarrando-lhe violentamente no braço, cala-te ! não inflammes as paixões selvagens, que me despertaram no espirito, desde que te julguei morta, porque não te queria suppôr perdida. Calate para te não arrependeres das tuas palavras !

— Não tenho de que me arrepender, tornou Magdalena exaltada. Mata-me ; estás no teu direito. Não t'o contesto. É esta a guerrilha da morte, não é ? Não fazem prisioneiros, segundo se diz. Pois bem

eu sou um prisioneiro. Fuzilem-me. E, se os teus homens ainda hesitam, eu lhes tiro as hesitações, bradando : *Vive l'empereur!*

Jayme olhou para ella com um riso sarcástico. Parecia impossivel que esses dois entes já se tivessem amado ; os seus olhares cruzavam-se cham-mejantes de odio, implacaveis, furiosos. Jayme não a amára ; amára a companheira da sua infancia, timida, casta, graciosa, não aquella amazona deservolta, energica, atrevida, que reivindicava como uma gloria o seu peccaminoso amor.

— Estás enganada, Magdalena, se imaginas que tens ainda diante de ti o namorado submisso, que se sujeitava ás tuas minimas vontades, e executava submissamente as tuas ordens. Agora está aqui um homem contra o qual não te aconselho que lutes. Não te mando fuzilar, descança, mas como não quero que ande por esse mundo uma mulher deshonrando o nome portuguez, vou-te encerrar n'um convento de Villa Nova de Gaya, cuja abbadesa conheço, porque é ainda parenta do pobre Bernardim Freire.

— Oh ! nunca, nunca ! bradou Magdalena, antes a morte !

— Os francezes ! gritou ao mesmo tempo a vedeta da guerrilha.

— Ah ! são elles ! exclamou Magdalena ; é o meu bravo Eugenio. Agora rio-me eu das tuas ameaças.

— Veremos se te ris, tornou Jayme placidamente.

Chamou dois dos seus artilheiros e confiou-lhes Magdalena. Tinham-se apoderado de dois cavallos, que vagueavam soltos. Um d'elles sentou Magdalena á força diante de si e agarrou-a. O outro collocou-se ao lado para lhe servir de escolta.

Jayme escolheu tambem um cavallo, e depois fez um signal aos outros guerrilheiros. Estes dispersaram-se logo, e d'ahi a um instante nem havia rastos d'elles.

Já se sentia o galope da cavallaria franceza. Jayme, olhando para traz, divisou ao longe os capacetes dos dragões imperiaes.

Fustigando o cavallo com a espada, partiu a toda a brida. Os dois artilheiros precediam-n'o.

— Covarde! bradava Magdalena debatendo-se nos braços possantes do artilheiro. Não ousas esperar Eugenio! É elle que vem livrar-me! Oh! Deus dê azas aos seus cavallos, para que o meu bravo francez possa punir estes miseraveis.

— Não blasphemes, disse-lhe Jayme seccamente.

— És só corajoso com mulheres! Foges como um villão ruim diante da espada de um homem!

Jayme não respondeu. Sentia-se mais proximo o galope da cavallaria franceza.

Houve um momento em que a bafagem do vento pareceu trazer o som agudo de uma voz que dizia :

— *Madeleine!*

— *Ici ! ici ! Eugène !* bradou Magdalena.

Jayme sentiu os repellões de uma colera insensata. A espada brilhou n'um momento fóra da bainha, mas leu elle nos olhos de Magdalena uma tal expressão de desafio, que o ferro, em vez de ferir Magdalena, assentou de prancha nas ancas do cavallo onde ella ia, e que, exacerbado pela dôr, como que devorou o caminho na desenfreada carreira.

Os arvoredos desapareciam na passagem da cavalgada; Magdalena já não gritava, prestava apenas o ouvido ao rumor longinquo da cavallaria franceza; mas não tardou a ver brilharem as aguas do Ave na Barca de Trofa. Era o extremo limite aonde poderiam decerto chegar os francezes, por mais latitude que Soult tivesse deixado á busca de Eugenio de Seigneurens, e ao desejo que tinham os francezes de vingarem a affronta feita ao exercito pela audaciosa guerrilha. Effectivamente, d'ahi a poucos minutos, Jayme, os dois artilheiros e a sua prisioneira estavam em segurança entre as tropas do barão d'Eben.

Jayme não parou alli; cumprindo a sua palavra, partiu logo, escoltado pelos seus dez artilheiros, para o convento de Villa Nova de Gaya. Durante a viagem nem elle nem Magdalena trocaram uma palavra. Estava cavado um abysmo entre ambos. Jayme entregou Magdalena á abbadessa e, recom-

mendou-lh'a, contando-lhe uma parte da verdade ; disse-lhe que Magdalena era uma freira raptada recentemente n'um convento saqueado pelos francezes, e que vinha procurar na casa do Senhor um asylo penitente onde podesse expiar as culpas involuntarias, e abrigar-se das futuras tempestades.

Depois partiu trocando com Magdalena a fria despedida dos indifferentes. Estava tambem endurecido. No seu coração, devastado por tão longos odios, já não havia logar para o amor ; o seu espirito, que perdêra o habito de perdoar, tornára-se implacavel.

---

## XV

### A CATASTROPHE DA PONTE

O primeiro pensamento de Magdalena, apenas se viu mettida no mosteiro, foi fugir d'elle. Era a sua idéa fixa e constante. Começou procurando fazer escandalo, contando ás suas companheiras que fugira muito por sua vontade com um official francez, e esperando que assim a abbadessa a pozesse



no meio da rua. Esse plano deu-lhe maus resultados. A abbadessa apenas soube da propaganda sediciosa que ella andava fazendo, impoz-lhe uma penitencia muito severa, ameaçando-a, em caso de reincidencia, de a metter n'um *in-pace*. Não era isso o que a Magdalena convinha. Portanto resignou-se, e passou a ser uma freira silenciosa e submissa.

Mas os acontecimentos caminhavam com uma rapidez vertiginosa. Soult avançava sobre o Porto. No dia 26 appareceu diante da cidade. Estava esta defendida por perto de vinte e quatro mil homens, entre soldados de linha, povo e ordenanças; guarneciam duzentas peças as trinta e cinco baterias que formavam as linhas; mas, ao passo que havia no interior do Porto uns poucos de officiaes mais ou menos distinctos, como o barão d'Eben, Champalimaud, Victoria, Parreiras, Lima, quem afinal dirigia a defeza era o fanatico bispo do Porto. Por isso estiveram por um pouco sendo violadas as leis militares, com o fuzilamento de um parlamentarismo que os francezes tinham enviado, e nem houve a necessaria unidade na defeza, nem a ella presidiam considerações estrategicas, mas simplesmente os caprichos tumultuarios dos populares. Assim foi que essa cidade, que havia de adquirir o nome de invicta, e de sustentar o assedio que a immortalizou, conquistaram-n'a oito ou dez mil francezes em tres dias. A 27 e a 28 de março fez Soult algumas

tentativas infructuosas para penetrar no Porto; mas a 29, forçando a bateria da Prelada, entraram os francezes nas ruas, e dispersaram em todos os sentidos a tumultuosa multidão que as defendia.

Do convento de Villa Nova de Gaya seguiam as freiras com anciedade as peripecias d'esta luta, e Magdalena com mais anciedade que nenhuma outra, ainda que guiada por diversos motivos. Escutava com impaciencia o troar da artilheria, que lhe annunciava que ainda os francezes não tinham penetrado na cidade da Virgem. De subito, na manhã do dia 29, espalhou-se no convento um panico: « Estão os francezes no Porto! »

Não se pôde imaginar o terror que se espalhou n'aquella casa pacifica, assim que esta noticia constou. A abbadessa desorientada não falava senão em fugir com as suas monjas; mas, como não tinha tropas portuguezas que as protegessem, porque nas ruas do Porto combatia-se ainda, fechou-se na cella a resar, e deixou as freiras fazer o que quizessem. Ninguem folgou mais com esta permissão tacita do que Magdalena. Quando chegára ao convento, mudára o seu fató de homem por um habito de freira, mas o traje masculino ficára depositado na casa da roupa. Magdalena correu á cella da freira encarregada d'esse serviço, arrancou-lhe a chave do quarto onde a roupa estava, encontrou o seu fato, vestiu-se á pressa, e, sem pensar

em nada mais senão em ir encontrar de novo o seu querido Eugenio, saiu do convento, sem que a madre rodeira a impedisse, porque esta, assim que a viu com o seu traje phantastico-militar, desatou n'um berreiro : « São elles ! Valha-me Santa Barbara ! Estamos perdidas ! » que espalhou o alvoroço do convento, e não pôz obstaculos á saída de Magdalena.

Esta, com o coração a palpitar, e não pensando senão em ver-se livre da clausura, correu na direcção da ponte de barcas, que então ligava ainda as duas margens do Douro. Ouvia-se ao longe o crepitar da fuzilaria, e os gritos confusos da peleja. Grandes magotes de povo atravessavam o rio, fugindo na direcção de Gaya. Magdalena apressou o passo, e metteu-se á ponte. Ninguém reparava n'ella. O seu uniforme, como dissemos, era um uniforme de phantasia, e, n'uma epoca em que abundavam os uniformes de todos os generos, de todas as côres, e de todas as nações, inglezes, portuguezes, hespanhoes, de linha, da milicia, das ordenanças, das guerrilhas ás vezes, ninguém reparava na côr de uma gola ou na forma de um bonnet.

Magdalena caminhava rapidamente, custando-lhe já a passar, porque a multidão affluia cada vez mais profunda. Depois de grande trabalho conseguira emfim chegar até mais de metade da ponte, empregando tambem para isso o systema de pedir,

no seu purissimo portuguez, que a deixassem ir aggregar-se á sua companhia, quando de subito ouve mais proximo o estrondo dos tiros, o tropear dos cavallos, e, pelos arcos da praia rompe uma onda enorme de povo, homens, mulheres, crianças, soltando clamores horrorosos, perseguidos de perto pela cavallaria franceza, e precipitando-se uns na ponte, outros nos barcos amarrados, e atropelando-se na praia, e proferindo imprecações, e implorando a misericordia do Altissimo.

Ao embate d'esta onda de povo não pôde Magdalena resistir; tentar rompê-a seria uma loucura, seria expôr-se a ser immediatamente esmagada. Cedeu-lhe portanto, e entrando na corrente, voltou caminho de Gaya, com o desespero no coração. Mas, de subito, ao peso enorme d'aquella turba quebra-se uma das vergas da ponte, rompem-se uns alcapões, abre-se um enorme boqueirão, e a chusma, que fugia espavorida, cae no turvo abysmo do Douro, soltando um clamor horrisono de dôr e de desesperação.

A multidão, que se seguia, impellida pela propria velocidade, vem ainda sumir-se no boqueirão da ponte. E os outros que ignoram impellem os que estacam horrorisados, e trava-se uma luta pavorosa entre os que fogem dos francezes, e os que não querem cair ao rio. Ao mesmo tempo muitos dos barcos, demasiadamente carregados de passageiros,

viram-se tambem. N'um momento o Douro está coalhado de cadaveres. Os francezes contemplam com assombro da margem esta scena horrorosa. Alguns procuram salvar esses desgraçados, outros porém, impellidos pelo ardor do combate, acabam ás cutiladas os que poderam escapar do desastre da ponte.

E Magdalena? A doida menina, que já estava bem proximo do Porto, quando veiu a onda enorme dos fugitivos, foi, como dissemos, obrigada a retroceder. Pallida, convulsa, sentindo que ia cair de novo nas mãos do homem que a amára, e que era agora o seu mais cruel inimigo, deixava-se ir entregue á fatalidade, quando de subito sente faltar-lhe debaixo dos pés o terreno, e cae desamparada no rio. O instincto da vida animou-a a bracejar um momento para procurar salvar-se, mas com a corrente do Douro era quasi impossivel a luta. Magdalena sentiu um demonio invisivel que a attrahia para si. Viu ainda vagamente, entre as ancias da morte, um barco que uns poucos de remadores impelliam na sua direcção. Depois viu passar, como que á luz de um relampago, todo o panorama da sua vida, a sua descuidosa infancia, a sua casta adolescencia, os seus amores com Jayme, o vulto veneravel de sua mãe, o convento, e o rapido e passageiro periodo dos seus ultimos e ardentes amores. Depois entrou-lhe pela bocca uma golfada de

agua, e logo o seu corpo hirto se baloiçou a capricho da corrente.

O barco aproximou-se, e Jayme (porque era elle, que, deixando a maior parte da guerrilha retirar na direcção de Avintes, embarcára para Villa Nova de Gaya), Jayme, que ao approximar-se para socorrer as victimas, reconhecera o uniforme phantastico de Magdalena, Jayme puchou para si, ajudado pelos artilheiros, o corpo, e procurou por todos os modos chamal-o á vida. Foi tudo inutil. Então, ajoelhando junto do cadaver, e, tomando nas suas as mãos geladas de Magdalena, chorou copiosamente. Eram as primeiras lagrimas que vertia ha muito tempo.

É que, vendo a pobre creança a lutar com as aguas, lembrára-se tambem do seu esplendido passado, comparára rapidamente o futuro que sorrira a Magdalena com o tragico desenlace da sua vida tormentosa, e, esquecendo todas as suas culpas, chorava principalmente a amavel companheira da sua infancia, aquella risonha rapariguinha, a cujos caprichos tanto folgava de obedecer.

.....

No dia immediato, ao cair do sol, n'um campo consagrado junto de Villa Nova de Gaya, enterrava-se o cadaver de Magdalena. Quando o padre, que acompanhára o corpo, acabou de resar as suas ultimas preces, Jayme, ajoelhando sobre a terra re-

volvida de fresco, murmurou, com a voz entrecortada pelos soluços :

— Querida, Deus te perdõe no céu, como eu te perdôo agora as faltas que podeste commetter no mundo. Eras um anjo. Fomos nós que te desnor-teámos a consciencia por egoismo, teus paes encerrando-te n'esse tumulto do claustro, eu aconselhando-te que trahisses o juramento que proferiras, para satisfazer o meu amor. Dorme em paz, pobre martyr, tu que expiaste amargamente os teus erros, e os erros dos outros. Deus perdoou á peccadora porque muito amára; tu amaste loucamente; padeceste n'um momento angustias de annos. Deus se compadeça da tua alma, querida.

Largo tempo esteve alli Jayme orando e meditando. Já estivera no convento de Gaya, soubera da fuga de Magdalena, e adivinhára facilmente o que lhe não tinham dito. Magdalena morrera victima do apaixonado amor que votára ao estrangeiro que a seduzira.

Emfim levantou-se e partiu. Benito esperava-o a pouca distancia com dois cavallos á mão.

— Vou dissolver a guerrilha da morte, meu bom Benito, disse Jayme quando montava a cavallo.

— Oh! exclamou Benito radiante de jubilo, e voltamos para nossas casas?

— Eu não; vou combater pela minha patria como soldado, e não como assassino. Não quero mais

guerra selvagem. As idéas de patria e de humanidade podem e devem conciliar-se.

— Mas a vingança que o attrahia?... perguntou Benito espantado.

— Levava-a ainda ha pouco a referver-me no peito; mas debrucei-me para um tumulto, e ouvi uma voz que me dizia « Misericordia ».

E, enterrando as esporas no cavallo, partiu rapidamente na direcção do sul <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Entre os livros que me serviram de base para este estudo historico-romantico, pede a gratidão que eu cite os preciosos *Excerptos historicos da guerra da Peninsula* do meu excellente amigo o sr. Claudio de Chaby. É um livro abundantissimo em noticias curiosas e até hoje ignoradas, e escripto muito agradavelmente. Este consciencioso e bello trabalho dá ao sr. Claudio de Chaby um logar importante na nossa litteratura historica.

FIM.



# INDICE

## DO QUE SE CONTÉM N'ESTE VOLUME

---

Dedicatória da empresa.....	5
Carta do Visconde de Castilho.....	9
Introducção do sr. Innocencio.....	17

### OS GUERRILHEIROS DA MORTE :

Capitulo I—O embaixador inglez.....	41
II—O tratado de Fontainebleau.....	59
III—A partida para o Brazil.....	72
IV—No theatro do Salitre.....	95
V—Jayme Cordeiro de Altavilla.....	107
VI—A marcha de Junot.....	121
VII—Influencia de Napoleão nos amores de Jayme.....	141
VIII—Um outeiro em Evora.....	165
IX—O saltimbanco hespanhol.....	181
X—A vingança de Loison.....	193
XI—Os milagres de Benito.....	212
XII—Uma opera de Marcos Portugal.....	228
XIII—O peccado de Magdalena.....	250
XIV—Morte de Bernardim Freire — Encontro de Magdalena.....	263
XV—A catastrophe da ponte.....	288



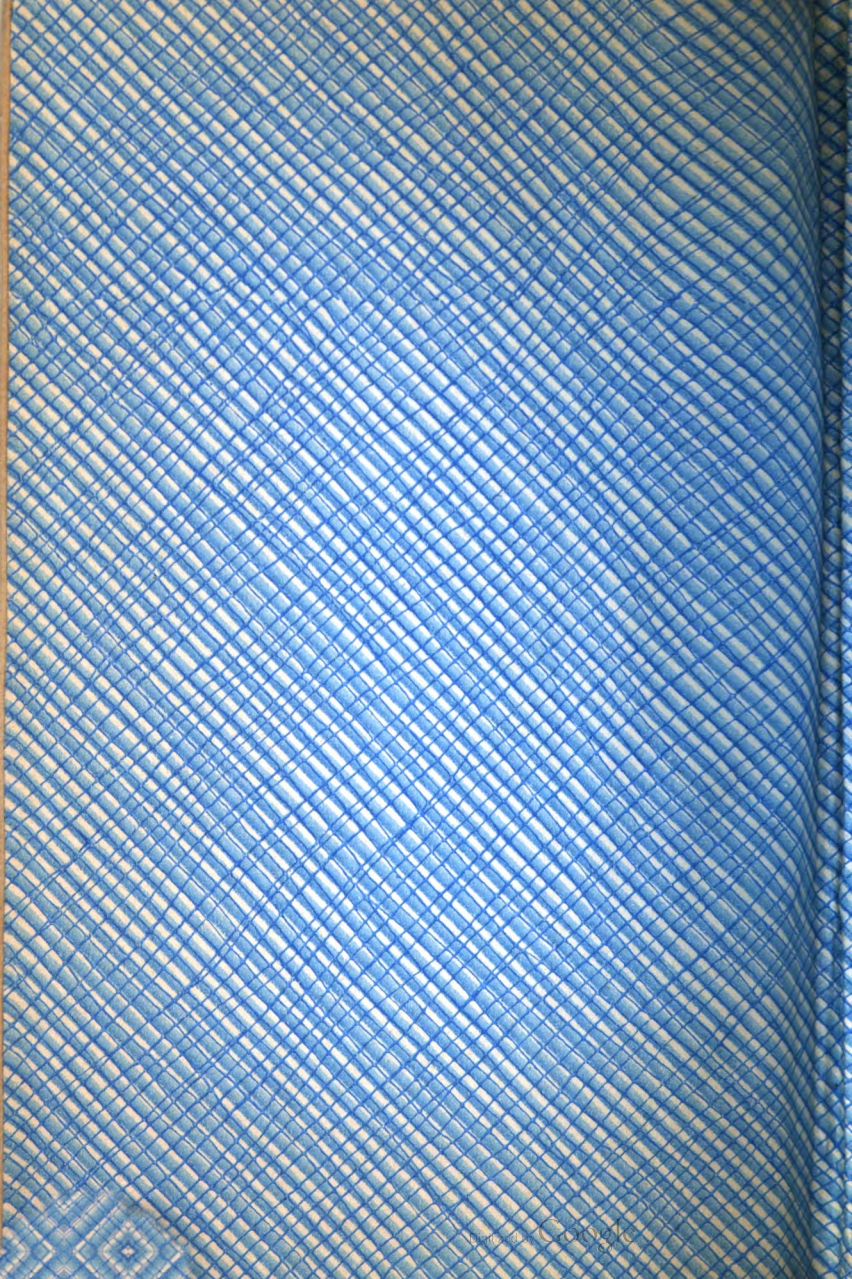
---

**A propriedade d'este romance no Brazil pertence ao Ill.<sup>mo</sup>  
Sr. Luiz Francisco Pinto, residente no Rio de Janeiro**

---









GENERAL LIBRARY - U.C. BERKELEY



8000262626

